

EDUCA JUNTOS

LÍNGUA PORTUGUESA

CADERNO DE ORIENTAÇÕES
DIDÁTICAS PARA O PROFESSOR

1º ano - Volume Único



**GOVERNO DO PARANÁ
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO**

EDUCA JUNTOS

**Caderno de Orientações Didáticas para o Professor
Primeiro ano**

**CURITIBA
SEED/PR
2023**

Depósito legal na Fundação Biblioteca Nacional, conforme Lei n. 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

É permitida a reprodução total ou parcial desta obra, desde que citada a fonte.

Educa juntos, Caderno de orientações didáticas para o professor - primeiro ano.
Educa juntos, Coletânea de atividades do aluno - primeiro ano, v.1
Educa juntos, Coletânea de atividades do aluno - primeiro ano, v.2

CATALOGAÇÃO NA FONTE

Ficha catalográfica elaborada por Rita de Cassia
Teixeira Gusso CRB 9./647

Paraná. Secretaria de Estado da Educação e do Esporte.

P223

Educa juntos : língua portuguesa / Secretaria de Estado da Educação e do Esporte. – Curitiba : SEED – PR, 2021. – 210 p. (Caderno de orientações didáticas para o professor ; primeiro ano).

1. Ensino fundamental-Anos iniciais-Paraná. 2. Alfabetização-Paraná. 3. Educação-Paraná. 4. Ensino fundamental-Paraná. 5. Ensino fundamental-Currículo-Paraná. I. Coletânea de atividades-Aluno. II. Secretarias Municipais de Educação-Paraná. III. Secretaria de Estado da Educação e do Esporte. Diretoria de Educação-Paraná. IV. Título.

CDD370
CDU37(816.2)

Secretaria de Estado da Educação
Av. Água Verde, 2140 - Vila Izabel
80240-900 - Curitiba - PR
Telefone: 41 3340-1500

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Governador do Estado do Paraná
Carlos Massa Ratinho Junior

Secretário de Estado da Educação*
Roni Miranda Vieira

Diretora Geral**
Louise Caroline Campos Löw

Diretor de Educação***
Anderfabio Oliveira dos Santos

Departamento de Desenvolvimento Curricular****
Ane Carolina Chimanski

Núcleo de Cooperação Pedagógica com Municípios
Eliane Bernardi Benatto

Agradecemos à Secretaria de Estado da Educação de São Paulo por ceder e autorizar a adaptação e edição do Material “Ler e Escrever” para a utilização da Secretaria de Estado da Educação e das Secretarias Municipais de Educação do Estado do Paraná.

Este material, que faz parte do Programa “Educa Juntos”, foi adaptado pela Equipe Técnica Pedagógica da Secretaria de Estado da Educação, em colaboração com as Secretarias Municipais de Educação do Paraná.

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

***Secretário de Estado da Educação** - Renato Feder (Gestão 2019 - 2022)

****Diretor Geral** - Vinícius Mendonça Vieira (Gestão 2021 - 2022)

*****Diretor de Educação** - Roni Miranda Vieira (Gestão 2021 - 2022)

******Departamento de Desenvolvimento Curricular** - Anderfabio Oliveira dos Santos (Gestão 2021 - 2022)

COORDENAÇÃO, REVISÃO, EDIÇÃO E ADAPTAÇÃO DOS MATERIAIS “LER E ESCREVER” PARA O MATERIAL “EDUCA JUNTOS” DA SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO E SECRETARIAS MUNICIPAIS DE EDUCAÇÃO DO PARANÁ.

Secretaria de Estado da Educação

Apoio Técnico Pedagógico

Adilson Carlos Batista (DDC)
Alexandra Maria dos Santos (DDC)
Ana Paula Istschuk (DDC)
Cleusa Salete dos Santos Curcel (NCPM)
Eliane Alves Bernardi Benatto (NCPM)
Estêvão Emmanuel Pinheiro (DEDUC)
Helen Jossania Goltz (NCPM)
Ionara Blotz (DEDIDH)
Liége Andréa Buck (NCPM)
Lucélio Helder Cherubim (DEE)
Marcio Marchioro (DEDIDH)
Maria Daise Taschetto Rech (DEDIDH)
Maria Regina Bach (DDC)
Mariza Andrade Silva (NCPM)
Mauricio Pastor dos Santos (NCPM)
Melissa Colbert Bello (DEDIDH)
Michelle Moreira dos Santos (NCPM)
Michely Torquato Busatta (NCPM)
Raphael Rodrigues Silverio (NCPM)
Renata Aparecida Quani (NCPM)
Ricardo Hasper (DTI)
Similaine Sibeli da Silva (DDC)
Tatiane Valéria Rogério de Carvalho (DEDUC)

Projeto Gráfico:

Fernanda Serrer (Educaplay)

Ilustração:

Edney Ricardo Cavichioli (Educaplay)
Jocelin Vianna (Educaplay)
Leandro Alves de Almeida (Educaplay)
Will Stopinski (Educaplay)

Diagramação:

Adriana Kalinowski (Educaplay)
Brendha Gonçalves (Educaplay)
Edna do Rocio Becker (DTI)
Joise Nascimento (ACS)
William de Oliveira (Educaplay)

Instituições parceiras

UEM – Universidade Estadual de Maringá

Marta Chaves

UEPG – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Cristiane Aparecida Woytichoski
Patrícia Lucia Vosgrau de Freitas

UFJF – Universidade Federal de Juiz de Fora

Hilda Aparecida Linhares da Silva Micarello

Secretarias Municipais de Educação

Apoio Técnico Pedagógico

Adriane Aparecida Carneiro de Jesus - SME Castro
Adriane Cavatoni Vicario - SME Santo Antônio da Platina
Ana Lucia Gerhards Carrico - SME Castro
Andréia Soares Alexandre - SME Itambaracá
Caroline Maria dos Santos - SME Cruzeiro do Iguaçu
Celia Regina Ferreira da Silva Ianiski - SME Fazenda Rio Grande
Cleonice Aparecida Scalco Favero - SME Pérola
Daniella Talarico de Oliveira - SME Lidianópolis
Eliandra dos Santos Aguiar - SME Pérola
Eliane Dal Pisol - SME Prudentópolis
Eliane Moreira da Silva - SME Cianorte
Elis Regina Calegari - SME Francisco Beltrão
Evanise Tomacheski - SME Laranjeiras do Sul
Fabiana Fernanda Steigenberger - SME Rolândia
Francielle Souza de Medeiros Azevedo - SME Londrina
Jociane de Souza Stavshi - SME Cruzeiro do Iguaçu
Jorge Lopes da Silva - SME Nova América da Colina
Ligiane Follmann - SME Missal
Lilian Fávoro Alegrância Iwasse - SME Nova Esperança
Loise Rizzieri - SME Francisco Beltrão
Luciana Cecília Basso - SME Pontal do Paraná
Luciana da Silva Colle - SME Araruna
Luciane Ribeiro da Silva Fadel - SME Ibaiti
Marcelo de Oliveira - SME Nova Esperança
Margarete Inês Cappellesso Viganó - SME Cruzeiro do Iguaçu
Maria Lucimar Canalli - SME Candói
Maria Sonia Celini - SME Pérola
Marilda Mariano da Silva - SME Loanda
Niucelene Masiero Isoton - SME Bituruna
Onilda Andrade de Almeida Barbosa - SME Cruzeiro do Oeste
Rafaeli Constantino Valêncio Peres - SME Londrina
Roseli de Souza Martins - SME Araruna
Rosimeire Luchetti Chiodi - SME Cianorte
Rozana Salvaterra Izidio - SME Nova Esperança
Sandra Regina Rocha - SME Telêmaco Borba
Silvana Cordeiro - SEMEC Campo Magro
Sônia Mara Gonçalves - SEMEC Campo Magro
Sueli de Souza de Oliveira - SME Rondon
Tania Marisa Zamai de Arruda - SME Loanda
Valdinete Santana Gavenda - SME São Pedro do Iguaçu
Veridiana do Nascimento Amaral - SME Maringá
Viviane Cristina Wantuk Stawinsk - SEMEC Campo Magro

Colaboradores

Fabiana Marques Pedrosa - Brasópolis - MG
Raphael Rodrigues Silverio - Curitiba - PR

PREZADO(A) PROFESSOR(A),

O Programa Educa Juntos é uma parceria entre o Governo do Estado do Paraná - por meio da Secretaria de Estado da Educação (Seed) - e as prefeituras Municipais - por meio das redes municipais de ensino -, que tem como objetivos ampliar o suporte técnico e pedagógico oferecido aos municípios, bem como promover ações colaborativas na Educação, a fim de melhorar a qualidade de ensino dos estudantes do Paraná.

Dentre as ações previstas no Programa, está a distribuição, em 2020, do material complementar de apoio didático aos primeiros e segundos anos do Ensino Fundamental das redes públicas municipal do Paraná. Este material, editado pela Seed, é adaptado do material “Ler e Escrever”, cedido pela Secretaria de Estado da Educação de São Paulo por meio de parceria estabelecida entre os Estados.

A escolha desse material deve-se ao trabalho de Língua Portuguesa em suas práticas sociais e à apresentação de sua proposta de alfabetização na perspectiva do letramento. Cabe destacar que ele não se configura como um livro didático, mas de um recurso didático que traz subsídios que contribuem com a ação docente e atividades a serem desenvolvidas em sala de aula, o que amplia, ainda mais, as possibilidades de desenvolvimento pedagógico relacionadas à aprendizagem de leitura e escrita de nossos estudantes.



Este é o início do trabalho de integração com os anos iniciais, política já prevista no Plano Nacional de Educação Meta 07 – “Fomentar a qualidade da educação básica em todas as etapas e modalidades” e na Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017), como perspectiva de pensar o ensino de forma integrada e num processo contínuo de aprendizagem.

É importante salientar que, ao longo de 2019, já foram fomentadas diversas ações de integração com os municípios: formação para professores por meio do Conexão Professor em Ação; Prova Paraná para os quintos anos e anos finais do Ensino Fundamental; Avaliação de fluência para os segundos anos; e assistência técnica para monitoramento dos Planos Municipais de Educação.

Os caminhos estão abertos e os instrumentos colocados à disposição de todos. Tenho a certeza e a confiança de que juntos possamos prover qualidade de educação para todos os estudantes do Paraná.

UM ABRAÇO,

RONI MIRANDA VIEIRA

**SECRETÁRIO DA EDUCAÇÃO
DO PARANÁ**



O MATERIAL



Está organizado em quatro blocos:

- O primeiro bloco traz a concepção de alfabetização e letramento e as práticas sociais de leitura, oralidade e escrita.
- O segundo bloco traz os objetivos de aprendizagem, alinhados ao Referencial Curricular do Paraná e a avaliação formativa.
- O terceiro bloco traz uma proposta de organização da rotina, de leitura e escrita contemplando situações didáticas de reflexão sobre o sistema de escrita alfabético.
- O quarto bloco apresenta as situações de aprendizagem que envolvem atividades permanentes e buscam concretizar os objetivos de aprendizagem em situações didáticas. Traz projetos integradores e sequências didáticas para serem desenvolvidas ao longo do ano letivo, voltados para a formação de leitores e produtores de textos, conectados às práticas sociais. Tais atividades são acompanhadas da descrição de um planejamento que especifica os objetivos de aprendizagem, traz a proposta para o encaminhamento em sala de aula, bem como sugere possibilidades de ampliação e de mediação do professor.

As situações didáticas apresentadas rompem com a ideia de que apenas quem lê e escreve convencionalmente pode fazê-lo. Proporciona atividades desafiadoras e, ao mesmo tempo, possíveis de serem realizadas.

Esperamos que este material ajude não apenas a planejar seu dia a dia com seus alunos, mas, principalmente, a tornar este ano da escolaridade repleto de experiências de sucesso, deixando as crianças confiantes na sua capacidade de aprender e os professores seguros em suas competências de ensinar.

Para os fins a que se propõe este material, é necessário que tenhamos alinhados alguns diálogos referentes à ação pedagógica, no que diz respeito à concepção de **Alfabetização** em uma perspectiva de **Letramento**, às **crianças** em processo de alfabetização, e ao nosso papel enquanto **professores alfabetizadores**.

BOM TRABALHO!

SUMÁRIO

BLOCO 1

Introdução	16
Concepção de alfabetização na perspectiva do letramento.....	17
Sala de Aula: Um Espaço Alfabetizador	20
A criança e o processo de alfabetização	20
Os professores alfabetizadores	21

BLOCO 2

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E AVALIAÇÃO FORMATIVA	23
Objetivos de Aprendizagem do Referencial Curricular do Paraná	24
Avaliação das aprendizagens	33
Hipóteses de escrita.....	35

BLOCO 3

PROPOSTA DE ROTINA PEDAGÓGICA.....	37
Elaboração de rotinas de alfabetização na organização do processo de ensino-aprendizagem	38
A rotina do primeiro ano.....	41

BLOCO 4

Situações de aprendizagem que compõem a rotina do 1º ano	47
Espaços de atividades diversificadas	48
Reorganização do espaço físico	49
Organizando os espaços de atividades diversificadas	49
Situações de leitura	50
O que os alunos aprendem nas situações em que o professor lê para eles	51
ATIVIDADE 1	52
O alfabeto	54
ATIVIDADE 1A	57
ATIVIDADE 2	58
Situações de leitura e escrita de nomes próprios	61
Práticas didáticas para as situações de leitura e escrita de nomes dos colegas da classe	63



ATIVIDADE 3	67
ATIVIDADE 4	69
ATIVIDADE 5	69
ATIVIDADE 6	71
ATIVIDADE 7	74
ATIVIDADE 8	76
ATIVIDADE 9	78
ATIVIDADE 10	78
ATIVIDADE 10A.....	79
Práticas de leitura/escuta e escrita na produção de textos.....	80
ATIVIDADE 11	82
Práticas de escrita pelo aluno.....	84
Práticas de leitura pelo aluno.....	85
ATIVIDADE 12	86
VARIAÇÕES DA ATIVIDADE COM O USO DA COLETÂNEA DE ATIVIDADES DO ALUNO - COMPLEMENTARES	88
PROJETO DIDÁTICO: BRINCADEIRAS TRADICIONAIS	89
Por que resgatar as brincadeiras tradicionais?.....	90
O resgate das brincadeiras infantis e a aprendizagem da língua e linguagem	91
Etapa 1	
Apresentação	93
ATIVIDADE 1A	94
ATIVIDADE 1B	95
ATIVIDADE 1C	97
ATIVIDADE 1D	98
Etapa 2	
Aprender brincadeiras a partir da leitura de textos instrucionais pelo professor	99
ATIVIDADE 2A	100
ATIVIDADE 2B	101

Etapa 3

Dia da brincadeira - socialização das brincadeiras	103
ATIVIDADE 3A	103

PROJETO DIDÁTICO:

CULTURA DOS POVOS INDÍGENAS: O COTIDIANO DAS CRIANÇAS 105

Por que realizar um projeto que envolva o estudo dos povos indígenas?	106
---	-----

Etapa 1

Aproximação ao tema, levantamento dos conhecimentos prévios e apresentação do projeto	109
ATIVIDADE 1A	109
ATIVIDADE 1B	112

Etapa 2

Conhecendo aspectos gerais da cultura dos povos indígenas	115
ATIVIDADE 2A	115
ATIVIDADE 2B	119
ATIVIDADE 2C	127
ATIVIDADE 2D	130
ATIVIDADE 2E	132

Etapa 3

A cultura dos povos indígenas do Paraná e a leitura de diferentes gêneros textuais	137
ATIVIDADE 3A	137
ATIVIDADE 3B	142
ATIVIDADE 3C	145
ATIVIDADE 3D	150
ATIVIDADE 3E	153
ATIVIDADE 3F	155



Etapa 4

COMO AS CRIANÇAS INDÍGENAS APRENDEM E BRINCAM? ANÁLISE DE IMAGENS E ESTUDO DE LEGENDAS	157
ATIVIDADE 4A	157
ATIVIDADE 4B	160
ATIVIDADE 4C	166
ATIVIDADE 4D	170
ATIVIDADE 4E	173
ATIVIDADE 4F	180



Etapa 5

Planejar, organizar e participar de uma exposição.....	182
ATIVIDADE 5A.....	182
ATIVIDADE 5B.....	183
ATIVIDADE 5C.....	184
ATIVIDADE 5D.....	186
ATIVIDADE 5E.....	187
ATIVIDADE 5F.....	188

ANEXOS

ANEXO 1	190
ANEXO 2	195
ANEXO 3	196
ANEXO 4	200
ANEXO 5	201

REFERÊNCIAS	203
--------------------------	------------



BLOCO 1

INTRODUÇÃO





INTRODUÇÃO

Os resultados das últimas avaliações nacionais em larga escala apontam um aumento dos níveis de aprendizagem dos alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental, porém, mesmo com esse avanço, ainda não chegamos aos resultados desejados, principalmente na aquisição da leitura e da escrita.

O não alcance desses resultados evidencia que não estamos garantindo o direito de aprendizagem de nossos alunos, direito, este, evidenciado em vários documentos legais e orientadores das práticas pedagógicas escolares.

Tal situação torna urgente ações que priorizem processos de ensino e aprendizagem que tragam sucesso de vida escolar em nossas salas de aula alfabetizadoras. Outras ações estão vinculadas às legislações pertinentes a esta discussão, principalmente, no que se refere à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), (BRASIL, 2017), ao estipular que a alfabetização deve ocorrer até o segundo ano do Ensino Fundamental:

[...] nos dois primeiros anos desse segmento, o processo de alfabetização deve ser o foco da ação pedagógica. Afinal, aprender a ler e escrever oferece aos estudantes algo novo e surpreendente: amplia suas possibilidades de construir conhecimentos nos diferentes componentes, por sua inserção na cultura letrada, e de participar com maior autonomia e protagonismo na vida social. (BRASIL, 2017, p. 61).

Diante do exposto, o objetivo deste material é o de contribuir para o fortalecimento das ações alfabetizadoras nas turmas de primeiros e segundos anos do Ensino Fundamental do Estado do Paraná.

Para que este fortalecimento ocorra de maneira a atingir melhores resultados nos processos escolares, é necessário um trabalho coletivo entre os entes federados, neste caso, Estado e municípios, bem como entre diretores escolares, coordenadores pedagógicos, professores e alunos.

O trabalho coletivo está expresso neste material, que foi (re)significado e organizado por vários professores, os quais possuem um objetivo em comum, que é o de ver nossas crianças lendo o mundo que as cerca.



CONCEPÇÃO DE ALFABETIZAÇÃO NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO

Soares (2004, p. 14) afirma que os processos de alfabetização e letramento são indissociáveis e não devem acontecer de forma independente: a alfabetização desenvolve-se no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, em contextos de letramento; e este, por sua vez, requer a aprendizagem das relações fonema-grafema para se efetivar de maneira plena a experiência dos sujeitos. Desse modo, a indissociabilidade entre a alfabetização e letramento deve ser objeto de atenção de uma proposta de alfabetizar letrando.

Nessa perspectiva, os processos de alfabetização acontecem individual e coletivamente, pois ao mesmo tempo em que é uma construção subjetiva do conhecimento da língua pela criança, como nos explica Emília Ferreiro em sua teoria da Psicogênese da Língua Escrita, também é uma construção coletiva, à medida que estabelece relações e representações com as práticas sociais do uso da língua.

Soares (2000) destaca que é possível promover um ensino que alie as especificidades destes dois processos: o alfabetizar e o letrar:

Se alfabetizar significa orientar a criança para o domínio da tecnologia da escrita, letrar significa levá-la ao exercício das práticas sociais de leitura e de escrita. Uma criança alfabetizada é uma criança que sabe ler e escrever; uma criança letrada (tomando este adjetivo no campo semântico de letramento e de letrar, e não com o sentido que tem tradicionalmente na língua, este dicionarizado) é uma criança que tem o hábito, as habilidades e até mesmo o prazer de leitura e de escrita de diferentes gêneros de textos, em diferentes suportes ou portadores, em diferentes contextos e circunstâncias. [...] Alfabetizar letrando significa orientar a criança para que aprenda a ler e a escrever levando-a a conviver com práticas reais de leitura e de escrita [...] (JORNAL DO BRASIL - 26/11/2000).

Então, o planejamento das práticas alfabetizadoras necessita alinhar esses conceitos para que se oportunizem às crianças adquirir as habilidades





necessárias para a compreensão do funcionamento da língua em práticas sociais comunicativas. Tornam-se relevantes nesta proposta de Alfabetização e Letramento atividades intencionais que estimulem o desenvolvimento da consciência fonológica, necessária à apropriação do **Sistema de Escrita Alfabética (SEA)** e à produção e interpretação de distintos gêneros textuais.

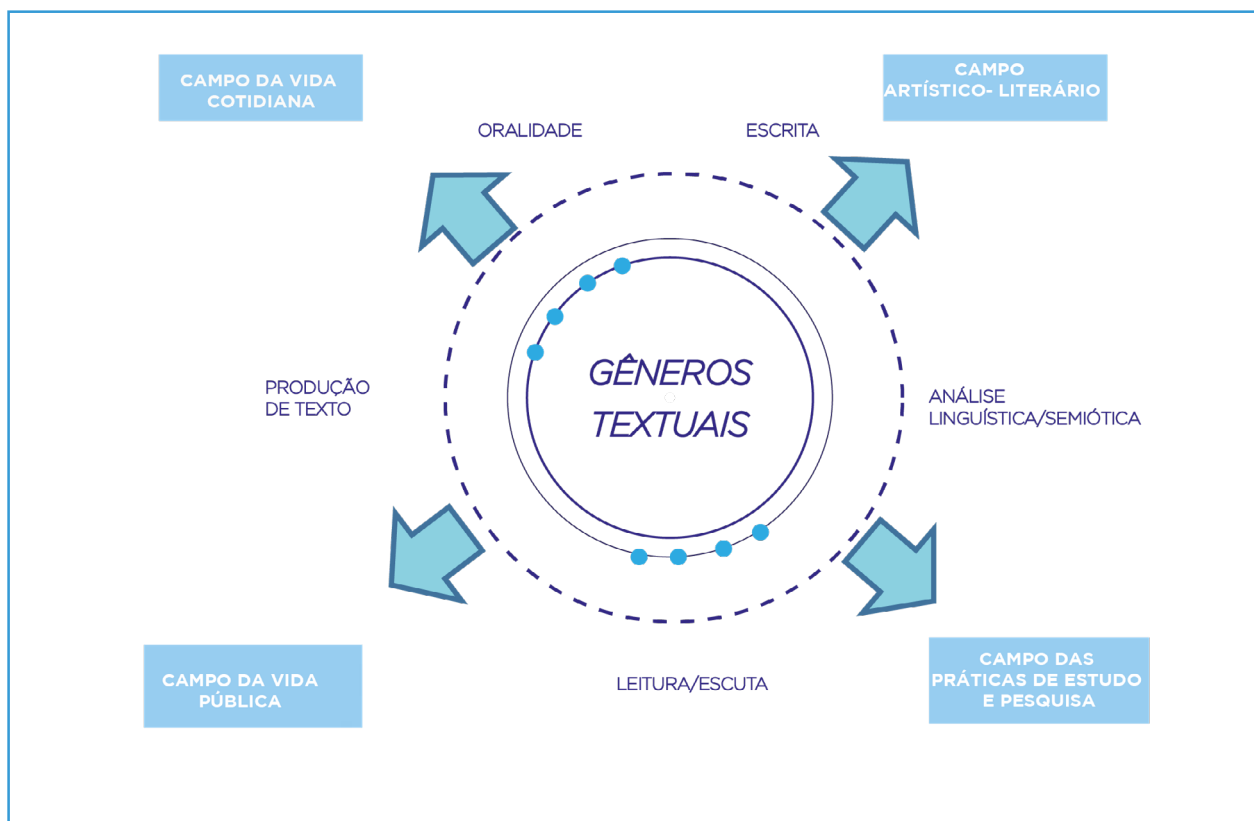
Segundo José Morais (1996), **consciência fonológica** é uma habilidade metalinguística que se refere à representação consciente das propriedades fonológicas e das unidades constituintes da fala, incluindo a capacidade de refletir sobre os sons da fala e sua organização na formação das palavras. No entanto, é importante ressaltar que não estamos defendendo atividades pedagógicas isoladas para o desenvolvimento das relações grafofônicas, mas sim, a necessidade de incorporarmos nas práticas alfabetizadoras tais relações.

Para Galvão e Leal (2007), a alfabetização é um processo de construção de hipóteses sobre o funcionamento do **Sistema Escrita Alfabética**. Para aprender a ler e a escrever, o aluno precisa participar de situações que o desafiem, que coloquem a necessidade da reflexão sobre a língua, que o leve, enfim, a transformar informações em conhecimento próprio.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), (2017) e o Referencial Curricular do Paraná (RCP), (2018) apresentam o texto como centro do ensino para a Língua Portuguesa, sendo assim, é preciso garantir a participação dos alunos nas práticas de linguagem (oralidade, leitura/escuta, produção de texto e análise linguística), em atividades vivenciadas cotidianamente contemplando os diversos campos de atuação: Campo da Vida Cotidiana, Campo Artístico-Literário, Campo da Vida Pública, Campo das Práticas de Estudo e Pesquisa, tais como: agenda, listas, bilhetes, lendas, contos, fábulas, notícias, reportagens, relatos gráficos, tabelas, infográficos, entre outros.



“A CENTRALIDADE DO TEXTO COMO UNIDADE DE TRABALHO”



A BNCC (2017) e o RCP (2018) apontam a centralidade do texto como unidade de trabalho no ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa, de modo a relacionar os textos aos seus contextos de produção por meio das cinco práticas de linguagem, tais como: práticas de oralidade, leitura/escuta, escrita, produção textual e análise linguística/semiótica desenvolvidas com as crianças, no processo de apropriação da língua materna. A aprendizagem, que contempla o texto como centro do ensino, provoca avanços no conhecimento, de maneira significativa e contextualizada, principalmente, na compreensão dos usos sociais da leitura e escrita.

O trabalho com esta diversidade de textos deve envolver tanto a leitura quanto a escrita. A produção de texto pelas crianças é uma atividade complexa, que exige do professor um ensino sistemático, que possibilite ao aluno vivenciar situações frequentes de escrita (LEAL, 2007), pois a frequência com que escrevemos é fundamental para que possamos desenvolver as capacidades imprescindíveis a essa atividade.





SALA DE AULA: UM ESPAÇO ALFABETIZADOR

As salas de aula alfabetizadoras precisam ser espaços ricos em oportunidades de vivências das diversas linguagens, principalmente da linguagem escrita, pois esse espaço é um importante colaborador no processo de aquisição da leitura e da escrita pelos nossos alunos.

Livros, literaturas, cartazes, jornais, revistas, textos dos diversos gêneros, alfabetos móveis, silabários móveis, jogos de letras, globos, mapas, brinquedos compõem um ambiente propício para que a criança se envolva com o mundo da escrita, e inicie sua compreensão da língua e de seu uso em práticas comunicativas.

Esse espaço alfabetizador é construído continuamente pelo professor e por seus alunos, à medida que as ações pedagógicas permitam estabelecer relações com o desconhecido, questionando, (re)organizando pensamentos e (re)elaborando hipóteses.

Toda essa produção (desenhos, textos coletivos e individuais, painéis com nome dos alunos, registro de rotinas, calendário diário, entre outros) precisa estar exposta na sala. Então, um espaço genuinamente alfabetizador não está pronto ao início do ano letivo, mas ele conta com a ação conjunta de seus protagonistas, professores e alunos.

A CRIANÇA E O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

As crianças chegam ao Ensino Fundamental com experiências diversas e significativas, por isso, precisam ser acolhidas nas salas de aula alfabetizadoras com um olhar voltado para suas singularidades, para suas potencialidades e, principalmente, para suas necessidades específicas. Olham o mundo a sua maneira, e o interpretam a partir de suas vivências, das suas experiências familiares, sociais e escolares. Por isso, é necessária a criação de um ambiente escolar onde a infância possa ser vivida em toda a sua plenitude, um espaço e um tempo de encontro entre os seus próprios espaços e tempos de ser criança





também na escola (NASCIMENTO, 2007), e que garanta a apropriação da leitura e da escrita em suas práticas cotidianas, de forma responsiva.

Esta criança precisa ser envolvida por um currículo que privilegie o brincar como um dos eixos base do seu trabalho pedagógico, entendendo que a infância é fase única e importante para o seu desenvolvimento biológico e social. Neste sentido, é imprescindível pensar a transição entre a Educação Infantil e o Ensino Fundamental, garantindo às crianças seus direitos de brincar e de aprender.

Portanto, é necessário que o brincar integre a metodologia do professor, ao trazer para suas aulas brincadeiras, devem ser direcionadas por meio de gêneros textuais, como: parlendas, cantigas, regras de jogo, entre outros. O professor precisa compreender que ao trabalhar esses gêneros deve realizar a brincadeira com seu aluno para que ele possa experienciar o lúdico e, concomitantemente, possibilitar o desenvolvimento da função social da escrita.

OS PROFESSORES ALFABETIZADORES

Para consolidar os processos de alfabetização em uma perspectiva de letramento, a mediação do professor é elemento significativo para um bom desenvolvimento do aluno em suas práticas de leitura e escrita. Por isso, essa mediação não pode ser caracterizada por ações pedagógicas baseadas no imprevisto, precisam ser planejadas com intencionalidade pedagógica.

A ação intencional de alfabetizar, a partir dos usos sociais da língua, necessita conhecimentos específicos sobre os métodos e procedimentos que pretende utilizar e a estruturação de um planejamento didático que corresponda a essa intencionalidade.

A partir das discussões realizadas sobre Alfabetização na perspectiva do Letramento, é necessário que o professor compreenda esses dois fenômenos, apesar de complexos, são interdependentes. E sua ação precisa abarcar os dois, estabelecendo estreita relação de sentido a partir de ações cotidianas.

Nesse sentido, o entendimento que, [...] tanto a alfabetização quanto o letramento têm diferentes dimensões, ou facetas, a natureza de cada uma delas demanda uma metodologia diferente, de modo que a aprendizagem inicial da





língua escrita exige múltiplas metodologias, algumas caracterizadas por ensino direto, explícito e sistemático (SOARES, 2003, p. 16).

Para que o professor consiga materializar esse pensamento, é necessário considerar a natureza dos métodos escolhidos, seus aspectos conceituais, especificidades metodológicas que permitam sua efetivação, e assim contribuam para os diferentes ritmos de aprendizagem de seus alunos.

Outro aspecto importante dessa compreensão, é que o professor esteja em constante estudo e aprendizagem, tornando-se protagonista de suas ações alfabetizadoras, e principalmente, oportunizando que seu aluno também seja.



BLOCO 2

+ OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E AVALIAÇÃO FORMATIVA





OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM DO REFERENCIAL CURRICULAR DO PARANÁ

O Referencial Curricular do Paraná (2018), documento elaborado a partir da BNCC, define-se pelos aspectos legal e normativo, propondo princípios orientadores da Educação Básica a serem considerados na elaboração do currículo. Esses princípios visam à garantia dos direitos e objetivos de aprendizagem dos estudantes, em cada etapa e ano de estudo. No âmbito da prática docente, os direitos e objetivos de aprendizagem possibilitam planejar e orientar os avanços do ensino e das aprendizagens com intencionalidade didática e pedagógica. Ao planejar, o professor precisa estabelecer a relação entre os conteúdos e os objetivos de aprendizagem. Assim, a metodologia, a abordagem, as premissas utilizadas e as estratégias serão essenciais para a garantia das aprendizagens pretendidas.

- **(EF01LP01)** Reconhecer que textos são lidos e escritos da esquerda para a direita e de cima para baixo da página, sendo essa uma regra específica do nosso sistema linguístico, a fim de organizar e unificar a escrita.
- **(EF01LP02)** Escrever, espontaneamente ou por ditado, com a mediação do professor, palavras e frases de forma alfabética – usando letras/grafemas que representem fonemas, para que se efetive a compreensão dessa relação.
- **(EF01LP03)** Observar escritas convencionais, comparando-as às suas produções escritas, de forma a perceber semelhanças e diferenças, com a intervenção do professor.
- **(EF01LP04)** Distinguir as letras de outros sinais gráficos, a fim de compreender o alfabeto e perceber sua funcionalidade na escrita.
- **(EF01LP05)** Reconhecer o sistema de escrita alfabética como representação, em alguns casos, dos sons da fala, para apropriação gradual do sistema da escrita, de modo a compreender a importância do sistema de escrita alfabética para a comunicação.





- **(EF01LP06)** Segmentar oralmente palavras em sílabas, a fim de perceber essa característica de composição dos vocábulos e utilizá-las adequadamente nas reescritas coletivas, com a mediação do professor.
- **(EF01LP07)** Identificar fonemas e sua representação gráfica, como princípio básico para aquisição do código escrito.
- **(EF01LP08)** Relacionar elementos sonoros (sílabas, fonemas, partes de palavras) com sua representação escrita, visando à apropriação do sistema alfabético, como meio de comunicação e de representação de ideias.
- **(EF01LP09) (EF01LP13)** Comparar palavras, identificando semelhanças e diferenças entre sons de sílabas iniciais, mediais e finais, a fim de compreender essa especificidade na formação de palavras.
- **(EF01LP10)** Nomear as letras do alfabeto e recitá-lo na ordem das letras e de forma aleatória, a fim de, progressivamente, dominar o sistema de escrita alfabético.
- **(EF01LP11)** Conhecer, diferenciar e relacionar letras em formato imprensa e cursiva, maiúsculas e minúsculas, para identificar, gradativamente, diferentes formas de uso e traçado.
- **(EF01LP12)** Reconhecer, com a mediação do professor, a separação das palavras, na escrita, por espaços em branco e segmentar adequadamente as palavras em sílabas, a fim de empregar corretamente a segmentação em suas produções.
- **(EF01LP14)** Identificar e utilizar, de forma gradativa, outros sinais no texto além das letras, como pontos finais, de interrogação e exclamação e seus efeitos na entonação, percebendo, gradativamente, que esses sinais contribuem para a produção de sentido dos textos.
- **(EF01LP15)** Associar palavras pelo critério de aproximação de significado (sinonímia) e separar palavras pelo critério de oposição de significado (antonímia), ampliando gradativamente seu conhecimento lexical.
- **(EF12LP01)** Ler, com a mediação do professor, palavras novas com precisão na decodificação; no caso de palavras de uso frequente, ler globalmente, por memorização, adquirindo progressivamente fluência na leitura de palavras e textos de diferentes gêneros textuais, com gradativa identificação de elementos da intencionalidade e da situacionalidade.





- **(EF12LP02)** Buscar, selecionar e ler, com a mediação do professor (leitura compartilhada), textos que circulam em meios impressos ou digitais, de acordo com as necessidades e interesses, atribuindo sentido a sua leitura, para possibilitar a compreensão e a interpretação de diferentes gêneros textuais.
- **(EF12LP03)** Copiar textos breves, mantendo suas características e voltando para o texto sempre que tiver dúvidas sobre sua distribuição gráfica, espaçamento entre as palavras, escrita das palavras e pontuação, como meio de aperfeiçoar gradativamente as formas de registro, por meio das produções coletivas e análise dos enunciados presentes no texto.
- **(EF15LP01)** Identificar, com a mediação do professor, a função social de diferentes gêneros textuais que circulam em campo da vida social dos quais participa cotidianamente (a casa, a rua, a comunidade, a escola) e nas mídias impressa e oral, de massa e digital, de modo a reconhecer, progressivamente, seu contexto de produção: para que foram produzidos, onde circulam, quem os produziu e a quem se destinam.
- **(EF15LP02)** Estabelecer, com a mediação do professor, expectativas em relação ao texto que vai ler e/ou ouvir (pressuposições antecipadoras dos sentidos, da forma e da função social do texto), apoiando-se em seus conhecimentos prévios sobre as condições de produção e recepção desse texto, o gênero, o suporte e o universo temático, bem como sobre destaques textuais, recursos gráficos, imagens, dados da própria obra (índice, prefácio etc.), confirmando antecipações e inferências realizadas antes e durante a leitura de textos, checando a adequação das hipóteses realizadas.
- **(EF15LP03)** Localizar, com a mediação do professor, informações explícitas em diferentes gêneros textuais, como requisito básico para a compreensão leitora.
- **(EF15LP04)** Identificar, com a mediação do professor, o efeito de sentido produzido pelo uso de recursos expressivos gráfico-visuais em textos multissemióticos, para compreender gradativamente o uso desses recursos e empregá-los quando necessário dentro do contexto.





- **(EF15LP05)** Planejar, coletiva e individualmente com a mediação do professor, o texto que será produzido, considerando a situação comunicativa, os interlocutores (quem escreve/para quem escreve); a finalidade ou o propósito (escrever para quê); a circulação (onde o texto vai circular); o suporte (qual é o portador do texto); a linguagem, organização e forma do texto e seu tema, pesquisando em meios impressos ou digitais, sempre que for preciso, informações necessárias à produção do texto, organizando em tópicos os dados e as fontes pesquisadas, a fim de adequar gradativamente suas produções à estrutura do gênero e à esfera na qual irá circular.
- **(EF15LP06)** Reler, revisar, reestruturar e reescrever o texto produzido, com a mediação do professor e a colaboração dos colegas, para corrigi-lo e aprimorá-lo, fazendo cortes, acréscimos, reformulações, correções de ortografia e pontuação, a fim de contribuir com a expansão e organização das ideias apresentadas pelos alunos.
- **(EF15LP07)** Reestruturar a versão final do texto coletivo ou individual, em colaboração com os colegas e com a mediação do professor, ilustrando, quando for o caso, em suporte adequado, manual ou digital, para apropriar-se gradativamente dos aspectos estruturantes dos gêneros textuais.
- **(EF15LP08)** Utilizar, com a mediação do professor, software, inclusive programas de edição de texto, para editar e publicar os textos produzidos, explorando os recursos multissemióticos disponíveis, a fim de apropriar-se progressivamente desses recursos.
- **(EF15LP09)** Expressar-se oralmente com clareza, preocupando-se em ser compreendido pelo interlocutor e usando a palavra com tom de voz audível, boa articulação e ritmo adequado, a fim de demonstrar clareza e organização nas exposições orais de ideias, considerando os diferentes contextos sociais.
- **(EF15LP10)** Escutar, com atenção, falas de professores e colegas, formulando perguntas pertinentes ao tema e solicitando esclarecimentos sempre que necessário, de modo a compreender que a escuta atenta é fundamental para que os processos de ensino e de aprendizagem aconteçam de forma significativa.





- **(EF15LP11)** Identificar características da conversação espontânea presencial, respeitando os turnos de fala, selecionando e utilizando, durante as situações de fala, formas de tratamento adequadas, de acordo com a situação e a posição do interlocutor, de forma a melhor interagir na vida social e escolar.
- **(EF15LP12)** Atribuir significado a aspectos não linguísticos (paralinguísticos) observados na fala, como direção do olhar, riso, gestos, movimentos da cabeça (de concordância ou discordância), expressão corporal, facial, tom de voz, a fim de compreender que esses elementos colaboram com a produção de sentido do texto oral.
- **(EF15LP13)** Identificar finalidades da interação oral em diferentes contextos comunicativos (solicitar informações, apresentar opiniões, informar, relatar experiências etc.), a fim de perceber as diferenças entre os diversos usos da linguagem, adequando seu discurso de acordo com a situação (formal ou informal).
- **(EF01LP22)** Planejar e produzir, coletivamente em colaboração com os colegas e com a mediação do professor, diagramas, entrevistas, curiosidades, dentre outros gêneros do campo investigativo, digitais ou impressos, considerando a situação comunicativa e o tema/assunto/finalidade do texto, de forma a apropriar-se dos gêneros textuais e sua relação com os meios em que são veiculados.
- **(EF01LP23)** Planejar e produzir, em colaboração com os colegas e com a mediação do professor, entrevistas, curiosidades, dentre outros gêneros do campo investigativo, que possam ser repassados oralmente por meio de ferramentas digitais, em áudio ou vídeo, levando em consideração a situação comunicativa e o tema/assunto/finalidade do texto.
- **(EF01LP24)** Reconhecer, em enunciados de tarefas escolares, diagramas, entrevistas, curiosidades, digitais ou impressos, a formatação e diagramação específica de cada um desses gêneros, inclusive em suas versões orais, a fim de apropriar-se gradativamente da estrutura desses gêneros.
- **(EF12LP17)** Ler e compreender, em colaboração com os colegas e com a mediação do professor, enunciados de tarefas escolares, diagramas, curiosidades, pequenos relatos de experimentos, entrevistas, verbetes de enciclopédia infantil, entre outros gêneros do campo investigativo, de modo a considerar a situação comunicativa e o tema/assunto do texto.





- **(EF01LP21)** Escrever, em colaboração com os colegas e com a mediação do professor, listas de regras e regulamentos que organizam a vida na comunidade escolar, dentre outros gêneros do campo da atuação cidadã, considerando a situação comunicativa e o tema/assunto do texto, de forma a apropriar-se desses gêneros textuais.
- **(EF12LP08)** Ler e compreender, em colaboração com os colegas e com a mediação do professor, fotolegendas em notícias, manchetes e lides em notícias (o que, quem, quando, por que, como e onde), álbum de fotos digital noticioso e notícias curtas para público infantil, dentre outros gêneros do campo jornalístico, considerando a situação comunicativa e o tema/assunto do texto, de forma a possibilitar o contato com esses diferentes textos e os recursos inerentes a eles.
- **(EF12LP09)** Ler e compreender, em colaboração com os colegas e com a mediação do professor, slogans, anúncios publicitários e textos de campanhas de conscientização destinados ao público infantil, dentre outros gêneros do campo publicitário, considerando a situação comunicativa e o tema/assunto do texto, de forma a possibilitar o contato com esses diferentes textos e os recursos inerentes a eles.
- **(EF12LP10)** Ler e compreender, em colaboração com os colegas e com a mediação do professor, cartazes, avisos, folhetos, regras e regulamentos que organizam a vida na comunidade escolar, dentre outros gêneros do campo da atuação cidadã, considerando a situação comunicativa e o tema/assunto do texto, de forma a possibilitar o contato com esses diferentes gêneros textuais e os recursos inerentes a eles.
- **(EF12LP11)** Escrever, em colaboração com os colegas e com a mediação do professor, a escrita de fotolegendas em notícias, manchetes e lides (o que, quem, quando, por que, como e onde) em notícias, álbum de fotos digital noticioso e notícias curtas para público infantil, digitais ou impressos, dentre outros gêneros do campo jornalístico, considerando a situação comunicativa e o tema/assunto do texto, de forma a desenvolver a prática da escrita desses diferentes gêneros textuais.
- **(EF12LP12)** Escrever, em colaboração com os colegas e com a mediação do professor, slogans, anúncios publicitários e textos de campanhas de conscientização destinados ao público infantil, dentre outros gêneros do campo publicitário, considerando a situação comunicativa e o tema/assunto/finalidade do texto, de forma a desenvolver a prática da escrita desses diferentes gêneros.





- **(EF12LP13)** Planejar, paulatinamente, em colaboração com os colegas e com a mediação do professor, slogans e peça de campanha de conscientização destinada ao público infantil que possam ser repassados oralmente por meio de ferramentas digitais, em áudio ou vídeo, de modo a considerar a situação comunicativa e o tema/assunto/finalidade do texto, a fim de ampliar o repertório de produção de texto oral.
- **(EF12LP14)** Identificar e reproduzir, com a mediação do professor, em fotolegendas de notícias, álbum de fotos digital noticioso, cartas de leitor (revista infantil), digitais ou impressos, a formatação e diagramação específica de cada um desses gêneros, inclusive em suas versões orais, a fim de permitir o contato com as diferentes formas de composição do texto.
- **(EF12LP15)** Identificar a forma de composição de slogans publicitários, em parceria com os colegas e com a mediação do professor, para que progressivamente aproprie-se da forma de composição/estrutura desses gêneros destinados ao público infantil.
- **(EF12LP16)** Identificar e reproduzir, com a mediação do professor e em parceria com os colegas, em anúncios publicitários e textos de campanhas de conscientização destinados ao público infantil (orais e escritos, digitais ou impressos), a formatação e diagramação específica de cada um desses gêneros, inclusive o uso de imagens, para apropriar-se, gradativamente, da forma de organização desses textos.
- **(EF01LP16)** Ler e compreender, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor, quadras, quadrinhas, parlendas, trava-línguas, dentre outros gêneros do Campo da Vida Cotidiana, de modo a considerar a situação comunicativa e o tema/assunto do texto e relacionar sua forma de organização à sua finalidade.
- **(EF01LP17)** Planejar e produzir, em colaboração com os colegas e com a mediação do professor, listas, agendas, calendários, avisos, convites, receitas, instruções de montagem e legendas para álbuns, fotos ou ilustrações (digitais ou impressos), dentre outros gêneros do Campo da Vida Cotidiana, considerando a situação comunicativa e o tema/assunto/ finalidade do texto, a fim de, gradativamente, apropriar-se dos elementos constitutivos desses gêneros.





- **(EF01LP18)** Registrar, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor, cantigas, quadras, quadrinhas, parlendas, trava-línguas, dentre outros gêneros do Campo da Vida Cotidiana, considerando a situação comunicativa e o tema/assunto/finalidade do texto, a fim de apropriar-se, gradativamente, da forma de organização desses textos.
- **(EF01LP19)** Recitar parlendas, quadras, quadrinhas, trava-línguas, com entonação adequada e observando as rimas, de modo a adquirir progressiva fluência.
- **(EF01LP20)** Identificar e reproduzir, coletivamente e com a mediação do professor, em listas, agendas, calendários, regras, avisos, convites, receitas, instruções de montagem e legendas para álbuns, fotos ou ilustrações (digitais ou impressos), a formatação e diagramação específica de cada um desses gêneros, como meio de apropriar-se progressivamente da estrutura desses gêneros.
- **(EF12LP04)** Ler e compreender, em colaboração com os colegas e com a mediação do professor ou já com certa autonomia, listas, agendas, calendários, avisos, convites, receitas, instruções de montagem (digitais ou impressos), dentre outros gêneros do Campo da Vida Cotidiana, considerando a situação comunicativa e o tema/assunto do texto e relacionando sua forma de organização à sua finalidade, para que progressivamente desenvolva a compreensão leitora desses gêneros.
- **(EF12LP05)** Planejar, produzir e reproduzir, em colaboração com os colegas e com a mediação do professor, (re)contagens de histórias, poemas e outros textos versificados (letras de canção, quadrinhas, cordel), poemas visuais, tiras e histórias em quadrinhos, dentre outros gêneros do Campo Artístico-Literário, considerando a situação comunicativa e a finalidade do texto, a fim de, progressivamente, apropriar-se dos elementos constitutivos desses gêneros.
- **(EF12LP06)** Planejar e produzir, em colaboração com os colegas e com a mediação do professor, recados, avisos, convites, dentre outros gêneros do Campo da Vida Cotidiana, que possam ser repassados oralmente por meio de ferramentas digitais, em áudio ou vídeo, considerando a situação comunicativa e o tema/assunto/finalidade do texto, a fim de ampliar a capacidade de produção desses gêneros orais.





- **(EF12LP07)** Identificar e (re)produzir, com a mediação do professor, em cantigas, quadras, quadrinhas, parlendas, trava-línguas e canções, rimas, aliterações, assonâncias, o ritmo de fala relacionado ao ritmo e à melodia das músicas e seus efeitos de sentido, de modo a reconhecer, progressivamente, o estilo desses gêneros.
- **(EF15LP14)** Atribuir, em cooperação com os colegas e com a mediação do professor, o sentido de histórias em quadrinhos e tirinhas, relacionando imagens e palavras e interpretando recursos gráficos (tipos de balões, de letras, onomatopeias), para que gradativamente aproprie-se da linguagem utilizada nesses gêneros.
- **(EF01LP25)** Produzir, tendo o professor como escriba, recontagens de histórias lidas pelo professor, histórias imaginadas ou baseadas em livros de imagens, observando a forma de composição de textos narrativos (personagens, enredo, tempo e espaço), a fim de apropriar-se gradativamente da produção escrita de narrativas.
- **(EF01LP26)** Identificar, com a mediação do professor, elementos de uma narrativa lida, ouvida ou assistida, incluindo personagens, enredo, tempo e espaço, de modo a compreender a relação entre esses elementos.
- **(EF12LP18)** Conhecer e apreciar, com a mediação do professor, poemas e outros textos versificados, observando rimas, sonoridades, jogos de palavras, reconhecendo seu pertencimento ao mundo imaginário e sua dimensão de encantamento, jogo e fruição, a fim de identificar as características próprias destes gêneros.
- **(EF12LP19)** Perceber e compreender, com colaboração dos colegas, e com a mediação do professor, em textos versificados, rimas, sonoridades, jogos de palavras, expressões, comparações, relacionando-as com sensações e associações, de modo a ser capaz de identificar as diferentes formas de composição dos textos poéticos.
- **(EF15LP15)** Reconhecer, com a mediação do professor, que os textos literários fazem parte do mundo do imaginário e apresentam uma dimensão lúdica, de encantamento, valorizando-os, em sua diversidade cultural, como patrimônio artístico da humanidade, de modo a contribuir para sua formação como leitor literário, bem como permitir o contato com diferentes culturas.





- **(EF15LP16)** Ler e compreender, em colaboração com os colegas e com a mediação do professor, textos narrativos de maior porte como contos (populares, de fadas, acumulativos, de assombração etc.) e crônicas, de modo a ampliar e diversificar sua capacidade leitora, cognitiva e a análise textual.
- **(EF15LP17)** Apreciar, com a mediação do professor, poemas visuais e concretos, observando efeitos de sentido criados pelo formato do texto na página, distribuição e diagramação das letras, pelas ilustrações e por outros efeitos visuais, a fim de compreender, gradativamente, as formas de representação desses textos.
- **(EF15LP18)** Relacionar texto com ilustrações e outros recursos gráficos, para que compreenda de forma gradativa a relação existente entre os textos imagéticos e os textos escritos.
- **(EF15LP19)** Recontar oralmente, com e sem apoio de imagem, textos literários lidos pelo professor, a fim de empregar, progressivamente, os elementos da narrativa (tema, personagens, espaço, enredo, marcas linguísticas próprias da narrativa).

AValiação DAS APRENDIZAGENS

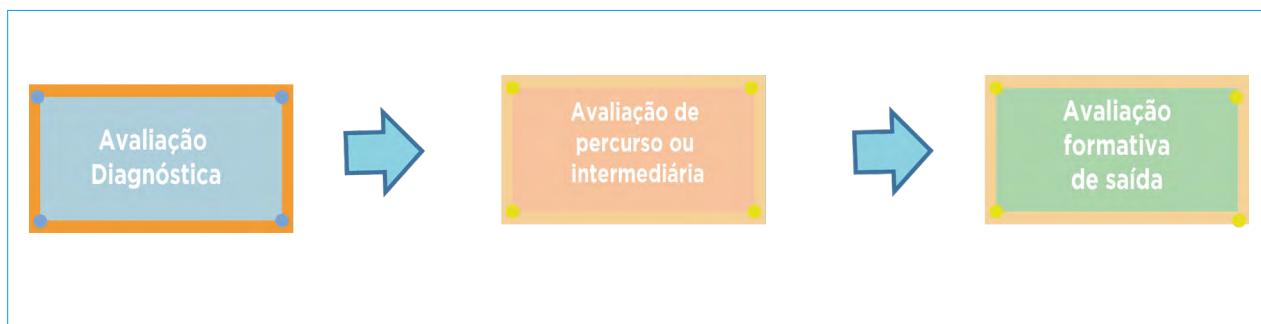
A avaliação deve subsidiar e orientar o processo de ensino-aprendizagem, possibilitando ao professor: diagnosticar as reais necessidades dos estudantes; localizar em que etapa do processo de construção do conhecimento encontra-se e quais as intervenções pedagógicas necessárias para o seu progresso. Visando o desenvolvimento formativo, o professor pode utilizar diferentes instrumentos avaliativos, capazes de garantir os direitos e objetivos de aprendizagem. Assim é importante sistematizar a, “análise de resultados e planejamento de intervenções pedagógicas”, como aponta o PMALFA (2018).

O PMALFA - Programa Mais Alfabetização, instituiu as avaliações sistêmicas em três etapas que orientam o professor alfabetizador a acompanhar, monitorar e refletir sobre a aprendizagem dos alunos por meio de avaliações de múltipla escolha que avaliam a leitura, escrita e a produção





de textos, como ilustra o esquema a seguir:



Monitorar a aprendizagem e planejar as intervenções por meio dos resultados implicam que o professor alfabetizador observe a aprendizagem dos seus alunos diariamente e mensalmente, mas a possibilidade de avaliar em três momentos auxiliará no acompanhamento da apropriação do sistema de escrita alfabética, as hipóteses de escrita, a leitura de palavras e a compreensão leitora. Além das avaliações de múltipla escolha, outra avaliação que passa a compor um conjunto de instrumentos produzidos para avaliar a alfabetização é a avaliação da fluência em leitura, como aponta o quadro a seguir:



Referências: PMALFA- Programa Mais Alfabetização. Disponível em: gov.br/mec

As avaliações de múltipla escolha são produzidas por meio de matrizes de referência que contemplam os seguintes tópicos, como aponta MEC/ PMALFA (2018):

- Reconhecimento de convenções do sistema de escrita alfabética;
- Apropriação do sistema alfabético;
- Usos sociais da leitura e da escrita;
- Produção escrita.

Esses tópicos avaliam descritores tais como: distinguir as letras do alfabeto de outros sinais gráficos/ reconhecer as letras do alfabeto/ reconhecer a ordem alfabética/reconhecer diferentes formas de grafar uma mesma letra ou palavra/ identificar o espaçamento entre palavras na segmentação da





escrita/ identificar o número de sílabas de uma palavra/ ler palavras formadas por sílabas canônicas e não canônicas/ ler frases/ reconhecer a finalidade de textos/ reconhecer o assunto de um texto/ escrever palavras e frases etc. Esses são alguns descritores que formam a matriz de referência das avaliações de múltipla escolha, como aponta PMALFA (2018).

A avaliação de fluência leitora auxilia a compor um conjunto de ferramentas avaliativas com o objetivo de refletir sobre a aprendizagem e especificamente a respeito da leitura individual e em voz alta de palavras e textos. Sendo assim, a realização periódica de avaliações formam um dos critérios para que os professores possam analisar os avanços dos alunos em relação aos objetivos de aprendizagem e sobretudo que os professores possam acompanhar a progressão da aprendizagem no processo de avaliação.

HIPÓTESES DE ESCRITA

Conforme a teoria da psicogênese da escrita, elaborada por Ferreiro e Teberosky (1986), os alunos passam por quatro períodos nos quais têm diferentes hipóteses ou explicações para como a escrita alfabética funciona:

- **pré-silábico:** não compreende a correspondência entre a escrita e os sons das letras que compõem as palavras, mas elabora diversas hipóteses, utilizando, simultaneamente, desenhos e outros sinais gráficos.
- **silábico:** descobre que a escrita está relacionada aos sons da fala, supõe que apenas uma letra pode representar as sílabas graficamente, podendo ou não ter o valor sonoro convencional.
- **silábico-alfabético:** aprimora seu entendimento sobre a correspondência entre os sons e a escrita das palavras, ao escrever uma palavra, ora associa a letra a cada fonema da sílaba, ora volta a pensar conforme a hipótese silábica e usa apenas uma letra para uma sílaba inteira.
- **alfabético:** começa a compreender o princípio alfabético, percebendo unidades sonoras menores do que as sílabas, os fonemas, e gradualmente domina suas correspondências com os grafemas (letras).

A avaliação diagnóstica é um dos recursos de que você dispõe para conhecer as hipóteses que os alunos ainda não alfabetizados possuem sobre a escrita alfabética e o sistema de escrita de uma forma geral. Ela também representa um momento, no qual os alunos têm a oportunidade de





refletir sobre aquilo que escrevem, com a sua ajuda.

A realização periódica da avaliação diagnóstica é também um instrumento para seu planejamento, pois permite que você avalie e acompanhe os avanços da turma com relação à aquisição da escrita alfabética, além de lhe fornecer informações preciosas para o planejamento das atividades de leitura e de escrita, assim como para a definição das parcerias de trabalho entre os alunos (agrupamentos) e para que você faça boas intervenções no grupo.

Nesta proposta, sugerimos que sejam realizadas atividades avaliativas ao longo do ano, sendo no mínimo três, organizadas em avaliação diagnóstica, de percurso e final. Assim, será possível analisar o processo de alfabetização dos alunos em momentos diferentes. Entretanto, para fazer uma avaliação com vistas a um acompanhamento mais global das aprendizagens da turma, é preciso recorrer também a outros instrumentos que possibilitem a observação periódica dos alunos.



BLOCO 3

PROPOSTA
DE ROTINA
PEDAGÓGICA





ELABORAÇÃO DE ROTINAS DE ALFABETIZAÇÃO NA ORGANIZAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

A elaboração da rotina no processo de alfabetização se expressa na organização dos tempos, espaços, materiais, atividades propostas, mediação do professor e reflexões sobre a aprendizagem. As rotinas estão relacionadas às discussões sobre prescrições curriculares, progressão da aprendizagem, planejamento e os objetivos específicos para o ensino da Língua Portuguesa, pois a partir do momento que os objetivos de aprendizagem estão claramente definidos, a elaboração da rotina poderá possibilitar aos estudantes situações didáticas de reflexão sobre o sistema de escrita alfabético, a participação em práticas de linguagem diversificadas, além de ampliar suas possibilidades de expressão em “manifestações artísticas, corporais e linguísticas como também seus conhecimentos sobre essas linguagens” [...] BRASIL(2017).

A aprendizagem da leitura e da escrita possibilita aos estudantes a ampliação dos letramentos, além de garantir uma participação autônoma nas práticas sociais. A Base Nacional Comum Curricular e o Referencial Curricular do Paraná assumem o texto como unidade central de trabalho no ensino-aprendizagem em Língua Portuguesa, de modo a relacionar os campos de atuação e os gêneros textuais a seus contextos de produção em atividades que contemplem os eixos: leitura/escuta, oralidade, produção de textos/escrita, análise linguística e semiótica. A rotina funciona como um plano de ação em que o tempo escolar para o 1º ano deverá ser intencionalmente planejado de modo a proporcionar “ações entre as orientações que os documentos propõem para o ciclo de alfabetização e o que efetivamente é construído no cotidiano das escolas” [...] BRASIL (2012). A seguir, sugerimos alguns aspectos da rotina e sua organização:

- Atividades permanentes como, por exemplo: brincadeiras nos





espaços internos e externos planejadas com propósitos definidos que envolvam os objetivos de aprendizagem, cantos de leitura, caixas de leituras, cantos com jogos, que possam proporcionar momentos de leitura e atividades no tempo escolar entre uma proposta e outra de ensino, situações de leitura em voz alta realizada pelo professor;

- Projetos didáticos que se caracterizam como conjuntos de atividades envolvendo uma ou mais áreas do conhecimento, se organizam ao redor de uma problematização e possuem um produto final que se quer obter;
- Sequência de atividades que devem ser planejadas e orientadas com o objetivo de promover uma aprendizagem específica e definida. São sequenciadas com a intenção de oferecer desafios com graus diferentes de complexidade para que as crianças possam ir paulatinamente respondendo a problematizações a partir das diferentes proposições, por exemplo, atividades que enfatizem os aspectos do ensino que contemplem as práticas de linguagem como a oralidade, a leitura/escuta, a produção de textos/escrita e a análise linguística.

Seguem abaixo alguns exemplos:

- Diferenciar o alfabeto de outros sinais gráficos, reconhecer as letras do alfabeto e suas diferentes grafias;
- Reconhecer o sistema de escrita alfabética como representação dos sons da fala;
- Registrar o traçado das letras com percepção da direção da escrita, realizar a relação letra e som (grafema e fonema) e reconhecer o sistema de escrita alfabética como representação dos sons da fala;
- Escrever palavras e frases de forma alfabética e realizar a decomposição de palavras (sílabas, fonemas, rimas, aliterações e partes de palavras com sua representação escrita);
- Comparar palavras, identificando semelhanças e diferenças entre sons de sílabas iniciais, mediais e finais;
- Ler palavras de uso frequente, ler globalmente, por memorização, adquirindo fluência na leitura de palavras;





- Ler com a mediação do professor textos conhecidos de diferentes gêneros textuais;
- Copiar textos breves, voltando para o texto sempre que tiver dúvida sobre a distribuição gráfica, espaçamento entre as palavras, escrita das palavras e pontuação;
- Estabelecer, com a mediação do professor expectativas em relação ao texto que vai ler e/ou ouvir (antecipação dos sentidos, da forma e da função social do texto) confirmando antecipações e inferências realizadas antes e durante a leitura de textos checando as hipóteses realizadas;
- Planejar a escrita individualmente e de forma coletiva com a mediação do professor, textos de diversos gêneros textuais considerando a situação comunicativa: (quem escreve, para quem escreve); a finalidade (escrever para quê); circulação (onde o texto vai circular); a linguagem, a organização e forma do texto em seu tema;
- Produzir textos simples, individualmente, a partir de diferentes gêneros textuais utilizando a hipótese de escrita ortográfica ao final do 1º ano;
- Rer, revisar, reestruturar e reescrever o texto produzido, com a mediação do professor e a colaboração dos colegas, para aprimorá-lo fazendo cortes, acréscimos, correções de ortografia e pontuação, a fim de contribuir com a organização de ideias;
- Expressar-se oralmente com clareza e escutar, com atenção, falas de professores e colegas formulando perguntas sobre o tema, pedindo explicações. Recitar parlendas, quadrinhas, trava-línguas, com entonação observando as rimas, de modo a adquirir fluência (produção de texto oral).





A ROTINA DO PRIMEIRO ANO

Nos anos iniciais do Ensino Fundamental, é importante que a rotina semanal contemple atividades que perpassam todos os eixos previstos no Referencial Curricular do Paraná (RCP) e favoreçam a aprendizagem de diferentes conteúdos, aqueles que contribuem para o avanço no conhecimento dos alunos sobre o funcionamento da linguagem, familiarizando-os com os diferentes gêneros textuais; e aqueles voltados à reflexão do sistema de escrita alfabética. Nesse sentido, organizamos um quadro semanal para servir como sugestão para seu trabalho, sempre lembrando que deve haver flexibilidade na duração das atividades e na articulação com outras disciplinas. Nele aparecem indicadas algumas atividades permanentes, que serão detalhadas nos textos seguintes.

Ressalta-se que a apropriação do engendramento das letras deve ocorrer a partir de práticas reais de utilização da língua, assim, o texto será o material verbal mais importante no trabalho do professor com o aluno, tanto na alfabetização quanto nos anos seguintes de escolarização. Os gêneros propostos para leitura/escuta e produção oral, escrita e multissemiótica, nos primeiros anos iniciais, serão mais simples, complexificando-se conforme se avançam, por isso, nesses anos, deve haver destaque para o Campo da Vida Cotidiana.





Sugestão de rotina

SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA
CHAMADA/ CALENDÁRIO TEMÁTICO/ LEITURA DO ALFABETO	CHAMADA CALENDÁRIO TEMÁTICO/ LEITURA DO ALFABETO/ LEITURA DE ACOLHIDA	CHAMADA/ LEITURA EM VOZ ALTA PELO PROFESSOR/ CORREÇÃO DA TAREFA	CHAMADA/ CALENDÁRIO TEMÁTICO/ CORREÇÃO DA TAREFA	CHAMADA/ RODA DA LEITURA E DA CONVERSA/ LEITURA EM VOZ ALTA PELO ALUNO (leitura compartilhada)
LEITURA EM VOZ ALTA PELO ALUNO	LEITURA EM VOZ ALTA PELO PROFESSOR	ATIVIDADES QUE PROMOVEM A CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA	SEQUÊNCIA DIDÁTICA/ PRODUÇÃO DE TEXTO INDIVIDUAL	OUTRAS ÁREAS DO CONHECIMENTO/ (LEITURA E ESCRITA, com mediação do professor)
CORREÇÃO DA TAREFA	CORREÇÃO DA TAREFA	ATIVIDADES QUE PROMOVEM A CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA		OUTRAS ÁREAS DO CONHECIMENTO/ (LEITURA E ESCRITA, com mediação do professor)
OUTRAS ÁREAS DO CONHECIMENTO/ (LEITURA E ESCRITA, com mediação do professor)	ATIVIDADES QUE PROMOVEM A CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA	SEQUÊNCIA DIDÁTICA/SEA	MOMENTO DE LEITURA INDIVIDUAL (BIBLIOTECAS OU SALAS DE LEITURA) - ESTUDO DO TEXTO	OUTRAS ÁREAS DO CONHECIMENTO (LEITURA E ESCRITA, com mediação do professor)
OUTRAS ÁREAS DO CONHECIMENTO/ (LEITURA E ESCRITA, com mediação do professor)	SEQUÊNCIA DIDÁTICA / PRODUÇÃO DE TEXTO COLETIVO E SEA		(mediação do professor)	BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS OU OUTROS QUE A ESCOLA DESENVOLVE/ DIA DO BRINQUEDO





A tabela apresenta apenas uma sugestão, para que durante a semana o(a) professor(a) contemple as diversas áreas do conhecimento e também os campos de atuação e as práticas de linguagem no ensino da Língua Portuguesa. Cada escola possui suas especificidades e outros aspectos que podem ser acrescentados, retirados ou totalmente modificados de acordo com o seu cotidiano e a cultura escolar de cada região do Paraná.

É interessante que, em sua rotina semanal, você reserve momentos para o ensino e aprendizagem das seguintes práticas de linguagem:

- **Leitura em voz alta realizada pelo professor:** para aproximar as crianças do universo literário, organize todos os dias momentos em que você escolhe um livro para ler aos seus alunos que apresente diferentes gêneros textuais do Campo Artístico-Literário como: os poemas, as quadrinhas, parlendas e etc. A leitura realizada pelo professor para o aluno também deve abranger os demais campos de atuação indicados no RCP de modo a garantir a diversidade na leitura de textos (notícias, diário, regras de jogo, notas de divulgação científica, entre outros). Essa prática de linguagem colabora para formar no aluno o comportamento leitor ao ter o professor como modelo. E, ainda, desenvolve repertório no aluno que terá como referência os textos dos diferentes gêneros lidos, o que pode colaborar também para a produção escrita de textos.
- **Leitura individual:** para o aluno tornar-se leitor precisa também de momentos de leitura individual. Portanto, torna-se essencial proporcionar aos alunos: leitura para localizar palavras em listas, rimas em poemas; acompanhar a leitura de textos conhecidos de memória para realizar a correspondência entre o que está escrito e o que se diz em voz alta enquanto se lê. Essas situações de leitura mobilizam o conhecimento das crianças ao realizarem antecipações e inferências, ampliam os conhecimentos sobre o sistema de escrita e favorecem a aquisição da leitura com ritmo e fluência.





- **Atividades envolvendo a leitura: (localizar palavras e acompanhar a leitura de textos que se conhece de memória):** nessas atividades de leitura, os alunos serão desafiados a localizar palavras ou acompanhar a leitura de textos conhecidos de memória, procurando fazer a correspondência entre o que está escrito e o que dizem em voz alta enquanto recitam. Tais atividades permitem que as crianças se utilizem do conhecimento sobre as letras para antecipar o que pode estar escrito em cada parte do texto e verificar se tais antecipações são pertinentes. São importantes para ampliar conhecimentos sobre o sistema de escrita, bem como favorecer que aprendam a ler, sem ter de decodificar letra por letra.
- **Atividades envolvendo a escrita:** propor atividades em que os alunos escrevam de acordo com suas hipóteses de escrita é fundamental para que possam refletir sobre o sistema alfabético de escrita. Nessa perspectiva, é muito importante que os alunos escrevam gêneros textuais diversos, tais como: parlendas, listas, legendas, textos que já memorizaram.
- **Consciência Fonológica:** a escrita alfabética como um objeto de conhecimento em si, que exige um ensino sistemático, deve incluir a promoção da consciência fonológica, pois uma criança alfabetizada domina as competências de ler/ compreender e produzir textos. MORAIS (2019). Sendo assim, as atividades com reflexões a partir de consciência fonêmica, consciência silábica, consciência de palavras como: separar as palavras em unidades sonoras menores, contar oralmente letras, sílabas e palavras, identificar palavras que começam com a mesma sílaba, identificar a presença de uma palavra dentro de outra, identificar a quantidade de palavras em uma frase, entre outras, necessitam ser amplamente exploradas. Esse trabalho deve ser feito de forma contextualizada, explorando a consciência fonológica a partir de gêneros textuais, tais como: trava-línguas, parlendas, lenga-lengas, cantigas populares, adivinhas, cordéis etc.





- **Sistema de Escrita Alfabética** - Atividades desenvolvidas por meio do estudo de gêneros textuais, com ênfase no sistema alfabético de escrita, para o aluno compreender que: escreve-se com letras, que não podem ser inventadas, que têm um repertório finito e que são diferentes de números e de outros símbolos, as letras têm formatos fixos e pequenas variações, produzem mudanças na identidade das mesmas (p, q, b, d), embora uma letra assuma formatos variados (P, p, P, p), a ordem das letras no interior da palavra não pode ser mudada, uma letra pode se repetir no interior de uma palavra e em diferentes palavras, ao mesmo tempo em que distintas palavras.
- **Atividades de produção de textos:** o professor deve oportunizar aos alunos situações significativas, em que o aluno possa exercitar-se no domínio da linguagem e ampliar as formas linguísticas de que dispõe. Dessa forma, os alunos, mesmo antes de dominarem o sistema de escrita alfabética, devem ser desafiados a produzirem textos completos, que cumpram diferentes funções sociais. Ao propor que os alunos ditem um texto para que o professor o escreva, os alunos compartilham conhecimentos sobre a organização dos diferentes gêneros textuais e, além disso, aprendem importantes procedimentos relacionados à composição de textos, tais como planejar previamente o que se quer escrever e revisar aquilo que já foi escrito para tornar seu texto melhor. Assim, o aluno torna-se participante ativo no processo de elaboração de textos, pois “não se trata mais de aprender uma língua para dela se apropriar, mas trata-se de usá-la e, usando-a, aprendê-la (GERALDI, 1996).



BLOCO 4

SITUAÇÕES DE
APRENDIZAGEM
QUE COMPÕEM A
ROTINA DO
1º ANO





ESPAÇOS DE ATIVIDADES DIVERSIFICADAS

Incorporando os aspectos relacionados à transição da Educação Infantil, sugere-se que o tempo escolar para o 1º ano seja intencionalmente planejado de modo a proporcionar situações lúdicas de aprendizagem. A introdução da proposta de espaços de atividades diversificadas, pode colaborar para uma rotina mais apropriada à faixa etária atendida.

Com essa modalidade de organização as crianças podem vivenciar diferentes situações de aprendizagem, escolhendo, exercitando a autonomia e buscando conhecer as próprias necessidades, preferências e desejos ligados à aquisição de conhecimento e relacionamento interpessoal. É importante que esse tipo de organização favoreça o acesso aos mais variados bens culturais, como os proporcionados pela produção literária, informativa e comunicativa, pela produção artística e pelo conhecimento acumulado sobre a natureza e sociedade.

Essa proposta tem função decisiva na formação pessoal e social e na construção da autonomia da criança, embora não dispense a necessidade de intencionalidade e planejamento da prática pedagógica. Permite que o professor observe mais atentamente os problemas enfrentados pelas crianças, suas dificuldades, aprendizagens, gostos e interesses, o que muito o auxiliará no seu replanejamento.

Os espaços devem possibilitar:

- Participação em situações de brincadeiras e jogos nas quais se podem escolher parceiros, materiais, brinquedos etc.;
- Participação em situações que envolvam a combinação de algumas regras de convivência em grupo e aqueles referentes ao uso dos materiais e do espaço;
- Valorização do diálogo como forma de lidar com os conflitos;
- Valorização dos cuidados com os materiais de uso individual e coletivo.



REORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO FÍSICO

O espaço organizado de maneira flexível e desafiante é considerado por estudiosos como um segundo educador na educação das crianças no início da escolaridade.

O que fazer quando há um prédio escolar não adequado ao funcionamento de uma proposta que amplie as competências infantis, pelo contrário as limita?

Se a equipe tem uma proposta que realmente está bem construída em direção à autonomia e expressão da criança, é possível fazer algumas adaptações necessárias, como, por exemplo: modificar a organização da sala para incluir espaços de atividades diversificadas; explorar outros usos para área externa ou outros ambientes; proporcionar acessibilidade aos materiais, de maneira a possibilitar maior autonomia dos alunos no seu uso e conservação.

ORGANIZANDO OS ESPAÇOS DE ATIVIDADES DIVERSIFICADAS

O professor programa diferentes propostas – jogos de construção, jogos de regras, faz de conta, desenho, leitura de livros, gibis etc. – e organiza a sala para atender às propostas selecionadas para aquele dia, de forma que as crianças possam percorrer o espaço, tomar conhecimento das ofertas e decidir por uma delas para começar podendo ainda desenvolver outras propostas, durante o tempo previsto para a atividade. As crianças podem ajudar o professor a organizar a sala em espaços, mas isso não o impede de tomar decisões de caráter didático, tais como:

- Diversificar propostas a cada dia, a fim de que as crianças tenham maiores possibilidades de escolha;
- Manter algumas propostas durante um tempo, a fim de que as crianças aprofundem conhecimentos e se apropriem dos conteúdos apresentados;





- Decidir possíveis agrupamentos entre as crianças, em uma ou outra ocasião, quando perceber que alguém precisa de ajuda e, por outro lado, reconhecer quem pode ajudar;
- Organizar o espaço em função do que se espera que as crianças desempenhem, mais aconchegante e acolhedor para atividades que exigem maior concentração; outro mais aberto e livre para atividades que pressupõem maior movimentação, como alguns jogos;
- Disponibilizar materiais de apoio e suporte para as atividades das crianças;
- Organizar intervenções adequadas de acordo com as especificidades e necessidades educativas das crianças.

SITUAÇÕES DE LEITURA

Ler para as crianças desde o início da escolaridade é fundamental: é por meio dessa atividade que elas têm acesso à cultura escrita, antes mesmo de estarem alfabetizadas.

Saber ler e escrever envolve conhecer as maneiras mais adequadas de se expressar por escrito, considerando diferentes situações comunicativas em que um leitor pode se envolver. Também no caso da leitura, é preciso um bom conhecimento sobre os diferentes gêneros textuais. Bons leitores sabem a que textos recorrer, dependendo de seus objetivos em cada momento.

A leitura do professor não envolve apenas a leitura de textos literários e não se restringe às classes de crianças que ainda não leem autonomamente. O professor pode (e deve) oferecer-se como leitor em todos os momentos em que houver a necessidade ou o desejo de ter acesso a textos que, autonomamente, os alunos ainda não conseguiriam ou teriam muita dificuldade de ler sozinhos. Ao dar voz a determinado texto, o professor garante que os alunos tenham acesso ao conteúdo e à forma como foi construído, além de propiciar uma experiência de construção compartilhada de significado: como o professor lê para um grupo de alunos, a experiência da leitura pode ser compartilhada, formando assim uma bagagem comum de vivências suscitadas pela leitura.





Nos anos iniciais, a leitura deve ocorrer inicialmente com foco no Campo da Vida Cotidiana, como agendas, listas, bilhetes, avisos, convites, regras de jogo e brincadeiras e outros. Em relação ao Campo artístico-literário, é necessário propiciar a leitura de textos de literatura, não somente para abordar os gêneros textuais, mas para desenvolver a sensibilidade para o estético, a formação leitora e o letramento literário.

O QUE OS ALUNOS APRENDEM NAS SITUAÇÕES EM QUE O PROFESSOR LÊ PARA ELES

Ao ler um texto para as crianças, além de desenvolver o gosto pela leitura, você torna concreto o ler em toda a sua complexidade. Ler envolve uma determinada atitude, uma forma de lidar com as páginas. Lê-se em determinado sentido (da esquerda para a direita, de cima para baixo), as palavras são ditas a partir de determinado jogo de olhar, pensamento e voz, sempre as mesmas, porque as letras “instruem” a voz para que se lhes diga exatamente na mesma ordem. As crianças aprendem sobre a leitura, em todas as suas sutilezas, por participarem de momentos em que você desvende o mistério para elas.

Como leitor, além de comunicar o que está escrito, você pode comentar a história, compartilhando suas impressões, reler trechos que considerou belos ou engraçados, voltar a determinado trecho para esclarecer dúvidas sobre o que se lê adiante. São ações realizadas sem que se dê conta de que são estratégias de leitura para compreender melhor o texto, no entanto, ao realizá-las na presença dos alunos, é interessante que essas ações sejam assinaladas. Ao propor aos alunos a releitura de um trecho para esclarecer uma dúvida, é importante que você diga que fará isso e por que o fará, pois, os alunos necessitam que se diferencie o que é ler e o que é comentar o que foi lido.

Ao ouvir diferentes tipos de textos, também, as crianças têm a oportunidade de acessar um novo modo de construir a linguagem, que se





diferencia daquele que se usa no cotidiano. O vocabulário mais amplo e a forma de construir as orações, próprios aos textos escritos, se diferenciam da linguagem oral, mais presente nas conversas cotidianas, propiciando novas experiências linguísticas para os pequenos. Há um receio, por parte dos professores, em apresentar os termos ausentes do cotidiano presentes nos textos, imaginando que isso possa gerar desinteresse.

Por fim, a prática de leitura realizada pelo professor atingirá os objetivos de aprendizagem, a partir da escolha dos textos que considere a faixa etária dos alunos.

ATIVIDADE 1

LEITURA REALIZADA PELO PROFESSOR

Caro professor, esta atividade não consta na Coletânea de Atividades do aluno, mas é fundamental na sequência do seu trabalho.

Objetivos

- Acompanhar a leitura realizada pelo professor.
- Conhecer um novo texto.
- Reconhecer as características dos textos trabalhados.

Planejamento

- Organização do grupo: a atividade é coletiva, os alunos podem estar em seus lugares ou organizados em um círculo, no chão.
- Materiais necessários: o texto que será lido por você.
- Duração aproximada: 15 minutos.

Encaminhamento

- Antes da aula, leia o texto várias vezes para aprimorar sua leitura e antecipar possíveis dificuldades dos alunos. Se houver palavras que você julgue que serão mais difíceis, informe-se sobre seu significado.
- Explique que você lerá um texto e que, durante a leitura, só devem interromper se houver dúvidas em relação a ele.





- Informe o título e explique o motivo que levou você a escolher aquela história. Com essa informação você terá a oportunidade de compartilhar com as crianças os critérios de escolha que usa para selecionar suas leituras, incluindo a apreciação que faz da história.
- Antes de iniciar a leitura, se for um livro, mostre a capa indicando onde está escrito o título, os autores, ilustradores e editora. Se for um livro que reúne vários textos, mostre o sumário e também a página em que se encontra aquele que será lido.
- Proponha que imaginem sobre o que tratará o conto. Tal momento é interessante para instigar a curiosidade das crianças e para que aprendam a realizar antecipações dos textos que leem.
- Leia o texto. De tempos em tempos, você pode realizar pequenas interrupções para que as crianças digam o que acham que acontecerá. Se for uma história em que ocorram repetições (como ocorre nos contos de acúmulo ou de repetição), incentive as crianças a repetir em voz alta esses trechos.
- As interrupções que você propõe ou são solicitadas pelos alunos não devem ser frequentes nem longas, evitando assim que as crianças percam a sequência da narrativa.
- Leia até o final e, em seguida, mostre aos alunos as ilustrações (se houver), favorecendo que as relacionem às diferentes partes da história e aos personagens.
- Finalize a leitura propondo que os alunos comentem suas impressões do texto, propondo perguntas como “O que vocês acharam?”, “De que parte mais gostaram e por quê?” Procure explorar esses comentários com novas perguntas, buscando favorecer que os aprofundem. A primeira reação das crianças é dar respostas pouco elaboradas como “Eu gostei, é legal”, mas com o tempo, com sua mediação e os comentários dos colegas, essas apreciações tendem a se tornar mais interessantes.





- Terminada a leitura, proponha que voltem aos seus lugares. Não é necessário propor atividades de reconto, desenhos sobre a história ou dramatizações. É importante que as crianças vivam a leitura de histórias como uma atividade que tem interesse em si mesma. Se em todos os momentos lhes é solicitado que façam outras atividades a partir da leitura, as crianças não as percebem como momentos prazerosos, de fruição, mas como preparação para realizar outras propostas.

Variações da atividade

- Procure escolher diferentes tipos de textos.
- Leia outras histórias de um mesmo autor na intenção de ampliar as referências literárias dos alunos.
- Após a leitura de alguns contos lidos ao longo de uma semana, proponha uma votação da história que gostariam de ouvir novamente (pode-se montar um gráfico para representar a preferência da turma).
- Deixe os livros disponíveis e proponha que as crianças os explorem livremente.
- Antes da leitura, mostre todas as imagens de um livro ilustrado para que os alunos tentem antecipar a história. Após a leitura, as diferentes possibilidades podem ser comparadas com a história lida.
- Diversifique o local de leitura: na classe, na biblioteca, no pátio, num espaço aberto próximo à escola.

O ALFABETO

As considerações sobre o ensino, já mencionadas anteriormente, ressaltam a importância da escolha do texto que contemple um trabalho de alfabetização na perspectiva do letramento. Conhecer os nomes das letras é fundamental para os alunos que estão se alfabetizando, pois em alguns casos eles fornecem pistas sobre um dos sons que elas podem representar na escrita. Além disso, os alunos têm de conhecer a forma gráfica das letras e a ordem alfabética. Essa aprendizagem, pode ocorrer de forma lúdica e divertida por meio de jogos e brincadeiras.





Para isso, você pode:

- Afixar as letras do alfabeto junto com os alunos, transformando esse momento de organização do espaço da sala de aula também em um momento de aprendizagem.
- Fazer uma ficha com o alfabeto completo com quatro tipos de letras - bastão, script, maiúscula e minúscula - para que os alunos a colem em seu caderno.
- Fazer um marcador de livro ou ficha avulsa com o alfabeto completo para que possam consultá-lo sempre que precisarem. Na Coletânea de Atividades você encontrará uma ficha de consulta para trabalhar com os alunos.
- Organizar atividades de completar as letras do alfabeto, utilizando suportes variados: o alfabeto afixado na sala de aula, cobrindo algumas das letras com um pedaço de papel e, ou, uma tabela com a sequência do alfabeto incompleta produzida no computador.
- Propor que os alunos analisem quais letras compõem seu nome, os nomes dos colegas e o seu. A atividade poderá, inicialmente, ser feita de forma coletiva e, depois, com os alunos reunidos em duplas ou em grupos. Comece escrevendo seu nome na lousa e, junto com a turma, analise as letras que o compõem. Mostre quais são essas letras, destacando aquelas que aparecem mais de uma vez. Depois, em duplas, os alunos deverão analisar quais letras fazem parte do próprio nome, utilizando como suporte o crachá.
- Ensinar os alunos a “cantarolar” o alfabeto, de modo que memorizem a sequência das letras, ainda que não conheçam sua forma gráfica. Esse procedimento vai ajudá-los a reconhecer os nomes das letras, facilitando a aprendizagem. Recitar parlendas que envolvem o alfabeto também é uma ótima estratégia. As atividades com o alfabeto devem acontecer apenas enquanto houver alunos que não sabem os nomes das letras. Depois disso, elas perdem a função.





O QUE CONSULTAR?

Você pode utilizar como apoio para o trabalho com o alfabeto algumas publicações que trazem informações históricas sobre a origem e as transformações do nosso alfabeto e o sistema de escrita de outros povos e culturas, ampliando o trabalho com esse tema com informações e curiosidades históricas e linguísticas. Outra opção é apresentar aos alunos textos literários que brincam com a ordem alfabética, tais como os livros aqui indicados.

Sugestões de textos:

O livro das Letras, de Ruth Rocha e Otávio Roth, Editora Melhoramentos.

Aprendendo Português, de César Coll e Ana Teberosky, Editora Ática.

De Letra em Letra, de Bartolomeu Campos de Queirós, Editora Moderna.

Coral dos Bichos, de Tatiana Belinky, Editora FTD.

Zoonário, de Antônio Barreto, Editora Mercuryo Jovem.

Uma Letra Puxa Outra, de José Paulo Paes e Kiko farkas, Companhia das Letrinhas.

A Velhinha que Dava Nome às Coisas, de Cynthia Rylant - Editora Brinque Book.

O Menino que Aprendeu a Ver, de Ruth Rocha, editora Salamandra.

Poema: Nome de Gente, de Pedro Bandeira.

Gente Tem Sobrenome (música: Toquinho)





ATIVIDADE 1A

ATIVIDADE DO ALUNO

A A a a	B B b b	C C c c	D D d d	E E e e	F F f f
G G g g	H H h h	I I i i	J J j j	K K k k	L L l l
M M m m	N N n n	O O o o	P P p p	Q Q q q	R R r r
S S s s	T T t t	U U u u	V V v v	W W w w	X X x x
Y Y y y	Z Z z z				





ATIVIDADE 2

LEITURA COM O PROFESSOR

Uma parlenda para recitar o alfabeto

Objetivos

- Ouvir a leitura e apreciar um texto do repertório popular de nossa cultura.
- Reconhecer o sistema de escrita alfabética como representação dos sons da fala.
- Nomear as letras do alfabeto e recitá-las na ordem das letras.
- Reconhecer, em textos diversificados, rimas, sonoridades, jogos de palavras, palavras, expressões, comparações, relacionando-as com sensações e associações.
- Recitar parlendas, com entonação adequadas e observando às rimas.

Planejamento

- Organização do grupo: os alunos poderão estar reunidos em círculo.
- Materiais necessários: corda para brincar e letra da parlenda – Atividade da Coletânea do aluno.
- Duração aproximada: 20 a 30 minutos.

Encaminhamento

As parlendas são consideradas textos de tradição oral que auxiliam o estudante a apoiar a sua leitura na memória. Assim, ele consegue ler, mesmo que não convencionalmente. Isso faz com ele se sinta mais interessado na leitura e, conseqüentemente, em aprender a escrever.

- Utilize a parlenda da Coletânea de Atividades. Escreva o texto na lousa ou em um cartaz, como suporte para a leitura coletiva. A seguir, faça a leitura, pausadamente, quantas vezes forem necessárias para que os estudantes identifiquem as palavras no texto. Mas, vá apontando as palavras para facilitar o reconhecimento.





- Após a leitura, providencie cordas e planeje um local no pátio adequado à brincadeira para recitar o texto em um contexto lúdico.
- Ao iniciar a atividade, procure informar-se sobre quem sabe/gosta de pular corda. Comente com os alunos que a parlenda pode acompanhar a brincadeira de pular corda. Pergunte-lhes se conhecem alguma outra parlenda ou cantiga de “pular corda”.
- Simule a brincadeira e convide os alunos: se uma pessoa “erra o pulo” e para na letra “D”, por exemplo, deve dizer o nome de uma pessoa que inicie com essa letra. Escreva os nomes que eles disseram na lousa. Comente também que as letras do alfabeto, na parlenda, aparecem em ordem alfabética.
- Ao final da atividade, os alunos poderão levar a parlenda para ler com os familiares e ilustrar o texto.
- Após, leiam as novas palavras contando nos dedos quantas vezes abriram a boca para falar cada uma delas.

Variação da atividade

- Recitar o alfabeto para que os alunos consigam memorizar a ordem alfabética.
- Organizar a turma em duplas ou trios e entregar o alfabeto móvel para que montem a ordem alfabética.
- Utilizar a ordem alfabética para, por exemplo, sortear os ajudantes do dia, os alunos que irão iniciar uma brincadeira etc. Peça-lhes que recitem em voz baixa o alfabeto e, quando você falar “para”, eles dizem a letra na qual estavam na recitação.
- Propor que os alunos organizem pequenas listas de palavras em ordem alfabética, favorecendo a reflexão sobre o sistema de escrita.
- Produzir uma “Agenda de Aniversários” com os nomes dos colegas organizados em ordem alfabética.





ATIVIDADE DO ALUNO

LEIA A PARLENDAS E RECITE O ALFABETO:

SUCO GELADO

CABELO ARREPIADO

QUAL É A LETRA

DO AMIGO DO LADO?

A B C D E F G H
I J K L M N O P Q
R S T U V W X Y Z

Na Coletânea de Atividades do aluno você encontrará atividades complementares, **2A e 2B**, para o trabalho em sala.





SITUAÇÕES DE LEITURA E ESCRITA DE NOMES PRÓPRIOS

As investigações psicogenéticas evidenciam que o ensino do nome próprio é uma importante fonte de informação sobre o sistema de escrita e pode cumprir com alguns propósitos didáticos bem específicos nas salas de aula dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental como: ajudar as crianças a compreender que não é qualquer conjunto de letras que serve para qualquer nome; que a ordem das letras não é aleatória; que o começo do nome escrito tem algo a ver com o começo do nome quando dito; e também a compreender o valor sonoro das letras. Além dessas contribuições, o trabalho com nomes próprios apresenta aos alunos um conjunto de letras que lhes servirão para compor outras escritas e assim, possibilitar que continuem – quaisquer que sejam seus conhecimentos sobre o sistema de escrita – avançando em seu processo de construção do sistema alfabético. Por essas razões, a rotina semanal para o 1º ano prevê um trabalho com nomes próprios durante todo o ano letivo. São, portanto, **atividades permanentes**.

O nome é parte da identidade de cada um e, como tal, tem valor intrínseco. Por isso, ler e escrever o próprio nome e o de alguns colegas da classe são aprendizagens que carregam um significado emocional importante. Além disso, os nomes assumem grande valor para a aprendizagem do sistema alfabético, pois, a partir de situações em que é preciso ler ou escrever seu próprio nome (ou de algum colega), colocam-se problemas interessantes que contribuem para ampliar os conhecimentos dos alunos sobre a organização do sistema de escrita alfabética. Várias pesquisas comprovam que a lista de nomes dos colegas da classe é uma valiosa fonte de informação para a criança, pois:

- elas indicam que, para a escrita de determinado nome, é preciso um conjunto de letras específico;
- ao considerar o conjunto de nomes dos colegas, as crianças observam que todos eles são escritos somente com as letras do alfabeto, não há grafismos inventados para cada nome;





- é possível observar que as letras não são partes exclusivas de um único nome: as mesmas letras podem estar presentes em diferentes nomes de colegas;
- os nomes também tornam explícito que a ordem das letras nas palavras não é aleatória e que existe um sentido convencional para a leitura;
- a leitura e escrita de nomes ajudam a compreender, também, o valor sonoro convencional das letras;
- ao analisar as semelhanças e diferenças entre os nomes dos colegas, as crianças aprendem que um mesmo conjunto de letras, na mesma ordem, remete a determinado nome, ao passo que pequenas diferenças entre os nomes podem remeter a nomes diferentes (como ocorre em FERNANDO e FERNANDA); e ao observar essas diferenças, os alunos aprendem a considerar indícios variados para realizar a leitura dos nomes: podem usar a quantidade de letras para diferenciar nomes (por exemplo, se há poucas letras é mais provável que seja o nome do PEDRO do que de RONALDO), a quantidade de palavras (MARIA LUÍSA tem duas partes e MARIANA só uma), a diferença entre as letras (para diferenciar FERNANDO de FERNANDA, por exemplo, é preciso observar a letra final).

Além de fonte de conflito, esse conjunto de palavras conhecidas funciona como um importante “material de consulta”: ao escrever determinada palavra, as crianças aprendem a buscar na lista de nomes dos colegas informações que lhes permitam escrever de maneira mais próxima da convencional outras palavras cuja escrita não dominam. Por exemplo, ao escrever uma lista de frutas, o nome de MANUEL poderá ser consultado para a escrita da palavra MAÇÃ, uma vez que as crianças observam que ambas as palavras se iniciam pelo mesmo som e, portanto, devem ter a(s) mesma(s) letra(s) inicial(is).





PRÁTICAS DIDÁTICAS PARA AS SITUAÇÕES DE LEITURA E ESCRITA DE NOMES DOS COLEGAS DA CLASSE

Em todas as situações em que a proposta é ler ou escrever seu próprio nome ou de colegas da classe, os alunos precisam contar com materiais em que tais palavras estejam escritas convencionalmente. A lista de crianças da classe deve estar afixada em um local acessível e organizada de maneira bastante legível. Para isso, algumas considerações são importantes:

- Cada nome deve constar em uma linha;
- Todos os nomes devem estar alinhados à esquerda (pois isso facilita a comparação entre a quantidade de letras de cada nome);
- O tamanho da letra utilizada deve ser grande o suficiente para facilitar a consulta (a letra CAIXA ALTA é a mais indicada);
- Apenas os nomes escritos devem constar da lista (evite o uso de fotos, desenhos e outros indícios que tornariam desnecessário usar as letras como forma de discriminar cada um dos nomes).

É interessante também que a lista seja feita com a participação dos alunos, garantindo a oportunidade de reflexão sobre o sistema de escrita. Para isso converse com as crianças sobre:

- A importância de ter uma lista com os nomes dos alunos da classe;
- Qual a melhor forma de organizar a lista com o nome dos alunos (é interessante que cheguem à conclusão de que a melhor forma seja a ordem alfabética);
- A cada nome registrado é importante que seja garantida uma reflexão no coletivo, de forma que os alunos possam perceber as semelhanças e as diferenças (quantidade de letras, com quais letras etc...) entre cada nome registrado;





- Ao se depararem com nomes semelhantes, é importante problematizar, de forma que os alunos percebam que há necessidade de registrar o segundo nome, como Maria Isabel e Maria Eduarda.

Além da lista, fazer cartões de nomes, em que os mesmos cuidados assinalados acima sejam observados, também é interessante, pois esse material pode, mais facilmente, ser levado à mesa do aluno para servir de modelo nas situações de escrita, além de ser um material útil em propostas em que os alunos precisem ler.

No entanto, é preciso deixar claro que os alunos somente ganharão autonomia para ler e escrever seus nomes se:

- Houver um trabalho em que frequentemente precisem ler e escrever nomes;
- As atividades propostas não forem meros exercícios de identificação de nomes ou de cópia, mas façam sentido, ou seja, exista um motivo claro e compartilhado entre todos para realizar as atividades;
- Em todas as situações propostas, as crianças colaboram umas com as outras, enumerando quais pistas, oferecidas pelas letras, permitem realizar as leituras propostas, pistas essas que devem também ser justificadas pelos alunos;
- Planejar situações considerando a autonomia já conquistada pelos alunos para enfrentar os desafios.

Desde o início do ano, é importante que os alunos tenham contato com a lista de nomes dos colegas na forma de um cartaz em que constem todos os nomes e na forma de cartões individuais para cada nome. Tal material deve estar em tamanho legível, mesmo a distância (sugerimos o uso da letra CAIXA ALTA), não é necessário mudar a cor da letra para diferenciar nomes de meninos e meninas. Com isso, espera-se que as crianças contem apenas com a diferença entre as letras que compõem cada nome para apoiá-las em atividades em que terão de localizar seu próprio nome ou o de algum colega.

À primeira vista, pode parecer que isso dificulta o trabalho das crianças, mas tais cuidados visam a garantir que a localização rápida dos nomes não se torne o objetivo e, sim, um desafio para que as crianças, aos poucos, utilizem as





letras para diferenciar um nome do outro. Dito de outra forma, espera-se que os alunos usem as letras como indícios ou pistas que lhes permitam ler os nomes, antes mesmo de dominar o funcionamento do sistema alfabético de escrita.

Numa determinada classe, por exemplo, se expostas à necessidade de ler os nomes dos colegas, as crianças observam que o único nome da classe a se iniciar pela letra R é o do colega RENATO, sendo esse um indício eficiente para localizá-lo. Já a leitura de MARIA LÚCIA não é tão simples, pois na mesma classe há também MARINA e MARIA ISABEL. Nesse caso, a letra inicial permite localizar os nomes dessas meninas, mas não é suficiente para saber quem é quem. Resolvendo o desafio, algumas crianças observam que o nome de MARIA LÚCIA tem duas partes, o que o diferencia do nome de MARIANA. Observam também que a primeira parte se repete no nome de MARIA ISABEL e, para diferenciar o nome de uma e outra colega, é suficiente observar a última letra ou a primeira letra da segunda parte (ou palavra) de cada um dos nomes.

Muitas vezes, as crianças observam essas pistas escritas antes mesmo de compreender que tais diferenças se relacionam ao som associado a cada letra. No entanto, tal possibilidade de discriminação entre palavras contribui para associações entre sons e letras.

Se, no início do ano, as crianças não contam com essas pistas de leitura, é preciso um trabalho constante, intencional e cuidadoso desde o princípio, para que, aos poucos, se apropriem de tais recursos. Para que consigam, autonomamente, localizar os nomes na lista e, ao mesmo tempo, justifiquem suas escolhas de maneira adequada (ou seja, expliquem no que se basearam para descobrir que em determinado cartão está escrito o nome de certo colega), é preciso que diferentes situações ocorram. Você pode:

- ler em voz alta o que está escrito nos cartões de nomes. Por exemplo, diz “aqui está escrito MANUEL, vou dar esse cartão ao Manuel para que ele possa escrever seu nome na atividade”. Esse encaminhamento é mais frequente no início do trabalho, pois as crianças ainda não contam com elementos que lhes permitam diferenciar um nome do outro;
- propor momentos coletivos em que pede ao grupo que encontre, na lista, o nome de determinado colega. Nesse momento, faz perguntas como “onde vocês acham que pode estar escrito o nome do Manuel?” Para cada resposta das crianças peça justificativas para aquela suposição, dizendo “por que você acha que aí está escrito MANUEL?”





O que fez você pensar que nessa palavra pode estar escrito esse nome?” Com esse encaminhamento, deixa claro que não se trata de uma escolha aleatória, uma adivinhação, mas de usar letras como pistas que permitam localizar o referido nome;

- propor que uma criança confirme a suposição de outra. Por exemplo, a partir da indicação de um colega, que diz que em determinado cartão deve constar o nome do Manuel, você pede ao próprio que diga se a palavra escolhida é, ou não, seu nome. Ao mesmo tempo, pede que Manuel ajude os colegas a encontrar boas pistas para localizar seu nome. Muitas vezes, a letra inicial é um bom indício para isso. Em alguns casos, porém, outras letras podem ser consideradas (por exemplo, uma letra que aparece na posição central, mas faz parte apenas do nome de uma criança, tal como o Y no nome de MAYRA).

A colaboração entre os alunos pode dar-se em momentos coletivos, em que todos trocam informações sobre recursos eficientes para localizar os nomes dos colegas. É interessante, porém, que tais momentos sejam mesclados com outros em que a colaboração se dá em pequenos grupos (em quartetos ou duplas), especialmente organizados de acordo com os conhecimentos dos alunos em relação ao sistema de escrita.

Em outros, ainda, é importante que os alunos sejam desafiados a realizar tais leituras individualmente, ou seja, a partir das discussões anteriores, cada criança precisa ter a oportunidade de arriscar a ler seu nome ou o nome dos colegas, contando com a lista de colegas da classe para consulta.

O objetivo desse conjunto de situações didáticas é promover ricas discussões coletivas acerca da leitura e escrita de nomes próprios, em que seja possível aos alunos informar-se, discutir, justificar suas ideias, confrontar pontos de vista diferentes, construir argumentos para defender suas opiniões gerando, assim, avanço na aprendizagem do sistema de escrita.





ATIVIDADE 3

LER NOMES DOS COLEGAS DA CLASSE

Caro professor, esta atividade não consta na Coletânea de Atividades do aluno, mas é fundamental na sequência do seu trabalho.

Objetivo

- Aprender a ler utilizando-se de diferentes informações como: quantas e quais letras tem determinado nome; em que ordem se apresentam; semelhanças e diferenças entre os nomes da turma e o conhecimento sobre o valor sonoro convencional das letras.

Planejamento

- Organização do grupo: a atividade é coletiva, as crianças podem ficar em seus lugares ou em uma roda no chão.
- Materiais necessários: cartões com nomes de todas as crianças da classe (apenas o primeiro nome, em letra CAIXA ALTA, num tamanho legível mesmo a distância).
- Duração aproximada: 20 minutos.

Encaminhamento

- Organize os cartões de nomes em ordem aleatória (não os utilize na mesma ordem em que aparecem no cartaz de nomes).

MARIA LÚCIA

MARCELO

LUCAS

JOSÉ CARLOS





- Explique a atividade: para marcar na lista de presença os nomes das crianças que não vieram, você mostrará um cartão em que está escrito o nome de uma das crianças da turma. Todos devem descobrir a quem pertence e dizer se a criança veio ou não naquele dia.
- Peça às crianças, cujo nome for apresentado, para que não se manifestem e deixem que os colegas descubram de quem é o cartão.
- Mostre o primeiro nome e pergunte às crianças se sabem de quem é. Oriente-as para que falem uma de cada vez.
- Provavelmente, as crianças indicarão alguns nomes. Independentemente de a resposta estar correta, solicite a cada uma que justifique sua resposta a partir de perguntas como: “Por que você acha que aqui está escrito o nome deste colega?” ou “O que nesta palavra fez você pensar que está escrito o nome desse colega?”
- Mesmo que a resposta esteja correta, problematize a justificativa oferecida pela criança, a partir de novas perguntas como “Você disse que é o nome da... porque termina com A, mas há outros nomes na classe que também terminam com A. Como podemos ter certeza de que aqui está escrito mesmo o nome da ...?” ou “Você acha que esse nome é do ... porque começa com P, mas na nossa classe há outras crianças cujo nome também se inicia por essa letra, como saber se é mesmo o nome do ...?”
- Quando a justificativa de uma criança não puder ser problematizada porque ela usou as pistas que permitem antecipar o nome, pergunte à criança cujo nome está no cartão se confirma que ali está escrito seu nome.
- Faça isso com os demais nomes dos colegas. Se a atividade começar a ficar longa e cansativa, abrevie escolhendo somente os cartões das crianças que não compareceram à aula e propondo que descubram a quem pertence. Marque na lista de presença o nome das crianças que faltaram. É interessante fazer uma lista de presença grande, que deverá ficar afixada na classe, para que as marcas referentes às faltas que ocorrerem a cada dia estejam acessíveis aos alunos.





ATIVIDADE 4

Na Coletânea de Atividades do aluno, você encontrará atividades complementares, **da 4A a 4E**, para o trabalho em sala.

ATIVIDADE 5

ESCRITA DO NOME PRÓPRIO

Caro professor, esta atividade não consta na Coletânea de Atividades do aluno, mas é fundamental na sequência do seu trabalho.

Objetivos

- Participar de situações em que escrever o próprio nome faça sentido.
- Tornar explícito que a ordem das letras nas palavras não é aleatória e que existe um sentido convencional para escrita e leitura.
- Identificar fonemas e sua representação por letras.

Planejamento

- Organização do grupo: de forma coletiva, com os alunos dispostos em roda.
- Materiais necessários: cartelas com os nomes de cada aluno e cartelas em branco para cada criança. As cartelas com o nome de cada aluno devem ser confeccionadas com papel de uma só cor e letras em CAIXA ALTA grafadas com o mesmo marcador (cor de caneta, pincel atômico), para que somente a diferença a ser evidenciada seja o escrito entre uma cartela e outra. Os desenhos ou fotos não são convenientes, já que a intenção é promover uma situação de reflexão sobre o sistema de escrita.
- Duração aproximada: 30 minutos.





Encaminhamento

- Com os alunos dispostos em círculo, distribua as cartelas no centro e peça que cada aluno localize a etiqueta com o seu nome. Depois, cada um deverá pegar sua cartela e copiar seu nome nas cartelas em branco;
- Convide os alunos a colar as cartelas em seus pertences. Sendo essa uma prática social do cotidiano das crianças, é necessário escolher materiais, aproximadamente 2 ou 3 que tenham uma superfície relativamente plana que permitam a colagem com o nome do aluno, como, por exemplo, pastas, cadernos, caixas onde guardam atividades;
- Durante a leitura deslize o dedo pela cartela mostrando aos alunos onde lê;
- No momento da cópia atue respondendo às solicitações dos alunos e também focalizando certos problemas que podem proporcionar reflexões;
- Observe como trabalham;
- Mostre como é o traçado de certas letras e vá explicitando como se faz;
- Informe sobre a linearidade e direção da escrita;
- Nomeie as letras;
- Divida a produção com os alunos que porventura se sintam inseguros quanto à tarefa: proponha, por exemplo, que façam uma letra cada um “Você faz a primeira letra e eu faço a segunda, vamos lá.”;
- Socialize as produções, apoiando o empenho e as ações dos alunos;
- Peça aos estudantes que montem os seus nomes usando o alfabeto móvel. Na Coletânea de Atividades, há diversas atividades complementares para trabalhar o nome próprio em diferentes momentos.

Variação da atividade

A mesma atividade deve ser realizada mais de uma vez, propondo que se identifiquem outros pertences do material escolar e planejando algumas variações como:





- selecionar alguns alunos para que façam a entrega das cartelas aos demais da classe;
- propor que escrevam espontaneamente o nome e depois confrontem com o modelo, revisando o que é necessário inserir, mudar de posição ou ainda retirar.

ATIVIDADE 6

ORGANIZANDO A LISTA COM OS NOMES DOS ALUNOS

Objetivos

- Participar de situações em que escrever o próprio nome faça sentido.
- Aprender a ler utilizando-se de diferentes informações como: quantas e quais letras tem determinado nome; em que ordem se apresentam; quais as relações entre o falado (a informação verbal da professora) e o escrito (as cartelas selecionadas).
- Promover discussões coletivas acerca do sistema de escrita, em que seja possível a todos os alunos – independentemente de sua hipótese de escrita – informar-se, discutir, justificar suas ideias, confrontar pontos de vista diferentes e construir argumentos para defender suas opiniões.

Planejamento

- Organização do grupo: coletivamente ou em duplas.
- Materiais necessários: cartelas com o nome de cada aluno, confeccionadas anteriormente conforme orientações encontradas na Atividade 4.
- Duração aproximada: 30 minutos





Encaminhamento

- Selecione os diferentes conjuntos de nomes antecipadamente, pois, eles serão os responsáveis pelo grau de desafio proposto aos alunos. Veja quais critérios considerar: turmas em que boa parte dos alunos não dispõem de conhecimentos suficientes sobre o valor sonoro convencional das letras é importante escolher nomes que contrastam bastante em relação à sua extensão e ao seu conjunto de letras. Isso facilita a tarefa sem abrir mão do desafio.
- Quando há boa parte dos alunos na turma que já tem o conhecimento suficiente sobre o valor sonoro convencional, é necessário propor um desafio mais complexo, organizando conjuntos com nomes bem semelhantes quanto às propriedades quantitativas e qualitativas.

Variação da atividade

- A mesma atividade pode ser realizada semanalmente ou o mesmo procedimento ser usado para construir outras listas: a de encarregados pela biblioteca de classe (responsável pelo registro de empréstimos de livros), a de aniversariantes do mês ou ainda a lista dos alunos que usam o transporte escolar.
- Na 2ª ou 3ª semana de realização da atividade é possível colocar o mesmo desafio de leitura aos alunos onde diz um nome em um conjunto de três nomes, sem oferecer a informação sobre todos os três nomes, apenas dizendo o nome solicitado: “Busquem nestas cartelas o nome de Marina”. Nesse caso os alunos têm menos informação verbal para coordenar, portanto, um desafio maior.





ATIVIDADE DO ALUNO

NA LISTA DE NOMES DOS ALUNOS DA SUA SALA, ALGUNS MENINOS E MENINAS ESTÃO MISTURADOS. ORGANIZE UMA LISTA DE MENINOS E UMA LISTA DE MENINAS DA SUA CLASSE.

MENINOS	MENINAS





ATIVIDADE 7

ORGANIZANDO A LISTA DE AJUDANTES DA SEMANA

Caro professor, esta atividade não consta na Coletânea de Atividades do aluno, mas é fundamental na sequência do seu trabalho.

Objetivos

- Participar de situações em que escrever o próprio nome faça sentido.
- Aprender a ler utilizando-se de diferentes informações como: quantas e quais letras tem determinado nome; em que ordem se apresentam; quais as relações entre o falado (a informação verbal da professora) e o escrito (as cartelas selecionadas).

Planejamento

- Organização do grupo: coletivamente.
- Materiais necessários: cartelas com o nome de cada aluno.
- Duração aproximada: 30 minutos.

Encaminhamento

- Informe aos alunos que irão organizar uma lista de ajudantes da semana para que seja afixada na sala.
- Para isso os alunos terão que descobrir onde diz um determinado nome em um conjunto de três diferentes nomes de alunos da classe. A leitura dos nomes será feita invertendo a ordem de apresentação, para que os alunos não saibam qual é qual e os nomes a serem utilizados serão os dos alunos da sala. Diga a eles: “eu vou mostrar 3 cartelas de nomes e vocês terão que apontar qual é a cartela que diz o nome solicitado. Por exemplo, nesse conjunto temos os nomes RODRIGO, CAIO e JOSÉ HENRIQUE. Digam, onde diz RODRIGO?”





- Selecione os diferentes conjuntos de nomes antecipadamente, pois, eles serão os responsáveis pelo grau de desafio proposto aos alunos.
- No exemplo abaixo podemos destacar dois conjuntos contrastantes em quantidade e variedade de letras (diferentes inícios e finais e também variam quanto à sua extensão), por isso, permitem aos alunos considerar diferentes pistas de acordo com suas possibilidades.

GABRIELA
MARIA EDUARDA
LUÍS

PEDRO HENRIQUE
CÉSAR
ANA

- Quando há boa parte dos alunos na turma que já tem o conhecimento suficiente sobre o valor sonoro convencional, é necessário propor um desafio mais complexo, organizando conjuntos com nomes bem semelhantes quanto às propriedades quantitativas e qualitativas.
- Já neste exemplo, em cada conjunto há **semelhanças quanto aos inícios e finais** dos nomes e também quanto à **extensão**. Isso promove **análises internas dos textos** já que as diferenças não se encontram nos segmentos iniciais e, ou, finais.

RODRIGO
RAQUEL
ROBERTO

LÚCIA
LUDMILA
LARISSA

- Apresente o conjunto selecionado usando as cartelas de nomes (você pode afixar na lousa/quadro as 3 cartelas ou mural). Diga quais os nomes do conjunto em uma ordem diferente da apresentada nas cartelas e peça que descubram qual é o nome determinado por você. Diga: **“tenho aqui os nomes LUÍS, MARIA EDUARDA e GABRIELA. Onde diz MARIA EDUARDA?”**





A partir desse exercício, é importante que dialogue com as ideias e hipóteses dos alunos e promova um espaço de reflexão sobre o sistema de escrita.

É importante observar que a natureza da intervenção sugerida ao professor não é a mesma para todas as situações: ora a professora informa, ora solicita que os alunos justifiquem suas opiniões ou escolhas; em outro momento confirma uma posição, em outro ainda oferece uma informação verbal específica para que os alunos possam coordenar com o escrito.

ATIVIDADE 8

ELABORANDO UM QUADRO DE PARTICIPANTES DAS BRINCADEIRAS

Caro professor, esta atividade não consta na Coletânea de Atividades do aluno, mas é fundamental na sequência do seu trabalho.

Objetivos

- Participar de situações em que escrever o próprio nome faça sentido nas práticas sociais.
- Promover discussões coletivas acerca do sistema de escrita, em que seja possível a todos os alunos – independentemente de sua hipótese de escrita – informar-se, discutir, justificar suas ideias, confrontar pontos de vista diferentes e construir argumentos para defender suas opiniões.

Planejamento

- Organização do grupo: inicialmente em duplas; depois em quartetos.
- Materiais necessários: letras móveis.
- Duração aproximada: 30 minutos.

Encaminhamento

- Planeje a organização das duplas antes de começar a atividade, considerando os conhecimentos dos alunos sobre o sistema de escrita.





A seguir uma sugestão para o agrupamento:

- alunos com escrita silábica com valor sonoro convencional com alunos com escrita pré-silábica;
 - alunos com escrita silábica com valor sonoro convencional com alunos com escrita silábica sem valor sonoro convencional;
 - alunos com escrita silábica com valor sonoro convencional com alunos com escrita silábica alfabética;
 - alunos com escrita silábica alfabética com escrita alfabética;
 - alunos com escrita alfabética com alunos com escrita alfabética.
- Proponha aos alunos algumas brincadeiras/jogos para brincar no horário do recreio (ou em outro momento), em um determinado dia da semana (a sexta-feira, por exemplo). Sugira que façam um quadro organizando as brincadeiras e o nome daqueles alunos que querem participar de cada uma delas. Permita que escolham 4 ou 5 brincadeiras possíveis de serem realizadas considerando o tempo e o espaço disponíveis.
 - Anote o nome de cada brincadeira em um quadro semelhante a este:

AMARELINHA	QUEIMADA	ESCONDE-ESCONDE	JOGOS DE TABULEIRO	CORDA

- Peça aos alunos que escolham de qual brincadeira querem participar e registre inicialmente em um caderno próprio de anotações (aqui trata-se de um registro pessoal do professor para poder organizar o restante da atividade de escrita de nomes). Guarde as anotações.





- Alguns dias antes do dia estipulado para brincar, proponha que os alunos escrevam, utilizando letras móveis, os nomes dos participantes de algumas das brincadeiras. Neste momento, a lista de nomes da classe deve ser retirada, para que evitem a cópia.
- Organize previamente as duplas e os quartetos, definindo o trabalho, a fim de garantir que haja alunos com hipóteses de escrita próximas (no quarteto e na dupla) e que os alunos com escrita pré-silábica não sejam agrupados com outro de mesma hipótese.
- Dite o primeiro nome a ser escrito pelas duplas.
- Permita que as duplas discutam a melhor forma de escrever o nome do colega.
- Em seguida peça que uma dupla se una à outra que está no quarteto e compare suas produções.

ATIVIDADE 9

Na Coletânea de Atividades do aluno você encontrará uma atividade complementar para o trabalho em sala.

ATIVIDADE 10

JOGO DO NOME OCULTO

Caro professor, esta atividade não consta na Coletânea de Atividades do aluno, mas é fundamental na sequência do seu trabalho.

Objetivo

- Aprender a ler utilizando-se de diferentes conhecimentos como: as semelhanças e diferenças quantitativas e qualitativas entre os nomes da turma; a ordem em que as letras se apresentam e o valor sonoro convencional das letras.





Planejamento

- Organização do grupo: em roda, coletivamente.
- Quais materiais necessários: cartelas com o nome de cada aluno.
- Duração aproximada: 30 minutos.

Encaminhamento

- Explique aos alunos que irão participar de um jogo de leitura em que o objetivo é descobrir qual é o nome escondido.
- Selecione previamente as cartelas com os nomes que utilizará nessa rodada. É importante que o nome escolhido permita criar um bom contexto de reflexão. Por exemplo, selecionar o nome MARIANA em uma sala onde há também MARIA LUÍSA, MARINA, MARA e MARCOS. As semelhanças quantitativas e qualitativas desses nomes promoverão certamente bons problemas aos alunos.
- Mostre ao grupo a primeira letra do nome ocultando o resto da palavra e proponha discutir as relações entre as partes e o todo do nome MARIANA.

ATIVIDADE 10A

Na Coletânea de Atividades do aluno você encontrará uma atividade complementar para o trabalho em sala.





PRÁTICAS DE LEITURA/ ESCUITA E ESCRITA NA PRODUÇÃO DE TEXTOS

Para aprender a escrever, não basta compreender o sistema de escrita alfabética. Escrever envolve dominar o processo de produção de um texto, o que implica conhecer as diferentes possibilidades da linguagem, dependendo daquilo que se tem a intenção de comunicar e para quem. Envolve também dominar algumas práticas comuns aos escritores, tais como planejar o que vai escrever, escrever interrompendo sua escrita para reler o que já foi produzido até aquele momento, revisar seus escritos para aprimorá-los, consultar outros textos para ampliar suas ideias a respeito do que se quer comunicar.

Caso as atividades propostas aos alunos no início de sua escolaridade fiquem restritas àquelas que favorecem a reflexão sobre o sistema de escrita, transmite-se uma ideia empobrecida do que seja o processo de escrita, como se a única habilidade necessária fosse a correspondência entre sons e letras.

Mas, se desde o início os alunos forem colocados ante situações em que tenham de produzir textos complexos, que considerem propósitos comunicativos variados e que se dirijam a leitores reais, torna-se possível tanto que aprendam o que significa escrever, quanto desenvolvam, enquanto enfrentam os problemas próprios aos escritores, as habilidades necessárias para lidar com textos.

Quando ainda não dominam o funcionamento do sistema de escrita alfabética, os alunos podem produzir textos se contarem com o professor como escriba daquilo que ditam. Tal produção costuma ser coletiva, ou seja, o grupo de alunos todo é autor do texto, o que significa que todos contribuem para decidir o que será escrito e como, num processo de discussão e troca de experiências em que cada um tem a oportunidade de aprender com as sugestões dos colegas.

O professor, nesse caso, limita-se a escrever o texto que foi considerado mais adequado pelas crianças, sem organizá-lo ou traduzi-lo para suas próprias palavras. Além disso, ele coordena a produção, propondo momentos em que o que já foi escrito seja relido, sugerindo que o texto seja revisado para acrescentar dados que foram esquecidos numa primeira escrita, para esclarecer pontos que ficaram confusos, acrescentar elementos de coesão a fim de evitar repetições





no texto, para rever trechos que apresentem problemas, convidando o grupo a refletir sobre formas que permitam superá-los.

Quando produzem um texto coletivo junto ao professor, os alunos aprendem especialmente o que significa o processo de elaboração de um texto em toda a sua complexidade: aprendem que cada gênero textual tem características que lhe são próprias, características essas importantes para que cumpram determinados propósitos comunicativos.

Outra aprendizagem propiciada por essa atividade é a diferenciação entre o conteúdo que se deseja incluir no texto e a forma como será expresso tal conteúdo. Assim, quando vão produzir um texto, é comum que as crianças se contentem em listar as informações que desejam incluir.

No contato com os colegas, que sugerem formas diferentes de expressar o mesmo conteúdo, as crianças aprendem que a linguagem tem várias possibilidades. Em cada momento, um escritor deve fazer escolhas para que seu texto concretize exatamente aquilo que foi sua intenção dizer, considerando, também, a linguagem mais adequada.

Além disso, sob a orientação do professor, essa situação didática também permite que os alunos aprendam que a produção de um texto requer diferentes momentos: há um momento inicial para planejar o que será escrito, há o momento da produção propriamente, marcado por várias interrupções em que se relê o que se escreveu, para avaliar se está bem escrito, se faltam informações importantes e para decidir o que será descrito a seguir.

Além da textualização, é comum que o escritor se dedique a revisar o texto, fazendo mudanças na maneira de se expressar, visando a melhorar o que escreve, ou seja, a revisão contribui para o aprimoramento da produção.

Todos esses diferentes momentos da escrita, bem como os problemas que os escritores enfrentam em cada um deles, são colocados aos alunos quando se dedicam a situações como essa. Para enfrentá-los, contam com a colaboração dos colegas, a ajuda do professor, que aponta os problemas, propõe ao grupo a reflexão sobre possibilidades de resolvê-los e indica algumas saídas. Contam, também, com a utilização de textos bem escritos, lidos em momentos anteriores, que, nesse momento, são revisitados para analisar as soluções encontradas por seus autores para lidar com determinadas dificuldades enfrentadas pelas crianças, enquanto se dedicam à produção.

Mesmo que o foco da atividade não seja esse, enquanto observam o professor escrevendo, os alunos têm a oportunidade de observar aspectos relacionados ao sistema de escrita. Para alguns, a variedade de letras utilizadas





pelo professor, enquanto escreve, chama a atenção, pois estão em diferentes níveis de escrita.

É importante que, antes de se propor que produzam determinado texto, os alunos já tenham familiaridade com ele como leitores. Se vão produzir bilhetes ou cartas, é importante garantir momentos em que já tenham lido bilhetes ou cartas.

Além da experiência como leitores, é interessante propor momentos em que conversem sobre a organização dos textos, o tipo de informação que pode neles constar.

Para que seja produtiva, é importante que, antes de se dedicarem à situação de produção, os alunos conheçam a situação comunicativa em que está inserida, definindo a quem se dirige o texto e qual o objetivo que se tem ao escrevê-lo.

Saber sobre o gênero textual e suas características, sobre o destinatário a quem se dirige e os propósitos que se espera alcançar com a escrita, contribui para que os alunos decidam quais informações são pertinentes e como serão expressas no texto.

ATIVIDADE 11

PRODUÇÃO DE UM BILHETE PARA OS PAIS

Caro professor, esta atividade não consta na Coletânea de Atividades do aluno, mas é fundamental na sequência do seu trabalho.

Objetivo

- Escrever coletivamente um bilhete incluindo todas as informações necessárias para que se garanta seu propósito.
- Planejar o que vai escrever e revisar o que foi escrito.

Planejamento

- Organização do grupo: coletivamente e as crianças podem permanecer em seus lugares.





- Materiais necessários: giz e lousa.
- Duração aproximada: 50 minutos.

Encaminhamento

- Antes da aula, providencie alguns bilhetes que já foram lidos para os alunos: bilhetes enviados por você aos pais de uma criança ou ao professor de outra classe ou bilhetes enviados a você pelos pais.
- Explique a atividade: as crianças escreverão coletivamente um bilhete aos familiares, convidando-os para auxiliar na montagem dos kits para os espaços de atividades diversificadas da classe, assim como a doação de brinquedos e materiais que possam ser utilizados para esta finalidade.
- Antes de propor que iniciem o texto, leia alguns dos bilhetes que trouxe e discuta com os alunos: Para quem foi enviado? Como sabem disso? Quem o enviou? Como, nesse bilhete, aparece a informação sobre quem o escreveu? Para quem esse bilhete foi enviado?
- Proponha uma nova discussão sobre as informações que deverão constar no bilhete que escreverão.
- Depois dessa conversa inicial, proponha que ditem o que deve ser escrito, considerando tudo que foi conversado nesses momentos iniciais.
- Quando determinado enunciado for sugerido por uma criança, peça que outras sugiram opções e, em seguida, discutam qual delas ficará mais interessante.
- Enquanto escreve, interrompa algumas vezes a escrita para reler em voz alta aquilo que já foi escrito. Pergunte, então, o que ainda falta escrever.
- Quando os alunos considerarem o texto terminado, proponha a revisão logo após a escrita (como se trata de um texto curto, é possível que a revisão ocorra na mesma aula): leia em voz alta e pergunte se acham que está claro e bem escrito. Pergunte também se falta alguma informação importante.





- Terminada a revisão do que precisa ser alterado, incorpore as mudanças sugeridas e providencie folhas com linhas, para que as crianças copiem o bilhete, pois desta forma, a escrita fará mais sentido ainda. Afinal elas irão registrar, de próprio punho, o bilhete que servirá de comunicação entre a escola e os pais.

PRÁTICAS DE ESCRITA PELO ALUNO

Para aprender a escrever, há momentos em que se propõe aos alunos produções de textos coletivos nas quais o professor será o escriba. Nessas atividades, os alunos têm a oportunidade de se aproximar da linguagem própria a cada gênero textual.

Em outros momentos, os alunos assumem o controle, em situações de escrita de próprio punho. Nesses casos, você não precisa informar a escrita correta, favorecendo assim que os alunos lidem com o desafio de colocar em jogo seus conhecimentos sobre o sistema de escrita e produzam da melhor forma possível, ou seja, procurando aproximar-se ao máximo da escrita convencional. No entanto, como não se trata de uma cópia, espera-se que as produções finais correspondam às hipóteses que, até aquele momento, os alunos construíram sobre a organização do sistema de escrita alfabética.

Trata-se de uma escrita de próprio punho, mas não por isso o aluno estará sozinho nessa situação, contando somente com aquilo que já sabe. Para que cumpram seus objetivos, as propostas de escrita pelo aluno podem envolver situações de trabalho colaborativo, organizadas em duplas ou quartetos previamente formados pelo professor, que deve buscar, nesses agrupamentos, garantir parcerias produtivas, ou seja, parcerias em que a troca de informações favoreça o avanço de todos os integrantes.

Além da colaboração dos colegas, ao escrever por si mesmos os alunos também podem contar com sua ajuda. Mesmo quando o professor se abstém de mostrar a escrita correta, nem por isso se torna um mero espectador da produção dos alunos: você pode realizar intervenções que contribuam para problematizar ou ampliar os conhecimentos deles.





As escritas autônomas são extremamente valiosas. Quando propostas individualmente, permitem conhecer aquilo que já foi possível, para cada aluno, aprender sobre o funcionamento do sistema de escrita alfabético, além de ter informações para avaliar o avanço de cada um em determinado período. Conhecer o processo de cada criança ajuda a identificar aquelas que necessitam de um apoio mais próximo, dá oportunidade para que se realizem intervenções mais ajustadas para cada aluno e, também, permite que se organizem parcerias produtivas de trabalho. É interessante propor situações como essa de tempos em tempos para levantar as informações sobre o processo de construção da compreensão do sistema de escrita realizado por cada criança. No entanto, as situações de escrita individual necessitam ser periódicas.

PRÁTICAS DE LEITURA PELO ALUNO

Em qualquer ato de leitura, o leitor conta com informações prévias que lhe permitem antecipar o que, provavelmente, estará escrito num texto. Assim, o processo de construir o sentido de um texto é favorecido quando, sobre ele, se conta com várias informações diferentes: tudo o que se sabe antes da leitura (onde o texto foi publicado, o autor, informações de pessoas próximas que já o leram etc.), as informações não verbais que acompanham o texto escrito (imagens, diagramação), as informações textuais que ajudam a delimitar cada parte do texto (títulos e subtítulos). Além disso, a clareza do leitor quanto ao que espera realizar (seus objetivos de leitura) fará com que a atividade seja mais ou menos complexa, definirá a profundidade da leitura. Tudo isso contribui para que o leitor construa o significado do texto, favorecendo o processamento das informações obtidas pela exploração daquilo que está escrito.

As crianças que ainda não dominam o sistema alfabético de escrita não são capazes de ler com autonomia. Se observadas, no entanto, algumas condições, é possível propor a realização de atividades relacionadas à leitura.

Em determinadas circunstâncias, o conteúdo de um texto já pode ser bem conhecido das crianças. Em alguns casos, sua organização favorece a memorização (como ocorre com as parlendas, poemas e outros textos organizados em versos). Em outros, além de serem textos simples, o professor traz várias informações sobre aquilo que contêm. É o caso das listas, em que





ele informa todos os itens que as compõem, porém não indica a ordem em que estão dispostos.

Mesmo que ainda não saibam ler, no sentido convencional, tais condições permitem que as crianças coordenem as informações prévias que possuem (o texto memorizado ou os itens que já sabem constar de uma lista) para tentar identificar, no texto escrito, onde está escrita cada parte, arriscando diferentes possibilidades de leitura.

Em todos os casos, seja nos textos memorizados, seja nas listas, o desafio de leitura proposto aos alunos é o de descobrir “onde está escrito” aquilo que se sabe estar escrito.

ATIVIDADE 12

ORGANIZAR VERSOS DE UMA PARLENDIA

Caro professor, esta atividade não consta na Coletânea de Atividades do aluno, mas é fundamental na sequência do seu trabalho.

Objetivo

- Aprender uma nova parlenda.
- Utilizar estratégias de seleção, antecipação e verificação, considerando o que os alunos já sabem sobre o sistema de escrita alfabético, para localizar cada um dos versos de uma parlenda.

Planejamento

- Quando realizar: é importante que atividades de leitura pelo aluno ocorram semanalmente.
- Organização do grupo: em duplas. É interessante agrupar alunos que não leem convencionalmente e que tenham hipóteses de leitura semelhantes.
- Materiais necessários: Coletânea de Parlenda.
- Duração aproximada: 50 minutos.





Encaminhamento

- Antes da aula, organize as duplas de crianças, procurando organizar duplas produtivas de trabalho, o que significa que os níveis de conhecimentos de ambos os integrantes não sejam idênticos, e sim próximos.
- Num primeiro momento, ensine a parlenda às crianças. Para isso, recite-a algumas vezes e peça que repitam. Organize várias brincadeiras em que tenham de recitá-la: você diz um verso e as crianças dizem o que vem a seguir; os meninos dizem um dos versos e as meninas dizem o seguinte; identificar as palavras que rimam nos versos da parlenda, substituir palavras por outras parecidas (que também rimam) etc.
- Quando esse texto já for conhecido de memória pelas crianças, proponha a atividade de leitura em que têm de organizar seus versos.
- Antes de realizar a proposta, garanta que saibam como se inicia cada um dos versos (devem saber que o primeiro verso é CORRE CUTIA, e assim por diante).
- Terminado o tempo estipulado para a proposta, socialize o trabalho de cada dupla, propondo que troquem informações sobre como fizeram para descobrir qual verso é o primeiro, o segundo, e assim por diante. Para isso, reproduza os versos na lousa, na mesma disposição em que estavam na folha. Chame uma das duplas para que explique aos demais qual o primeiro verso e como fizeram para descobrir, fazendo o mesmo para os versos seguintes. Mesmo tendo indicado o verso correto, solicite aos alunos que compartilhem com os colegas aquilo que os levou a descobrir a resposta (por exemplo, sabem que a palavra. Estimule a participação daqueles que foram chamados à lousa, solicitando que digam se concordam ou não com o que foi dito pelos colegas e se poderiam sugerir outras pistas para ter certeza de que cada verso está realmente escrito onde foi indicado.

Na Coletânea de Atividades do aluno você encontrará atividades complementares, **da 12A a 12G**, para o trabalho em sala.





VARIAÇÕES DA ATIVIDADE COM O USO DA COLETÂNEA DE ATIVIDADES DO ALUNO-COMPLEMENTARES

Além das atividades em que necessitam localizar os versos de uma parlenda para organizá-los corretamente, você também pode realizar as seguintes propostas:

- Propor que os alunos leiam poemas, parlendas, cantigas e quadrinhas que já conhecem de memória, procurando ajustar o que é dito em voz alta àquilo que é apontado com o dedo. (Atividades 12 A, B, C, D, E, F e G; 13A, B e C da Coletânea de Atividades do aluno).
- Ler listas, desde que já saibam seu conteúdo (mas não sabendo, exatamente, onde está escrito cada item) – atividades em que os alunos devem descobrir onde está escrito cada um dos itens. (Atividades 14 e 15 da Coletânea de Atividades do aluno).
- Atividades com som inicial, número de letras, letra inicial, sílabas. (Atividades 16 e 17 da Coletânea de Atividades do aluno).
- Cruzadinhas com bancos de palavras e caça-palavras. (Atividades 18 e 18A; 19 da Coletânea de Atividades do aluno).
- Aos poucos, as atividades de leitura podem ganhar complexidade ao se introduzir, nas listas, cruzadinhas ou respostas das adivinhas, palavras que se iniciem e terminem pelas mesmas letras, o que desafiará as crianças a buscarem outros indícios para localizar cada um dos itens. (Atividade 20 da Coletânea de Atividades do aluno).



+

☁

PROJETO
DIDÁTICO:
BRINCADEIRAS
TRADICIONAIS

+

+

+





POR QUE RESGATAR AS BRINCADEIRAS TRADICIONAIS?

“Existem inúmeras relações de jogos, em que estes são classificados por faixa etária, por área de desenvolvimento, por tipo de estímulo, pela origem, pela utilização ou não de objetos etc. Existe também um tipo de classificação que se encontra na memória de cada um de nós: são aqueles jogos que nossos pais e avós brincaram na infância, e que nos transmitiram. Jogos que não foram tirados de livros nem ensinados por um professor, mas sim transmitidos pelas gerações anteriores à nossa ou aprendidos com nossos colegas. Os jogos que aconteciam na rua, no parque, na praça, dentro de casa ou no recreio da escola. Estes são os Jogos Tradicionais.”¹

É comum associarmos a infância ao brincar, como se brincar fosse uma consequência imediata dessa etapa da vida. Crianças brincam e, hoje sabemos, é saudável que o façam por inúmeros motivos. No entanto, vivemos um momento em que o brincar, tal como era concebido, tem sofrido transformações relacionadas às mudanças sociais. As características atuais de organização da rotina de uma criança urbana, aliadas à facilidade de acesso a computadores, televisão e jogos eletrônicos permitem que estes ocupem grande parte do tempo livre dos pequenos. Coloca-se, então, a necessidade de refletir sobre a falta que o brincar em grupo representa na formação das crianças contemporâneas. É durante as brincadeiras, que crianças iniciam a vivência do respeito aos companheiros (da própria equipe e dos adversários), que a competição se alia à cooperação, que novos desafios são colocados e elas buscam superar a si próprias, pelo simples prazer proporcionado pela atividade lúdica.

Propor um resgate do repertório de brincadeiras tradicionais de nossa cultura é possibilitar que as crianças experienciem benefícios decorrentes do brincar. Ao reconhecer a escola como espaço possível para essa atividade, permite-se a construção de um repertório de brincadeiras, pois os mesmos jogos aprendidos em classe podem se tornar alternativas para a hora do recreio, momento em que os alunos terão possibilidade de organizarem-se autonomamente.

¹ Adriana Friedman, Jogos tradicionais, http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_07_p054-061_c.pdf



O RESGATE DAS BRINCADEIRAS INFANTIS E A APRENDIZAGEM DA LÍNGUA E LINGUAGEM

Ao longo deste trabalho as crianças poderão aprender diferentes brincadeiras, entrar em contato com os desafios envolvidos em cada uma, desenvolver a linguagem e, principalmente, brincar.

Algumas propostas envolvem a leitura de textos elaborados para que se aprenda determinada brincadeira. Esses textos instrucionais oferecem informações precisas sobre materiais necessários, número de participantes assim como a explicação das regras necessárias para brincar.

Outras propostas – relacionadas à linguagem oral – serão encaminhadas a partir do relato de pessoas realizadas por meio de entrevistas. Nesse momento, as crianças participarão como ouvintes e poderão aprender diferentes brincadeiras.

Além disso, a participação dos familiares, como se sabe, implica valorizá-los como fontes de conhecimento e aproxima-os da vida escolar, já que passam a ser vistos como colaboradores do trabalho desenvolvido.

Ao realizar as atividades relativas à compreensão das características do sistema de escrita (como escrever o nome de uma brincadeira conhecida, preparar uma ficha para entrevistar um adulto sobre uma brincadeira, além de participar de uma roda de relatos de brincadeiras, de um dia de brincadeiras etc.), o trabalho possibilita que a criança, ao enfrentar o desafio da comunicação, possa pensar a escrita para além de um objeto apenas escolar.

O brincar bem como as diferentes atividades de leitura e escrita favorecem uma abordagem significativa do sistema de escrita, de forma contextualizada. Essas atividades foram planejadas considerando a necessidade das crianças aprenderem tanto sobre os elementos quanto sobre o modo de funcionamento da escrita.





QUADRO DE ORGANIZAÇÃO GERAL DAS ATIVIDADES

Etapas	Atividades
Etapa 1 Apresentação	<p>Atividade 1A - Roda de conversa sobre as brincadeiras de hoje e de antigamente e elaboração de lista de título de brincadeira preferida</p> <p>Atividade 1B - Preenchimento de ficha para realização de pesquisa sobre as brincadeiras da infância a ser feita com os familiares</p> <p>Atividade 1C - Socialização das brincadeiras pesquisadas e elaboração de um cartaz</p> <p>Atividade 1D - Seleção das dez brincadeiras menos conhecidas pelo grupo de alunos</p>
Etapa 2 Aprender brincadeiras a partir da leitura de textos instrucionais pelo professor	<p>Atividade 2A - Pesquisa de regras de brincadeiras em livros e textos</p> <p>Atividade 2B - Preencher ficha informativa da brincadeira realizada</p>
Etapa 3 Dia da brincadeira Socialização das brincadeiras	<p>Atividade 3A - Realizar o dia da Brincadeira, a partir das brincadeiras levantadas durante o projeto</p>





Objetivos

- Construir um repertório de brincadeiras que contribua para o enriquecimento cultural e amplie as possibilidades de interação entre os alunos.
- Participar de situações de leitura de textos instrucionais mesmo antes de ser capaz de ler convencionalmente.
- Escrever, a partir dos conhecimentos já construídos, ou seja, segundo suas hipóteses, avançando na compreensão do funcionamento do sistema de escrita.
- Participar de situações de intercâmbio oral, ouvindo com atenção, formulando perguntas, fazendo comentários sobre o tema e planejando sua fala, considerando diferentes contextos e interlocutores.

Conteúdos

- Sistema de escrita.
- Linguagem oral.
- Linguagem escrita.

Planejamento

- Tempo estimado: a critério do professor regente.
- Materiais necessários: lápis, papel, letras móveis, textos com regras de brincadeira, livros de regras de brincadeiras tradicionais, material para desenho e modelos de programação de eventos.

ETAPA 1

APRESENTAÇÃO

O envolvimento dos alunos com o projeto desde o início é uma ação fundamental para que eles compreendam o percurso que será realizado até chegar ao produto final e possam atribuir sentido a cada uma das etapas e atividades realizadas.





ATIVIDADE 1A

RODA DE CONVERSA SOBRE AS BRINCADEIRAS DE HOJE E DE ANTIGAMENTE E ELABORAÇÃO DE LISTA DE TÍTULOS DAS BRINCADEIRAS

Caro professor, esta atividade não consta na Coletânea de Atividades do aluno, mas é fundamental na sequência do seu trabalho.

Objetivos

- Conversar sobre algumas brincadeiras já conhecidas pelos alunos e fazer comparações entre essas brincadeiras e as de antigamente.
- Participar da elaboração de um cartaz com uma lista dos títulos das brincadeiras preferidas da turma.

Planejamento

- Organização do grupo: os alunos devem estar organizados em roda sentados no chão (caso não haja espaço na sala realizar em outro local como parque, quadra, biblioteca, entre outros).
- Duração aproximada: a critério do professor regente.

Encaminhamento

Realize uma roda de conversa com os alunos cujo tema seja: brincadeiras preferidas.

- Em seguida amplie a conversa propondo uma comparação entre as brincadeiras de hoje e as de antigamente.
- Escreva um cartaz diante dos alunos com os títulos das brincadeiras preferidas da turma para deixar exposto na sala. Nesse momento recupere o que foi dito na roda e registre graficamente, através da tabulação de dados.





ATIVIDADE 1B

PREENCHIMENTO DE FICHA PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA SOBRE AS BRINCADEIRAS DA INFÂNCIA A SER FEITA COM OS FAMILIARES

Objetivos

- Participar de uma roda de conversa, ouvindo com atenção, formulando perguntas e fazendo comentários sobre o assunto.
- Organização do grupo: a atividade será coletiva.
- Materiais necessários: ficha de Pesquisa de Brincadeiras da Infância (Coletânea de Atividades do aluno).
- Duração aproximada: a critério do professor regente.

Encaminhamento

- Relembre com os alunos a roda de conversa (Atividade 1A) em que compararam as brincadeiras de antigamente e as de hoje.
- Converse com os alunos sobre as diferentes formas de se obter mais informações sobre um assunto, uma ideia, e informe que a pesquisa com outras pessoas é uma boa fonte de informação. Nessa conversa, pergunte se alguém já participou de alguma pesquisa na rua, se sabe como é feita e ouça o que eles tiverem a dizer.
- Para ampliar a informação sobre as brincadeiras, proponha a realização de uma pesquisa a ser feita em casa para descobrir do que e com quem os familiares costumavam brincar na infância.
- Converse com os alunos sobre as informações que deve conter este registro, e que podem contribuir para eles conhecerem mais sobre brincadeiras.





ATIVIDADE DO ALUNO

FICHA DE PESQUISA DE BRINCADEIRAS DA INFÂNCIA

NOME DO ALUNO:

NOME DA BRINCADEIRA:

COMO SE BRINCA:

NOME DO ENTREVISTADO:

TELEFONE PARA CONTATO:





ATIVIDADE 1C

SOCIALIZAÇÃO DAS BRINCADEIRAS PESQUISADAS E ELABORAÇÃO DE UM CARTAZ

Caro professor, esta atividade não consta na Coletânea de Atividades do aluno, mas é fundamental na sequência do seu trabalho.

Objetivos

- Ampliar o repertório de brincadeiras conhecidas pelos alunos.
- Elaborar um cartaz, coletivamente, com a lista de brincadeiras sugeridas pelos familiares para deixar exposto na sala e ser usado como fonte de pesquisa em situações futuras.

Planejamento

- Organização do grupo: a atividade será coletiva.
- Duração aproximada: a critério do professor regente.

Encaminhamento

- Faça uma roda com as crianças para que socializem o resultado das pesquisas, tendo as fichas como apoio e contem como foi a experiência realizada em casa.
- Durante a conversa organize num cartaz uma lista com o nome das brincadeiras pesquisadas, assim como foi feito na Atividade 1A.
- Faça comparações entre as brincadeiras das quais os familiares costumavam participar e aquelas que os alunos indicaram como as preferidas, de modo que sejam observadas semelhanças e diferenças.
- Ao finalizar a atividade deixe os dois cartazes expostos na sala.





ATIVIDADE 1D

SELEÇÃO DAS DEZ BRINCADEIRAS MENOS CONHECIDAS PELO GRUPO DE ALUNOS

Caro professor, esta atividade não consta na Coletânea de Atividades do aluno, mas é fundamental na sequência do seu trabalho.

Objetivos

- Realizar a leitura de memória.
- Brincar a partir do que já sabem sobre as brincadeiras escolhidas e levantar as possíveis dúvidas.

Planejamento

- Organização do grupo: em duplas, agrupá-los tanto por hipóteses de escrita próximas, como por afinidade.
- Material necessário: cópia da lista de brincadeiras elaborada na Atividade 1C.
- Duração aproximada: a critério do professor regente.

Encaminhamento

- Organize duplas de trabalho considerando não só os conhecimentos referentes ao sistema de escrita (agrupá-los por hipóteses de escrita próximas), como também a afinidade entre os alunos.
- Informe que você lerá os títulos da lista para que o grupo indique as 10 brincadeiras menos conhecidas por eles. Nesse momento, não faça nenhuma marcação ou registro que destaque essa informação, pois isso será feito pelas duplas.





- Entregue para cada dupla uma folha com a cópia da lista de brincadeiras, para que conversem e selecionem, nesta lista, no máximo três brincadeiras menos conhecidas.
- Circule pelas duplas durante a atividade e ajude os alunos oferecendo pistas para que consigam ler onde está escrito determinado título.
- No caso de alunos que já compreendem a natureza alfabética do sistema de escrita, você poderá propor que leiam a lista toda e marquem as 10 menos conhecidas pelo grupo.
- Após a seleção, marque no cartaz elaborado na Atividade 1C com o grupo, as 10 brincadeiras menos conhecidas. Nesse momento é importante que o professor peça para as duplas dizerem o que marcaram, onde está escrito, como encontraram a brincadeira.
- Escolha com o grupo uma ou duas brincadeiras para realizar a partir do que sabem e das explicações fornecidas pelos familiares na pesquisa. Escolha um espaço fora da sala de aula para realizar essas brincadeiras.
- Depois de brincar, faça uma roda de conversa e levante com o grupo as dificuldades encontradas pela falta de conhecimento, ou mesmo de clareza das regras.

ETAPA 2

APRENDER BRINCADEIRAS A PARTIR DA LEITURA DE TEXTOS INSTRUACIONAIS PELO PROFESSOR





ATIVIDADE 2A

LEITURA DE REGRAS DE BRINCADEIRAS

Objetivos

- Acompanhar a leitura pelo professor de um texto instrucional.
- Familiarizar-se com as características dos textos instrucionais.
- Familiarizar-se com a linguagem escrita dos textos instrucionais que contêm as regras das brincadeiras, assim como socializar sentidos sobre uma mesma regra por meio da leitura compartilhada.

Planejamento

- Organização do grupo.
- Materiais necessários: regras de brincadeiras constantes no material do aluno.
- Duração aproximada: a critério do professor regente.

Encaminhamento

- Organize os alunos e ofereça textos que contenham regras de brincadeiras.
- Peça para procurarem nesse material a explicação de como se brinca de “Coelhinho sai da Toca” (caso essa seja uma brincadeira conhecida pelo grupo, é importante propor outra para ser pesquisada, pois o que dá sentido a essa atividade é justamente ler para aprender como se brinca).
- Faça uma leitura compartilhada do texto selecionado para que as crianças aprendam a brincar.
- Durante a leitura, incentive as crianças a acompanharem a leitura do professor no texto, fazendo o ajuste do falado ao escrito.
- Depois da leitura, converse com a classe para saber se todos compreenderam as regras e convide-os para brincar no pátio da escola.





ATIVIDADE 2B

PREENCHER FICHA INFORMATIVA DA BRINCADEIRA REALIZADA

Objetivo

- Preencher ficha informativa tendo o professor como escriba.

Planejamento

- Organização do grupo: atividade coletiva com mesas organizadas em semicírculo.
- Duração aproximada: a critério do professor regente.

Encaminhamento

- Explique que preencherão uma ficha informativa sobre a brincadeira “Coelhinho sai da toca” (ou outra não conhecida).
- Mostre o modelo da ficha da brincadeira e leia cada um dos itens, indicando onde está escrito.
- Explique, oralmente, o que deve conter cada item.
- Reproduza a ficha na lousa e preencha cada item com a ajuda dos alunos. Peça que eles ditem a você o que deve ser escrito.
- Ao longo da produção e ao final, faça a leitura do texto e pergunte para os alunos se ele ficou bem escrito e se é necessário fazer algum ajuste. Nesse momento, recupere a finalidade do texto e o leitor pretendido, de modo que a análise solicitada respeite esses parâmetros.





ATIVIDADE DO ALUNO

FICHA DA BRINCADEIRA
TÍTULO:
QUEM ENSINOU:
NÚMERO DE PARTICIPANTES:
MATERIAL NECESSÁRIO PARA BRINCAR:

Na Coletânea de Atividades do aluno você encontrará atividades complementares, da **2C a 2H**, para o trabalho em sala.





ETAPA 3

DIA DA BRINCADEIRA - SOCIALIZAÇÃO DAS BRINCADEIRAS

Até esse momento, os alunos realizaram diferentes atividades buscando ampliar o repertório de brincadeiras, conhecer mais sobre as regras, pelo relato de pessoas, pela leitura de textos, além de vivenciarem várias brincadeiras. Agora elas irão sob orientação da professora, brincar coletivamente e individualmente, com as brincadeiras levantadas durante todo projeto.

Previamente a professora deve pedir para que os alunos levem brinquedos para este dia e tenha em mãos a relação de brincadeiras elencadas durante o projeto.

ATIVIDADE 3A

Caro professor, esta atividade não consta na Coletânea de Atividades do aluno, mas é fundamental na sequência do seu trabalho.

Objetivos

- Escrever a programação do dia da brincadeira de modo que oriente a organização das atividades.
- Participar da atividade, assumindo diferentes papéis, ora de quem ensina, ora de quem brinca.

Planejamento

- Organização do grupo: atividade coletiva, em duplas e ou individual
- Duração aproximada: a critério do professor regente





Encaminhamento

- Realizar atividades garantindo que os alunos possam se colocar com autonomia, ajudando-os a entender e a seguir as regras das brincadeiras.
- Após a realização das atividades, fazer uma roda de conversa com os alunos para que eles avaliem as experiências do dia da brincadeira, o que deu certo, o que não deu.
- Na Coletânea de Atividades do aluno você encontrará atividades complementares para o trabalho em sala.



+
PROJETO
DIDÁTICO:
CULTURA DOS
POVOS INDÍGENAS:
O COTIDIANO DAS
CRIANÇAS





POR QUE REALIZAR UM PROJETO QUE ENVOLVA O ESTUDO DOS POVOS INDÍGENAS?

Com este projeto, busca-se atingir um duplo objetivo. Por um lado, proporcionar às crianças indígenas e não indígenas a oportunidade de aproximarem-se da cultura dos povos indígenas brasileiros e de seus valores. Por outro, contribuir para a consolidação da alfabetização por meio da aproximação a um gênero escrito: a legenda de fotos.

Pelas características das crianças do 1º ano e os objetivos do trabalho, optou-se ter como foco os povos indígenas Guarani, Kaingang e Xetá, contudo as atividades trazem textos e imagens de outras etnias, envolvendo o sistema de escrita.

Não se espera abordar as questões indígenas em toda a sua complexidade, mas partir de aspectos da cultura de alguns povos indígenas e do cotidiano das crianças dessas etnias, para desenvolver com os alunos uma atenção sobre a diversidade cultural existente no Estado do Paraná e no Brasil.

Devido à grande quantidade de povos indígenas no país, com modos próprios de organização social, política e cultural é importante que as crianças do 1º ano conheçam alguns aspectos da rotina das crianças Kaingang, Guarani e Xetá.

PRODUÇÃO FINAL

- Produção de uma exposição com fotografias legendadas sobre os povos indígenas estudados.
- Cartaz com saberes dos alunos sobre o tema.

ORGANIZAÇÃO GERAL DO PROJETO

- Este projeto está organizado em duas partes: trabalho de leitura/escuta e produção de legendas de fotos.
- Considerando-se as especificidades das crianças de 1º ano, propõe-se esta organização para favorecer um trabalho que contribua tanto para a consolidação da alfabetização quanto para a aproximação das crianças à diversidade cultural, tão presente em nossa sociedade, promovendo assim a empatia, a cooperação, a responsabilidade e a cidadania, que são direitos gerais de aprendizagem da educação básica.





Além disso, as atividades contribuem com a reflexão sobre o sistema de escrita com o intuito de favorecer o domínio da escrita alfabética.

Etapa 1 Aproximação ao tema, levantamento dos conhecimentos prévios e apresentação do projeto	Atividade 1A - Aproximação ao tema e levantamento dos conhecimentos prévios Atividade 1B - Apresentação do projeto e da produção final
Etapa 2 Conhecendo aspectos gerais da cultura dos povos indígenas	Atividade 2A - Ouvir e cantar a canção “Tu Tu Tu Tupi” Atividade 2B - Leitura de textos sobre povos indígenas Atividade 2C - Leitura pelo aluno: “As línguas indígenas e a Língua Portuguesa” Atividade 2D - Escrita de lista de palavras: As línguas indígenas e a Língua Portuguesa Atividade 2E - Leitura das imagens legendas
Etapa 3 A cultura dos povos indígenas do Paraná e a leitura de diferentes gêneros textuais	Atividade 3A - Leitura em voz alta e interpretação de um mito indígena Atividade 3B - “A Árvore Da Vida”: leitura de texto e imagem Atividade 3C - Pareamento de texto e imagem Atividade 3D - Leitura de textos informativos Atividade 3E - Escrita de pergunta Atividade 3F- Produção de novos desenhos e legendas sobre os povos indígenas
Etapa 4 Como as crianças indígenas aprendem e brincam? Análise de imagens e estudo de legendas	Atividade 4A - Escrita de lista de brinquedos Atividade 4B - Leitura do texto “Jogos e Brincadeiras” e comparação entre os brinquedos/brincadeiras preferidas da turma com as que aparecem no material do aluno Atividade 4C - Apreciação de mitos dos povos Guarani e Xetá Atividade 4D - Ditado de legenda para o professor Atividade 4E - Escrita de legendas em grupos Atividade 4F - Revisão das legendas produzidas para compor o mural
Etapa 5 Planejar, organizar e participar de uma exposição	Atividade 5A - Roda de conversa: O que é uma exposição? Atividade 5B - Visita a uma exposição Atividade 5C - Organização da exposição com o material produzido Atividade 5D - Ensaio para a exposição Atividade 5E- Expor oralmente informações sobre os estudos realizados Atividade 5F - Roda de conversa sobre as diferenças e semelhanças observadas entre as culturas





OBJETIVOS

- Refletir sobre as características do sistema de escrita, a partir do estudo de alguns aspectos da cultura indígena, especialmente, dos povos que habitam o Paraná.
- Escrever legendas (coletivamente, em duplas e individualmente) garantindo as principais características do gênero.
- Participar de situações de leitura em contexto de estudo.
- Registrar informações, utilizando diferentes formas como: desenhos, comentários orais, ditado pelo professor.
- Participar de rodas de conversa, expressando sua opinião sobre o tema discutido e ouvindo os colegas.

CONTEÚDOS

- Aspectos culturais dos povos indígenas do Paraná.
- Sistema de escrita.
- Leitura/escuta e escrita.
- Leitura e produção de legendas.
- Linguagem oral.

PLANEJAMENTO

- Materiais necessários: imagens dos povos estudados, livros, revistas, vídeos e mapa político do Brasil, cartolinas ou papel pardo, canetas, pincel atômico e caixa organizada com o acervo literário da escola (livros e revistas) sobre a temática indígena.





ETAPA 1

APROXIMAÇÃO AO TEMA, LEVANTAMENTO DOS CONHECIMENTOS PRÉVIOS E APRESENTAÇÃO DO PROJETO

Os alunos irão conhecer o tema do projeto, suas etapas e a proposta de produção final. Ao compartilhar o que será feito permite-se às crianças compreenderem os propósitos que guiarão as atividades que serão feitas ao longo do projeto, com a participação de todos os envolvidos.

ATIVIDADE 1A

APROXIMAÇÃO AO TEMA E LEVANTAMENTO DOS CONHECIMENTOS PRÉVIOS

OBJETIVOS

- Levantar os conhecimentos que as crianças têm sobre o tema e sobre a função das legendas.
- Mobilizar as crianças para participarem do projeto.
- Apresentar a produção final.

PLANEJAMENTO

- Organização do grupo: as crianças podem ser organizadas em duplas.
- Materiais necessários: papel pardo ou cartolina para o cartaz; material do aluno (entregar uma folha em branco somente com margem e local para escrever o nome).
- Duração aproximada: 50 minutos.

ENCAMINHAMENTO

- Sugere-se a organização das crianças em duplas. Explique que irão realizar atividades sobre alguns povos que vivem no Paraná e no Brasil. Conte-lhes que com este estudo vão conversar sobre a cultura de alguns povos indígenas refletindo sobre diferentes modos de construir moradias, de brincar, produzir artesanato e conviver no seu dia a dia, etc.; e, ao final, irão organizar uma exposição sobre o que estudaram.





- Para começar, proponha que comentem a pergunta: Vocês conhecem a cultura de algum povo indígena? Para os estudantes indígenas a professora poderá interrogar se conhecem a cultura de outro povo indígena.
- Sobre quais povos/etnias já ouviram falar? Nesse momento a professora deverá escutar e acolher as respostas das crianças e listar no quadro o nome dos povos citados. É importante explorar com as crianças o nome dos povos que conheçam ou que já ouviram falar, pois principalmente entre os estudantes não indígenas é premente a ideia de que há uma única cultura indígena, homogênea comumente tratada como exótica, em oposição a cultura dos povos não indígenas.
- O que sabem sobre esses povos?
- Em seguida, peça para as duplas que façam um desenho que represente o que foi dito, ou seja, as informações que eles têm sobre os povos indígenas. Explique que estes desenhos irão para um mural (de preferência externo à sala de aula) para que diferentes pessoas possam apreciá-los.
- Quando os desenhos estiverem prontos organize-os em um cartaz, cole-os um embaixo do outro, conservando um espaço para anotações.
- Depois pergunte às crianças: Só os desenhos são suficientes para sabermos o que vocês quiseram representar? O que poderia ser incluído? O que geralmente aparece junto com fotos, imagens, desenhos para apoiar a compreensão do texto em livros e revistas? O que podemos escrever para que as pessoas, ao olharem o mural, saibam o que fizemos?
- Este será um bom momento para introduzir a necessidade da legenda. Ouça o que as crianças disserem, elas provavelmente responderão coisas como: uma história, um texto, um título, ou mesmo legenda... revelando o repertório de gêneros textuais já conhecidos. Você deve anotar as ideias das crianças para, ao longo do projeto, retomar estes conhecimentos e ampliá-lo com o estudo do gênero legenda.
- Para finalizar a atividade escreva uma breve identificação para os desenhos que revele as principais ideias da turma, a partir do que as crianças disserem, sem a preocupação de ensinar o que é uma legenda, pois isso será feito adiante. Esse material será retomado na Atividade 3F.





SUGESTÕES

A ideia desse momento é retomar o conhecimento das crianças sobre os povos indígenas para que, depois do estudo inicial, possam comparar as aprendizagens realizadas no projeto. É possível que alguns tenham apenas ouvido falar, outros são estudantes indígenas, outros tiveram contato com povos diferentes, escutaram histórias, assistiram programas de televisão ou pela internet. Dessa forma pode ser que comentem sobre conflitos envolvendo os povos indígenas, sobre hábitos alimentares ou moradias, podendo fazer perguntas ou mesmo dizer que não sabem nada a respeito. Nesse momento, acolha as informações que vierem e faça anotações. Lembre-se de que o importante é incentivar as crianças a compartilhar os conhecimentos prévios que têm sobre o assunto independentemente de quais sejam.

Durante a elaboração do desenho, circule pela sala e, individualmente, pergunte sobre o que estão produzindo, anote as principais ideias em seu caderno, para ter elementos que contribuam na mediação da exposição oral das crianças para a elaboração do cartaz que será exposto e utilizado como fonte de referência ao longo do trabalho.

IMPORTANTE

A partir desse momento você pode selecionar, no acervo da biblioteca da escola, livros que contenham informações e histórias indígenas. A opção por estudar, especialmente, três povos, não exclui a leitura de textos que tenham como conteúdo outros povos indígenas. Nesse material optou-se pelos que habitam o Estado do Paraná: os Guarani, os Kaingang e os Xetá.

ATIVIDADE DO ALUNO

FAÇA UM DESENHO, NO MATERIAL DISPONIBILIZADO PELO PROFESSOR, QUE REPRESENTE O QUE VOCÊ CONHECE SOBRE OS POVOS INDÍGENAS. ESTE DESENHO IRÁ PARA UM MURAL PARA QUE DIFERENTES PESSOAS POSSAM APRECIÁ-LO.





ATIVIDADE 1B

APRESENTAÇÃO DO PROJETO E DA PRODUÇÃO FINAL

OBJETIVO

- Conhecer as etapas do projeto e a produção final.

PLANEJAMENTO

- Organização do grupo: as crianças podem ser organizadas em duplas, inicialmente e depois poderão ficar em roda. (A roda pode ser realizada em outro local como parque, quadra, biblioteca...)
- Materiais necessários: papel pardo e canetas (pincel atômico) para a elaboração do cartaz com as etapas.
- Duração aproximada: 50 minutos.

ENCAMINHAMENTO

- Convidar as crianças a observarem o cartaz elaborado na Atividade 1A que poderá estar exposto no mural.
- Retornar à sala de aula e organizar uma roda de conversa de forma que se recuperem algumas das ideias e informações discutidas na aula anterior.
- Durante a conversa, aproveite para incentivá-las a querer saber mais sobre esse tema ao perguntar, por exemplo: O que acham de estudarmos mais sobre a cultura de alguns povos indígenas? Como será o dia a dia das crianças de outras culturas? Será que as crianças, de povos diferentes têm brincadeiras parecidas? E os lugares onde moram são iguais? O que sabem sobre eles?
- Após ouvir as crianças compartilhe a ideia de desenvolver um trabalho sobre a cultura de, pelo menos, três povos indígenas de modo que se conheça mais sobre o cotidiano de outras crianças.
- Informe que durante o projeto vocês irão ler vários tipos de textos, escrever informações para organizar um mural, semelhante ao que fizeram na aula anterior, porém, mais completo para expor imagens e legendas sobre o que estudaram para compartilhar com outras crianças os seus conhecimentos.





- Elabore um cartaz levantando, junto com os alunos, as etapas e a previsão do tempo para o desenvolvimento dos trabalhos e deixe exposto na sala.

SUGESTÃO

A apresentação das etapas e da produção final deve ser bem clara, podendo especificar/destacar, no cartaz, o percurso para chegar até ele. Se possível defina em que lugar farão a exposição final. Você deve apresentar as etapas do projeto de forma resumida.

IMPORTANTE

Para a organização da exposição final, sugere-se visitar um museu, ou espaço cultural do bairro ou da comunidade. Para tanto, é necessário verificar os locais e a disponibilidade de agenda e transporte, podendo combinar isso com as crianças.

Depois de elaborado e afixado o cartaz é importante que ele seja retomado várias vezes durante o projeto. O professor poderá proceder, em momentos distintos, à releitura do cartaz, lembrando com as crianças as etapas previstas. Nessa leitura o professor percorrerá a escrita do cartaz com o dedo, uma régua ou um apontador contribuindo para a memorização das palavras. Após esses momentos de leitura poderá pedir a ajuda das crianças para identificar algumas das palavras ali contidas, tais como: etapas, mural, exposição, fotos, visita, museu.

Na Coletânea de Atividades as crianças deverão escrever as palavras contidas no cartaz que já reconhecem buscando identificar as unidades que a constituem. Para isso o professor poderá provocar oralmente a contagem das letras e das sílabas, ou o reconhecimento das letras iniciais e finais, dos espaçamentos entre palavras, sinais gráficos de pontuação entre outros aspectos que sua turma já reconheça.





ATIVIDADE DO ALUNO

NESSE MOMENTO, COM A AJUDA DO PROFESSOR, ELABOREM UM CARTAZ COM AS ETAPAS E A PREVISÃO DO TEMPO NECESSÁRIO PARA O DESENVOLVIMENTO DOS TRABALHOS DESSE PROJETO. ESCOLHA TRÊS PALAVRAS QUE VOCÊ CONHECE E QUE ESTÃO NO CARTAZ E ESCREVA NOS ESPAÇOS ABAIXO

Agora reescreva as palavras colocando cada letra em um espaço

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--





ETAPA 2

CONHECENDO ASPECTOS GERAIS DA CULTURA DOS POVOS INDÍGENAS

Nessa etapa, as crianças poderão conhecer mais sobre aspectos gerais da cultura dos povos indígenas (ou de outros povos indígenas, caso você seja professor de estudantes indígenas) partindo da leitura de diversos textos, assim como refletir sobre o sistema de escrita alfabética ao vivenciarem diferentes situações de leitura/escuta e escrita.

ATIVIDADE 2A

OUVIR E CANTAR A CANÇÃO “TU TU TU TUPI”

OBJETIVOS

- Aprender uma nova canção.
- Aproximar-se de informações sobre as palavras da família linguística Tupi Guarani.

PLANEJAMENTO

- Organização do grupo: inicialmente a atividade será coletiva. Para a segunda parte da aula, organizar as crianças em duplas.
- Materiais necessários: Coletânea de Atividades; Clip da música “Tu Tu Tu Tupi” disponíveis em: https://www.youtube.com/watch?v=fEdZ-_RRRH0. Acesso em 08/10/2019 ou no CD Meu Pé Meu Querido Pé. Canções Infantis de Hélio Ziskindi. Disponível em: <http://www.helioziskind.com.br/index.php?mpg=01.00.01&nfo=3&ndi=1&tipo=disco#tit>. Acesso ao link em 22/10/2019.
- Duração aproximada: 50 minutos.





ENCAMINHAMENTO

- Antes da aula o professor deve ler a letra da música e identificar as diferentes referências que a música aborda como por exemplo a menção à família linguística e à cultura Tupi Guarani. Veja alguns exemplos:
 - » As primeiras três estrofes referem-se à família linguística Tupi Guarani, a qual pertencem diversas línguas indígenas tais como Akwawa, Anambé, Amanayé, Apiaká, Araweté, Asurini do Xingu, Avá-Canoeiro, Guajá, Guarani, Kaapór, Kamayurá, Kayabi, Kawahib, Kokáma, Língua Geral da Amazônia, Surui do Tocantins, Tapirapé, Tenetehára, Wayampi (Waiäpi, Oiampi), Xetá, Zo'e (Puturú).
 - » Essas estrofes da música se referem ao fato de que todo mundo fala a Língua Tupi Guarani. No entanto, é importante destacar que “Tupi Guarani” não é uma única língua e sim uma família linguística. Muitas palavras da Língua Portuguesa têm origem em palavras dessa família linguística.
 - » Segundo o Instituto Sócio Ambiental “No processo de colonização, a Língua Tupinambá, por ser a mais falada ao longo da costa atlântica, foi incorporada por grande parte dos colonos e missionários, sendo ensinada aos índios nas missões e reconhecida como Língua Geral ou Nheengatu. Até hoje, muitas palavras de origem Tupi fazem parte do vocabulário dos brasileiros.”
 - » Como a música fala que todo mundo fala a língua do Índio “Tupi Guarani”, é necessário destacar que, além da família Tupi Guarani, existem outras famílias linguísticas e que essas são agrupadas em dois grandes grupos de línguas com características em comum, também chamados de troncos linguísticos. Os troncos linguísticos das línguas indígenas faladas no Brasil são divididos entre tronco Tupi e tronco Macro-Gê. A Língua Kaingang falada no Paraná pertence à família linguística Jê que pertence ao tronco linguístico Macro Jê. Já as Línguas Guarani e Xetá fazem parte da família linguística Tupi Guarani.
 - » A segunda estrofe afirma que todo mundo tem um pouco de índio dentro de si referindo-se ao fato de que os indígenas como primeiros habitantes dessa terra que hoje chamamos Brasil deram origem a população brasileira. A maior parte da população brasileira apresenta características genéticas indígenas mesmo que sua aparência física não demonstre.
 - » A quarta estrofe ao remeter ao “velho cacique” faz referência aos saberes indígenas que são transmitidos de geração em geração, por meio da oralidade pela qual os conhecimentos milenares indígenas são transmitidos e integrados ao seu modo de viver.





- » A quinta estrofe faz referência ao fato dos povos indígenas serem os primeiros habitantes dessa terra que hoje chamamos Brasil e por isso os lugares, plantas e animais daqui tem nomes dados pelos povos indígenas. Muitos desses nomes passaram a compor a Língua Portuguesa falada no Brasil.
 - » Da sexta a oitava estrofe há referência ao chacoalhar do chocalho que é um instrumento musical utilizado em rituais religiosos e de cura. Associa-se o chacoalhar do chocalho com a fala do indígena numa referência a rituais Tupi Guarani em que a fala do Xamã é precedida pelo chacoalhar do chocalho. Essas informações estão contidas no artigo de Livia Petry Janh: O canto e a voz Guarani: a divindade da palavra oral (2011).
 - » As estrofes seguintes referem-se a nomes de alimentos, animais, estados e cidades que têm origem em palavras do tronco linguístico Tupi. Destaque-se que algumas dessas palavras são acrescentadas dos seus significados tais como: “Jacaré: aquele que olha de lado e Tatuapé: caminho do tatu.”
 - » Para mais informações sobre os troncos e famílias linguísticas indígenas você poderá consultar o site do Instituto Sócio Ambiental: Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/L%C3%ADnguas>). Acesso em 08/10/2019.
- Ainda antes da aula, transcreva a letra da música no quadro, ou faça uma cópia para exibir em projetor multimídia.
 - Inicie a aula explicando que aprenderão uma música que aborda o mesmo tema discutido na aula anterior, ou seja, os povos indígenas. Caso tenha, mostre o CD e diga que a música é cantada por Hélio Ziskind, do Programa Cocoricó.
 - Ouça a música uma vez (sem usar a letra) ou veja o clipe da música e, depois, pergunte às crianças o que elas entenderam sobre a palavra Tupi ou se já ouviram falar esta palavra. Acolha as ideias e favoreça que apresentem o conhecimento que têm sobre o assunto.
 - Em seguida, peça para as crianças que acompanhem a letra da música que está na Coletânea de Atividades e, ao mesmo tempo, indique no texto transcrito na lousa, cada uma das estrofes. Informe sobre o significado da palavra Tupi e proceda aos questionamentos.
 - Coloque a música mais uma vez e pergunte se perceberam a mensagem deixando que falem livremente sobre as suas impressões.
 - Discutido o significado da música, proponha que procurem acompanhar a letra, ao mesmo tempo em que ouvem-na. Para essa atividade, é interessante que estejam organizados em duplas.
 - Finalize a aula propondo que façam uma ilustração nas estrofes indicadas pelo professor.
 - Se possível componha um painel com as ilustrações das crianças.





ATIVIDADE DO ALUNO

ACOMPANHE A LETRA DA MÚSICA TU TU TU TUPI E, EM SEGUIDA, FAÇA UMA ILUSTRAÇÃO PARA AS ESTROFES INDICADAS PELO PROFESSOR:

TU TU TU TUPI

HÉLIO ZISKIND

TU TU TU TUPI

(HÉLIO ZISKIND)

TU TU TU TU

TU TUPI...

TODO MUNDO TEM UM POUCO DE ÍNDIO

DENTRO DE SI

DENTRO DE SI

TODO MUNDO FALA LÍNGUA DE ÍNDIO

TUPI GUARANI

TUPI GUARANI

E O VELHO CACIQUE JÁ DIZIA

TEM COISAS QUE A GENTE SABE

E NÃO SABE QUE SABIA

E Ô E Ô

O ÍNDIO ANDOU PELO BRASIL

DEU NOME PRA TUDO QUE ELE VIU

SE O ÍNDIO DEU NOME, TÁ DADO!

SE O ÍNDIO FALOU, TÁ FALADO!

SE O ÍNDIO CHACOALHOU

TÁ CHACOALHADO!

E Ô E Ô

CHACOALHA O CHOCALHO

CHACOALHA O CHOCALHO

VAMOS CHACOALHAR

VAMOS CHACOALHAR

CHACOALHA O CHOCALHO

CHACOALHA O CHOCALHO

QUE ÍNDIO VAI FALAR:

JABUTICABA, CAJU, MARACUJÁ,

PIPOCA, MANDIOCA, ABACAXI,

É TUDO TUPI

TUPI GUARANI

TAMANDUÁ, URUBU, JABURU,

JARARACA, JIBÓIA, TATU... TU TU TU

É TUDO TUPI

TUPI GUARANI

ARARA, TUCANO, ARAPONGA, PIRANHA,

PERERECA, SAGUI, JABUTI, JACARÉ,

JACARÉ... JACARÉ... QUEM SABE O QUE É QUE É?

...AQUELE QUE OLHA DE LADO... É OU NÃO É?

SE O ÍNDIO FALOU TÁ FALADO

SE O ÍNDIO CHACOALHOU

TÁ CHACOALHADO

E Ô E Ô

MARANHÃO, MACEIÓ, MACAPÁ, MARAJÓ,

PARANÁ, PARAÍBA, PERNAMBUCO, PIAUÍ,

JUNDIAÍ, MORUMBI, CURITIBA, PARATI,

É TUDO TUPI

BUTANTÃ, TREMEMBÉ, TATUAPÉ,

TATUAPÉ... TATUAPÉ... QUEM SABE O QUE É QUE É?

...CAMINHO DO TATU... TU TU TU TU

VOZ E ARRANJO: HÉLIO ZISKIND / VOCAL:

GERALDO LEITE E NÁ OZZETTI / VIOLÃO:

MÁRIO MANGAANÇÃO CRIADA PARA O PROGRAMA COCORICÓ - TV CULTURA





ATIVIDADE 2B

LEITURA DE TEXTOS SOBRE POVOS INDÍGENAS

OBJETIVOS

- Conhecer o gênero textual tabela.
- Conhecer a localização de alguns povos indígenas do Paraná e do Brasil.
- Apresentar os dados populacionais de alguns povos indígenas do Paraná e do Brasil.

PLANEJAMENTO

- Organização do grupo: as crianças podem ficar organizadas em duplas para acompanhar a leitura do texto. A sugestão é que se faça um semicírculo com as duplas.
- Materiais necessários: textos expositivos e tabela (1) da Coletânea de Atividades. É importante que providencie um mapa do Brasil e do Paraná para que as crianças observem o local onde alguns indígenas vivem no Brasil.
- Duração aproximada: 50 minutos.

ENCAMINHAMENTO

- Antes de ler os textos: “O que é ser indígena?”, “Os Indígenas são todos iguais?”, “Índio ou indígena tem diferença?” explore os títulos e as imagens, evidenciando que texto, tabela e foto compõem a informação. Essas leituras contribuirão para ampliar os conhecimentos iniciais dos alunos, a partir de novas informações.
- Após a leitura, converse com as crianças a respeito das informações que mais chamaram a atenção, peça que destaquem, no texto, os nomes de etnias.
- Mostre a tabela da atividade 2B e estabeleça uma conversa sobre o que conseguem levantar de informações sobre a diversidade de povos e o número de indivíduos aproximado de sua população, estabelecendo relações entre quantidades (mais e menos). Dialogar com a criança sobre a diferença populacional das etnias do Estado do Paraná.
- Use a tabela e o mapa para localizar as regiões onde residem esses povos. Explore os mapas de formas diferentes (colocando no chão, utilizando objetos para demarcar o território, chamando a atenção para as formas etc.).





- No texto “Vamos relembrar a música e continuar aprendendo?” solicite aos alunos que localizem e circulem os diferentes nomes dados pelos povos indígenas ao instrumento chocalho. A professora poderá destacar os nomes do instrumento nas legendas das fotos, ajudando desta forma, as crianças localizarem as palavras no texto.

SUGESTÕES

É provável que seja necessário retomar com as crianças o diálogo sobre as diferentes línguas indígenas. Converse com elas sobre as imagens da atividade 2B, observando que tratam de crianças indígenas de povos diferentes que residem no Estado do Paraná.

Para sensibilizar o grupo para a diversidade de povos indígenas você pode mostrar a cena inicial do vídeo: “Quem são eles?” Coleção Povo Brasileiro, de Darcy Ribeiro. A cena mostra imagens de indígenas e nomes de povos com a música “Chegança”, de Antônio Nóbrega. O conteúdo do vídeo como um todo pode se tornar denso para os alunos, caso utilize, faça a seleção. Esse material pode ser encontrado na escola no acervo do MEC ou no site:

<https://www.youtube.com/watch?v=VOLy04zEeK8>.

Acesso em 29/10/2019.



ATIVIDADE DO ALUNO

ACOMPANHE A LEITURA QUE SEU PROFESSOR FARÁ DOS TEXTOS:

O QUE É SER INDÍGENA?

SÃO PESSOAS QUE FAZEM PARTE DE UMA COMUNIDADE INDÍGENA, MESMO NÃO MORANDO EM UMA TERRA INDÍGENA. VIERAM DOS POVOS QUE HABITAVAM AS TERRAS DO BRASIL E DE OUTROS PAÍSES VIZINHOS ANTES DA CHEGADA DOS EUROPEUS. SEUS MODOS DE VIDA PRESERVAM TRADIÇÕES E APRESENTAM TRANSFORMAÇÕES EM RELAÇÃO ÀS ANTIGAS FORMAS DE VIVER DAS PRIMEIRAS POPULAÇÕES QUE AQUI HABITAVAM.



APRESENTAÇÃO DE DANÇA INDÍGENA.
SANTA AMÉLIA - PR.
FOTO (1) DE: IONARA BLOTZ



POVO KAINGANG.
CÂNDIDO DE ABREU - PR.
FOTO (2) DE: RÔMULO ZIEGMANN HEIL





QUEM SÃO OS INDÍGENAS?

NO BRASIL EXISTEM MAIS DE 250 POVOS INDÍGENAS. SÃO MAIS DE 890 MIL PESSOAS, FALANDO MAIS DE 150 LÍNGUAS INDÍGENAS!

EXISTEM MUITAS CULTURAS E LÍNGUAS DIFERENTES ENTRE OS POVOS INDÍGENAS NO BRASIL, MAS NA ÉPOCA DA CHEGADA DOS NÃO INDÍGENAS (COLONIZADORES) ESSA DIVERSIDADE ERA MUITO MAIOR.

ESTUDOS INDICAM QUE JÁ HOUVE ENTRE 2 E 4 MILHÕES DE INDÍGENAS, FALANTES DE MAIS DE MIL LÍNGUAS. OS POVOS INDÍGENAS FORAM OS PRIMEIROS A HABITAR AS TERRAS EM QUE MORAMOS HOJE E, APESAR DE MUITOS PROBLEMAS QUE TIVERAM EM SUA HISTÓRIA, CONTINUAM COMPARTILHANDO CONHECIMENTOS COM OUTROS POVOS.

UMA MARCA NA HISTÓRIA DOS POVOS INDÍGENAS É A EXPERIÊNCIA DA COLONIZAÇÃO, ISTO É, AS CONSEQUÊNCIAS QUE AS VIOLENTAS AÇÕES DOS COLONIZADORES GERARAM NAS SUAS VIDAS QUANDO VIERAM PARA CÁ.

AS CONSEQUÊNCIAS DESSAS VIOLÊNCIAS FORAM A EXTINÇÃO DE MUITOS POVOS, A DIMINUIÇÃO NO NÚMERO DE PESSOAS, A PERDA DE SUAS TERRAS, O DESRESPEITO E A DESVALORIZAÇÃO DE SUAS CULTURAS.

ADAPTADO DE: INSTITUTO SÓCIO-AMBIENTAL. Povos indígenas mirim, s/d. Quem são?

Disponível em: <<https://mirim.org/quem-sao>>. Acesso em: 27 de out. de 2019.

[HTTPS://MIRIM.ORG/QUEM-SAO](https://mirim.org/quem-sao)





OS INDÍGENAS SÃO TODOS IGUAIS?

CADA POVO INDÍGENA POSSUI TRADIÇÕES CULTURAIS PRÓPRIAS, ISTO É, TEM UMA HISTÓRIA, CONHECIMENTOS ÚNICOS, FALAM LÍNGUAS DIFERENTES, TÊM FESTAS, COSTUMES E HÁBITOS DISTINTOS. É POR ISSO QUE NÃO PODEMOS DIZER QUE EXISTE UMA ÚNICA “CULTURA INDÍGENA”: CADA COMUNIDADE TEM SEU MODO DE SER.

EXISTEM, PORTANTO, MUITOS POVOS INDÍGENAS, CADA UM COM SUA CULTURA!

ADAPTADO DE: INSTITUTO SÓCIO-AMBIENTAL. Povos indígenas mirim, s/d. O que é ser índio? Disponível em: <https://mirim.org/o-que-e-ser-indio>. Acesso em: 27 de out. de 2019.

NO PARANÁ...



NO PARANÁ, VIVEM CERCA DE 26.00 INDÍGENAS DISTRIBUÍDOS EM 17 TERRAS INDÍGENAS/ALDEIAS, PERTENCENTES AOS POVOS KAINGANG, GUARANI, XETÁ E ALGUMAS FAMÍLIAS DO POVO XOKLENG.





TABELA 1: INFORMAÇÕES SOBRE A LOCALIZAÇÃO E POPULAÇÃO DE ALGUNS POVOS.

POVO INDÍGENA	LOCAL ONDE VIVE	POPULAÇÃO APROXIMADA
GUARANI	SÃO PAULO, MATO GROSSO DO SUL, PARANÁ, SANTA CATARINA, RIO DE JANEIRO, ESPÍRITO SANTO, PARÁ, MARANHÃO E TOCANTINS.	51.000 PESSOAS
KAINGANG	RIO GRANDE DO SUL, PARANÁ, SANTA CATARINA E SÃO PAULO	33.000 PESSOAS
XETÁ	SANTA CATARINA, PARANÁ E SÃO PAULO	69 PESSOAS
XOKLENG	SANTA CATARINA E PARANÁ	2.000 PESSOAS



CRIANÇAS GUARANI.
INÁCIO MARTINS - PR.

FOTO (3) DE: BANCO DE IMAGENS DA SEED



CRIANÇA KAINGANG.
MANOEL RIBAS - PR.

FOTO (5) DE: PATRICIA OENING BETELLI



POVO XETÁ.
SÃO JERÔNIMO - PR.

FOTO (4) DE: IRISMAR DOS SANTOS



CRIANÇAS XOKLENG.
JOSÉ BOITEUX - SC.

FOTO (6) DE: NE-GATXA PATTE





ÍNDIO OU INDÍGENA? TEM DIFERENÇA?

TEM SIM! A PALAVRA ÍNDIO É UM NOME DADO PELOS PRIMEIROS COLONIZADORES AOS POVOS QUE HABITAVAM UMA IMENSA QUANTIDADE DE TERRAS EM QUE ESTÁ LOCALIZADO O BRASIL E OUTROS PAÍSES. ELES PENSARAM ESTAR NA ÍNDIA E ENTÃO CHAMARAM DE ÍNDIOS AOS HABITANTES QUE AQUI MORAVAM. A PALAVRA INDÍGENA É MAIS ADEQUADA, POIS SIGNIFICA “AQUELE QUE PERTENCE A UM LUGAR OU QUE SUA FAMÍLIA TEM ORIGEM NAQUELE LUGAR”.

ADAPTADO DE: INSTITUTO SÓCIO-AMBIENTAL. POVOS INDÍGENAS MIRIM, S/D. O QUE É SER ÍNDIO?
DISPONÍVEL EM: [HTTPS://MIRIM.ORG/O-QUE-E-SER-INDIO](https://mirim.org/o-que-e-ser-indio). ACESSO EM: 27 DE OUT. DE 2019

VAMOS RELEMBRAR A MÚSICA E CONTINUAR APRENDENDO?

A PALAVRA CHOCALHO PRESENTE NA MÚSICA “TU TU TU TUPI” REFERE-SE A UM INSTRUMENTO SONORO FEITO DE UM FRUTO SECO CHAMADO DE PURUNGO OU CABAÇA. QUANDO ESSE FRUTO É BALANÇADO SUAS SEMENTES FAZEM UM SOM AGRADÁVEL.

PARA OS POVOS GUARANI, ESTE INSTRUMENTO É CHAMADO DE MARACÁ.

OS KAINGANG O CHAMAM DE XIK-XI OU XII.

ATÉ A MANEIRA DE PRODUZI-LO É DIFERENTE ENTRE ESTES DOIS POVOS.

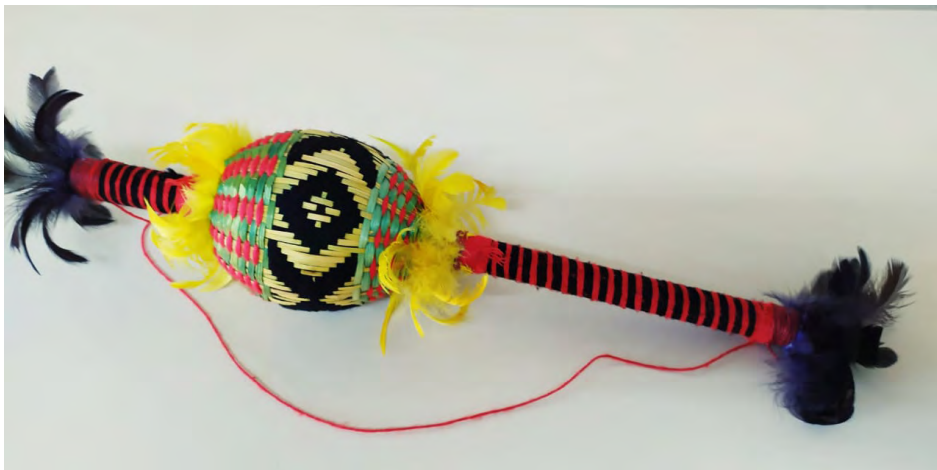




OBSERVE AS IMAGENS:



MARACÁ. ARTE GUARANI.
FOTO (7) DE: MARCIO MARCHIORO.



XIK-XI. ARTE KAINGANG.
FOTO (8) DE: MELISSA COLBERT BELLO





ATIVIDADE 2C

LEITURA PELO ALUNO: AS LÍNGUAS INDÍGENAS E A LÍNGUA PORTUGUESA

OBJETIVO

- Localizar informação em texto, a partir de indicação do professor, valendo-se de indícios e da colaboração dos colegas.
- Refletir sobre as características do sistema de escrita alfabético.

PLANEJAMENTO

- Organização do grupo: organize a sala em duplas de crianças com habilidades distintas de escrita e leitura.
- Materiais necessários: estrofe da música “Tu Tu Tu Tupi”, textos informativos presentes na Coletânea de Atividades.
- Duração aproximada: 50 minutos.

ENCAMINHAMENTO

- Planeje a organização das duplas antes de começar a atividade, considerando os conhecimentos dos alunos sobre o sistema de escrita.
- A seguir uma sugestão para o agrupamento:
 - » alunos com escrita silábica com valor sonoro convencional com alunos com escrita pré-silábica;
 - » alunos com escrita silábica com valor sonoro convencional com alunos com escrita silábica sem valor sonoro convencional;
 - » alunos com escrita silábica com valor sonoro convencional com alunos com escrita silábica alfabética;
 - » alunos com escrita silábica alfabética com escrita alfabética;
 - » alunos com escrita alfabética com alunos com escrita alfabética.





- Relembra algumas das fontes de informações já utilizadas até o momento como a música “Tu Tu Tu Tupi” e os textos informativos: “O que é ser indígena?” e “Os indígenas são todos iguais?”. Ressalte que ainda buscarão informações em outros materiais de modo a enriquecer a pesquisa e o painel que produzirão para o mural.
- Ouça novamente a música “Tu Tu Tu Tupi” com a turma. As crianças podem acompanhar com a letra já trabalhada na Atividade 2A.
- Proponha aos alunos que comentem o que lembram da música. Questione-os sobre o que trata esta música. Nas estrofes da música são citados nomes de animais, lugares e de alimentos. Explore com os alunos quais são eles.
- Depois dite um dos animais citados, solicite que as duplas localizem na letra da música e, em seguida, circulem ou pintem com lápis de cor a palavra citada. Faça essa mesma sequência com os demais animais sugeridos pela turma, ditando um de cada vez.

SUGESTÕES

Trata-se de uma atividade de ler sem saber ler. Lembramos que o problema que esta atividade coloca para as crianças é o de favorecer a utilização de suas estratégias de leitura, com os conhecimentos que possuem sobre valor sonoro convencional, para localizar palavras que ainda não saibam ler. É a tradicional proposta do qual é qual e onde está? Para que os alunos possam realizá-la você precisa garantir algumas condições:

- eleger um campo semântico para ditar. Por exemplo nomes de lugares;
- oferecer a pista oral, ou seja, falar a palavra que devem localizar;
- ajudar os alunos com mais dificuldade, restringindo o campo do olhar.

Continue a atividade propondo que localizem nessa segunda etapa o nome de alimentos: “Agora vamos procurar o nome de alguns alimentos. Alguém já encontrou? Nos versos a seguir (indicando estrofe da música) há o nome de diversos alimentos, onde estão?” Aqui sugerimos os mesmos procedimentos indicados na primeira etapa.





ATIVIDADE DO ALUNO

LOCALIZE COM O SEU COLEGA AS PALAVRAS QUE SEU PROFESSOR IRÁ DITAR:

TU TU TU TUPI

HÉLIO ZISKIND

(...)

JABUTICABA, CAJU, MARACUJÁ,
PIPOCA, MANDIOCA, ABACAXI,
É TUDO TUPI
TUPI GUARANI

TAMANDUÁ, URUBU, JABURU,
JARARACA, JIBÓIA, TATU... TU TU TU
É TUDO TUPI
TUPI GUARANI

ARARA, TUCANO, ARAPONGA, PIRANHA,
PERERECA, SAGUI, JABUTI, JACARÉ,
JACARÉ... JACARÉ... QUEM SABE O QUE É QUE É?
...AQUELE QUE OLHA DE LADO... É OU NÃO É?





ATIVIDADE 2D

ESCRITA DE LISTA DE PALAVRAS: AS LÍNGUAS INDÍGENAS E A LÍNGUA PORTUGUESA

OBJETIVOS

- Reconhecer o gênero textual lista.
- Produzir uma lista com nomes de animais que se originaram das línguas indígenas.
- Refletir sobre as características do sistema de escrita.

PLANEJAMENTO

- Organização de duplas conforme sugestão na Atividade 2C para a escrita com letras móveis e depois realize a discussão coletiva de algumas das escritas.
- Material necessário: alfabeto móvel.
- Duração aproximada: 50 minutos.

ENCAMINHAMENTO

- Explique que vão escrever uma lista com nomes de animais que se originaram das línguas indígenas. Essa lista fará parte do mural final do projeto e por isso precisam ser escritas da melhor forma que conseguirem.
- Dite uma a uma as palavras do quadro, abaixo, sem silabá-las. Dê tempo para que as duplas escrevam. Enquanto isso, circule entre as mesas observando as crianças, contribuindo com a reflexão das duplas.
- Em seguida faça a proposta da atividade de escrita coletiva. Para isso siga as orientações da Atividade de Escrita Coletiva detalhada no ANEXO 1 deste Caderno de Orientações Didáticas.
- No final da atividade escreva em cartolina as palavras como ficaram escritas na lousa e deixe exposto na sala.
- Combine com os alunos que esse cartaz deverá ser revisto semanalmente ou quando mudarem de ideia quanto à escrita de alguma palavra, pois fará parte do mural com desenhos e demais informações.





Há a possibilidade de variar esta atividade em outro dia da rotina. para tanto, consulte o ANEXO 3 deste Caderno de Orientações Didáticas, que apresenta exemplos de nomes de municípios paranaenses de origem indígena.

PALAVRAS A SEREM DITADAS:

ANIMAIS: TAMANDUÁ, JACARÉ, SAGUI, JABUTI, QUATI, PACA, CUTIA, SIRI, TATU

SUGESTÕES

Note que algumas das palavras sugeridas apresentam a mesma vogal, como PACA. Essas palavras podem causar maior conflito entre as crianças mais distantes da hipótese alfabética, mas também se configurar em um bom problema para os alunos com escrita silábica com valor sonoro convencional. No momento em que estiverem escrevendo observe-os e solicite que leiam e justifiquem as escritas. Não deixem de validar, as ideias que as crianças apresentam sobre como a escrita se organiza, ainda que não utilizem elementos da escrita convencional.

Por exemplo: para a escrita de S e G (para sagui) diga: Você usou duas letras para escrever o nome do animal, agora pense como termina sagui? Há outras letras para escrever este nome? Escreva. Ou para a produção A (para sagui), você pode, por exemplo, solicitar que utilizem como um referencial de escrita o nome da Sara, por exemplo, e perguntar se ajuda a pensar como seria a escrita de sagui. Ou mesmo, solicitar que as crianças que produziram a escrita da mesma palavra de forma diferente, juntem-se para pensar numa nova proposta.

ATIVIDADE DO ALUNO

ESCRITA DE LISTA DE PALAVRAS

Nessa atividade o professor entregará uma folha em branco e fará um ditado com nomes de animais que serão escritos em duplas para elaboração de um cartaz que ficará exposto no mural da sala.





ATIVIDADE 2E

LEITURA DE IMAGENS LEGENDADAS

OBJETIVOS

- Ler, com a ajuda dos colegas, textos relacionando imagens e informações.
- Utilizar fotos e legendas como fonte de informação e estudo.
- Observar algumas características da legenda de foto.

PLANEJAMENTO

- Organização do grupo: no primeiro momento será em duplas e depois será coletiva. Procure organizar as duplas dispondo as mesas em semicírculo.
- Materiais necessários: fotos, imagens com legendas (atividade da Coletânea do Aluno). Além dessas sugeridas, você pode selecionar outras.
- Duração aproximada: 50 minutos.

ENCAMINHAMENTO

- Disponibilize as fotografias legendadas e peça para as crianças observarem o material e dizer o que estão vendo. Caso fiquem restritos às imagens, incentive-as a notarem o texto que aparece abaixo delas (legenda).
- Instigue que comentem livremente e observe se todos falam. Incentive a fala coletiva com respeito às opiniões e à palavra do outro.
- Informe aos alunos que esse gênero textual se chama legenda e explore outras imagens e legendas de forma que as crianças comecem a perceber algumas características do gênero textual, por meio da observação.

SUGESTÃO PARA O PROFESSOR

O texto a seguir é para que você tenha mais informações sobre o gênero legenda.



O GÊNERO LEGENDA

Legenda é um gênero textual que circula, no campo da Vida Pública, principalmente, na esfera jornalística. Há legendas em diferentes portadores de textos como: revistas, jornais e sites da internet. Também encontramos legendas em livros em geral. Trata-se de um gênero que tem por função principal ajudar o leitor a compreender uma fotografia e para completar a informação dessa com os dados. Em alguns casos, o texto poderá conter, além da descrição da foto, um comentário sobre a foto em destaque.

O texto geralmente é simples com verbos no tempo presente do indicativo e a descrição da fotografia costuma trazer: explicação do que está acontecendo, identificação das pessoas, ou outras imagens da foto, local, além de comentários a respeito da cena, **esses não aparecem em todas elas**.

INFORMAÇÃO COMPLEMENTAR

As gravuras apresentadas na atividade 2E mostram construções tradicionais indígenas feitas com materiais naturais como o barro, palha e madeira. Contudo, quem visita uma área indígena Kaingang, Guarani ou Xetá, hoje em dia, poderá encontrar as famílias vivendo em casas de alvenaria, em casas de madeira ou em casas de pau-a-pique, cobertas de folhas de coqueiro ou sapé. Há uma grande variedade de padrões, que se referem, normalmente, às condições econômicas de cada comunidade e de cada família. Pode-se encontrar, em comunidades indígenas atuais, casas de alvenaria com cobertura de telhas de cimento amianto (como “brasilit” ou “eternit”), casas de madeira com o mesmo tipo de cobertura, ou cobertas de zinco, ou cobertas com telhas de barro ou, ainda, cobertas de “tabuinhas”.

Texto adaptado de: Habitação e Acampamentos Kaingang hoje e no passado
de Wilmar R. D’Angelis e Juracilda Veiga.

Disponível em: http://www.portalkaingang.org/habitacao_e_acampamentos.pdf.
Acesso em 29/10/2019.

A casa de reza que aparece na foto é um espaço sagrado encontrado nas comunidades Guarani. No entanto para esses povos a religiosidade se estende para toda a forma de viver, de ser, de se relacionar com as pessoas e o ambiente. Para saber mais sobre a casa de reza sugere-se a leitura de “Opy (casa de reza): formação do Mbya reko”.

Disponível em: <http://historiaeculturaguarani.org/territorialidade/o-que-e-necessario-para-existir-uma-tekoa/opy-casa-de-reza-formacao-do-mbya-reko/>.
Acesso em 29/10/2019.

As fotos também destacam as atividades realizadas nas Escolas Indígenas do Paraná. Nessas escolas os estudantes aprendem a língua indígena, a língua portuguesa e as demais disciplinas do currículo e também aspectos da sua cultura tais como a produção de artesanato, as festividades, a relação com a natureza, com os anciãos, a espiritualidade. Tudo o que compõe a história e os valores da sua comunidade. No Paraná existem 39 escolas estaduais indígenas que atendem da educação infantil ao ensino médio.





ATIVIDADE DO ALUNO

OBSERVE AS FOTOGRAFIAS E LEIA AS LEGENDAS FEITAS PARA ELAS:



MODELO DE MORADIA
SUBTERRÂNEA KAINGANG.
MANGUEIRINHA - PR.
FOTO (9) DE: IONARA BLOTZ



CASA DE REZA. COMUNIDADE GUARANI.
SANTA AMÉLIA - PR.
FOTO (10) DE: IONARA BLOTZ



ARTESANATO GUARANI.
ANIMAIS FEITOS EM MADEIRA.
FOTO (11) DE: IONARA BLOTZ



CRIANÇAS GUARANI NO DESFILE
DE SETE DE SETEMBRO. TOMAZINA - PR.
FOTO (12) DE: TONY SANTOS RIBEIRO





CRIANÇAS KAINGANG NA PLANTAÇÃO DE MILHO. TAMARANA - PR.
FOTO (13) DE: ANA PAULA APARECIDA PINHEIRO



CRIANÇAS GUARANI FAZENDO PESQUISA SOBRE AS FORMIGAS. TURVO - PR.
FOTO (14) DE: SEBASTIANA PALACIO



CRIANÇAS KAINGANG APRENDENDO A FAZER CESTOS. ORTIGUEIRA - PR.
FOTO (15) DE: MARLI APARECIDA DO CARMO





CRIANÇAS KAINGANG APRENDENDO COM O SÁBIO DA ALDEIA.
ORTIGUEIRA - PR. FOTO (16) DE: NENO NENKAIN



MENINO KAINGANG EM ATIVIDADE FESTIVA.
CÂNDIDO DE ABREU - PR. FOTO (17) DE: RÔMULO ZIEGMANN HEIL





ETAPA 3

A CULTURA DOS POVOS INDÍGENAS DO PARANÁ E A LEITURA DE DIFERENTES GÊNEROS TEXTUAIS

Nessa etapa, o objetivo é levar os alunos a ampliarem o conhecimento sobre a cultura indígena a partir da exploração e estudo de alguns aspectos da cultura dos povos Kaingang, Guarani e Xetá. Esse estudo será feito por meio da leitura de diferentes gêneros textuais como mito, lenda e texto informativo, dando a conhecer diferentes fontes de pesquisa.

ATIVIDADE 3A

LEITURA EM VOZ ALTA E INTERPRETAÇÃO DE UM MITO INDÍGENA

OBJETIVOS

- Apreciar a leitura de um texto literário.
- Comparar informações de diferentes culturas.
- Conhecer as narrativas e a cultura indígena.

PLANEJAMENTO

- Organização do grupo: atividade coletiva com mesas organizadas em semicírculo ou sentados em roda, no chão.
- Material necessário: cópia do mito Kaingang “A criação dos Animais”, presente na Coletânea de Atividades do aluno.
- Duração aproximada: 50 minutos.

ENCAMINHAMENTO

- Relembre com os alunos os nomes de alguns povos indígenas lidos na tabela utilizada na Atividade 2B.
- Exponha a tabela na lousa e solicite que localizem onde está escrito a palavra Kaingang.





- Analise, junto com os alunos, outros dados presentes na tabela, como por exemplo: Que outros povos indígenas vivem no Paraná? Quantos são?
- Leia para elas as palavras Guarani, Xetá, Xokleng, Kaingang e explique que se referem às etnias dos povos indígenas, que também podem ser chamados: Povo Guarani, Povo Xetá, Povo Xokleng, Povo Kaingang etc.
- Explique aos alunos que você fará a leitura de um mito do povo Kaingang chamado: “A criação dos Animais” e depois farão uma roda para conversar sobre o que ouviram.
- Leia apenas o título da narrativa e peça para que as crianças falem sobre o que imaginam que ouvirão na narrativa e expliquem o que pensam a respeito de como surgiram os animais. Acolha as ideias, sem se preocupar em corrigi-los, e sim em oferecer pistas que possam ajudá-los a estabelecer uma relação com o conteúdo do texto.
- Ao final da leitura, proponha uma conversa que poderá partir de perguntas: O que acharam do texto? O que mais gostaram? Conhecem alguma história parecida? Já tinham ouvido falar dos irmãos Kamé e Kayru? O que imaginaram antes da leitura se confirmou? Segundo o texto, os animais foram criados pelos irmãos Kamé e Kayru, lembram da parte do texto que relata isso? Segundo o mito por que a anta passou a se alimentar de folhas? Como ficou a boca do tamanduá no final do trabalho dos irmãos Kamé e Kayru? Você já teve contato com algum animal tratado no texto? É possível conviver com estes animais? Nas comunidades indígenas há convivência com animais? Quais seriam? Vocês conhecem outros mitos? O professor deverá adequar as perguntas de acordo com os alunos de sua turma.
- Comente com os alunos o fato de que os mitos representam a origem de um povo ou de algum aspecto da cultura e, por isso, são considerados sagrados. Por meio desses textos os povos mantêm sua identidade e sua cultura. Conte que os mitos eram a forma que os antigos encontravam para registrar, na memória, acontecimentos importantes de suas vidas.
- Sugerimos que durante a realização do projeto você inclua a leitura de outras narrativas indígenas na atividade permanente de leitura em voz alta que realiza diariamente.
- Como segunda etapa da interpretação do texto, sugere-se a atividade de leitura e produção escrita.





ATIVIDADE DO ALUNO

LEITURA E INTERPRETAÇÃO DO TEXTO

A CRIAÇÃO DOS ANIMAIS

PARA O POVO KAINGANG, TUDO NESTE MUNDO PERTENCE OU À KAIRU OU À KAMÉ.

KAMÉ E KAIRU ERAM DOIS IRMÃOS, ELES CRIARAM AS PLANTAS E OS ANIMAIS. OS DOIS POVOARAM A TERRA COM OS MUITOS FILHOS QUE TIVERAM.

OS KAIRU PINTAM O CORPO E FAZEM SEU ARTESANATO COM MANCHAS, NORMALMENTE CIRCULARES. JÁ OS KAMÉ USAM MARCAS RISCADAS, EM FORMA DE LINHA. ESSAS PINTURAS, O ÍNDIO VÊ NA PELE DOS ANIMAIS, NAS CASCAS, NAS FOLHAS OU NAS FLORES DAS PLANTAS.

KAIRU FEZ UM VEADO. KAMÉ FEZ PRIMEIRO UMA ONÇA E A PINTOU. KAMÉ DISSE À ONÇA:

- COME O VEADO, MAS NÃO NOS COMA!

DEPOIS ELE FEZ UMA ANTA E FALOU PARA ELA QUE COMESSE GENTE E BICHOS. A ANTA, PORÉM, NÃO ENTENDEU O PEDIDO.

KAMÉ REPETIU-LHE AINDA DUAS VEZES, EM VÃO. DEPOIS LHE DISSE, BRAVO:

- VAI COMER FOLHAS! - NÃO PRESTAS PARA NADA!

KAIRU FEZ COBRAS E MANDOU QUE ELAS MORDESSEM HOMENS E ANIMAIS. QUEIMOU UM ESPINHO CHAMADO SODN E ESFREGOU SUA CINZA NOS DENTES DA COBRA A FIM DE TORNÁ-LOS VENENOSOS.

KAMÉ QUIS ENTÃO FAZER UM ANIMAL MUITO FERROZ, E COMEÇOU A FAZER O TAMANDUÁ.

OS DOIS IRMÃOS ESTAVAM TRABALHANDO DURANTE A NOITE PARA CRIAR ANIMAIS. QUANDO O DIA COMEÇOU A NASCER, O TAMANDUÁ AINDA NÃO ESTAVA PRONTO: JÁ TINHA UNHAS ENORMES, MAS A BOCA AINDA ESTAVA POR FAZER. ENTÃO KAMÉ ARRANCOU UM CIPÓ E METEU-O COMO LÍNGUA NA BOCA DO ESTRANHO ANIMAL, QUE FICOU MAL-ACABADO.

NARRATIVA DO POVO KAINGANG

ADAPTADA DE: MITOS INDÍGENAS INÉDITOS NA OBRA DE CURT NIMUENDAJU. REVISTA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Nº 21/1986, P. 87 . DISPONÍVEL EM: [HTTP://PORTAL.IPHAN.GOV.BR//UPLOADS/PUBLICACAO/REVPAT21_M.PDF](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/revpat21_m.pdf). ACESSO EM 06/03/2018.





INTERPRETANDO O TEXTO

1 - ESCREVA OS NOMES DE ANIMAIS QUE FORAM CRIADOS PELOS IRMÃOS KAMÉ E KAIRU.

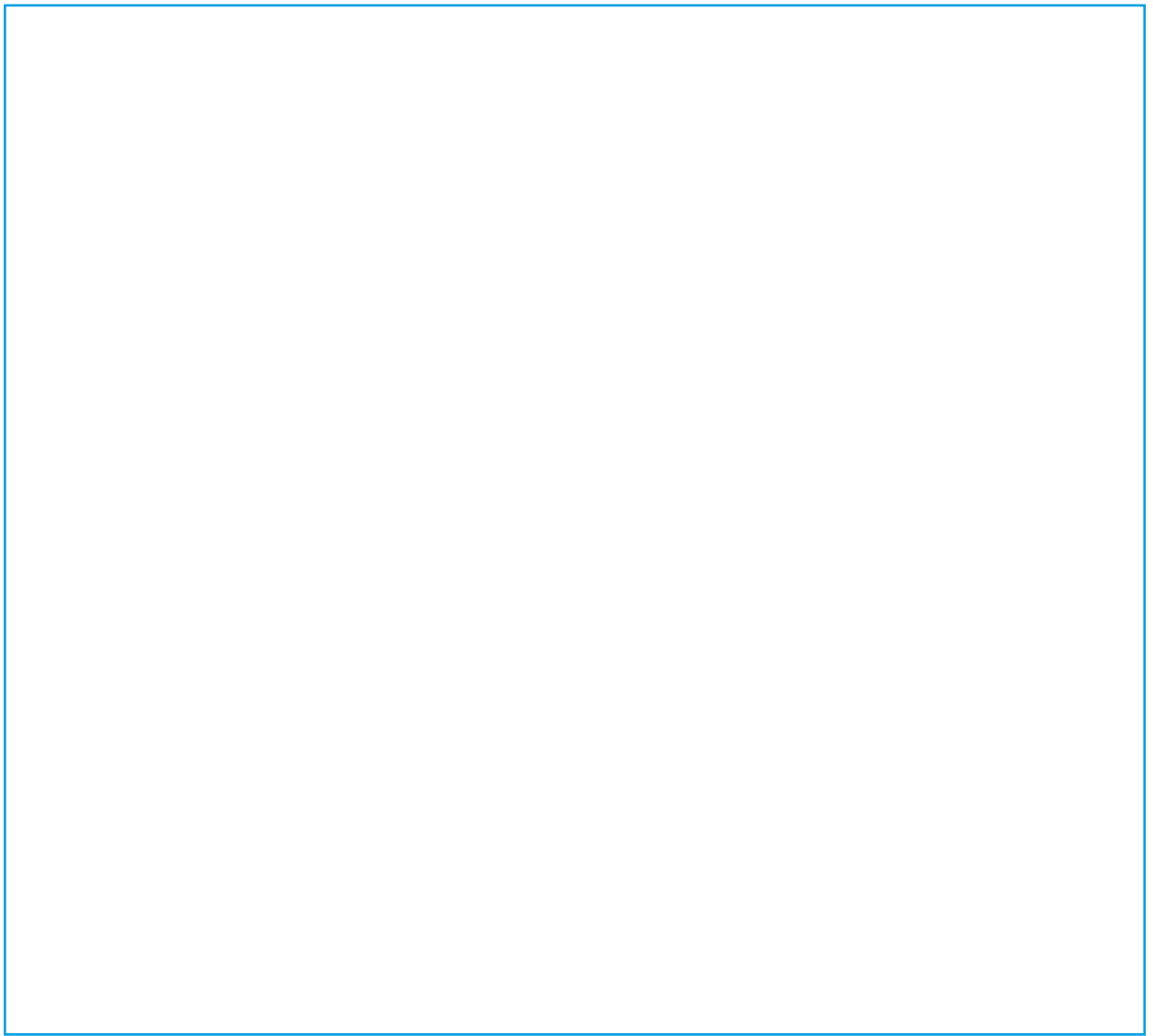
2 - PARA TORNAR OS DENTES DA COBRA VENENOSOS, KAIRU ESFREGOU CINZAS DE _____

() UM ESPINHO.

() DE FOLHAS.

3 - EM QUE MOMENTO DO DIA OS DOIS IRMÃOS ESTAVAM TRABALHANDO PARA CRIAR ANIMAIS? RESPONDA POR MEIO DE DESENHO E DA ESCRITA.







ATIVIDADE 3B

A ÁRVORE DA VIDA: LEITURA DE TEXTO E IMAGEM

OBJETIVO

- Explorar a relação entre texto, imagem e legenda.
- Conhecer a origem do artesanato que faz parte do cotidiano das crianças Guarani da região Oeste do Paraná.

PLANEJAMENTO

- Organização do grupo: os alunos serão organizados em duplas de modo que aqueles com escrita pré-silábica deverão ficar com aqueles com escritas silábicas com valor sonoro convencional. Os demais alunos também devem ser agrupados respeitando hipóteses de escrita próximas, conforme indicação da Atividade 2C.
- Materiais necessários: Cópia do texto “A árvore da vida”.
- Duração aproximada: 50 minutos para ler o texto, a legenda e discutir sobre a imagem.

ENCAMINHAMENTO

- No primeiro momento explore a imagem com as crianças, discuta o que aparece, o que ela significa, que histórias podem estar relacionadas com esta imagem, quem fez, que informações aparecem sobre ela na legenda.
- Depois, com a atenção na imagem, comece perguntando as crianças como podem buscar o texto correspondente. Por exemplo: a partir da observação da imagem da árvore e dos animais, o que você acha que pode conter na legenda? Eles poderão dizer: tucano, quati, árvore, coruja. Então, diga que pensem no que estão vendo na imagem.
- Após a leitura do texto e a aproximação com o conteúdo da foto e da legenda, peça que busquem a palavra **ÁRVORE**, identificando e quantificando o total de vezes em que ela aparece no texto.





SUGESTÃO

Nesta situação o professor pode organizar as duplas, pois isso será fundamental para que a atividade aconteça de forma significativa em toda a classe.

Esta é uma atividade de ler sem saber ler, no primeiro momento. Os alunos lerão a partir de índices como: letra inicial, final, busca por uma palavra-chave etc.

IMPORTANTE

No caso dos alunos que já escrevem alfabeticamente, você pode tanto agrupá-los com os de escrita silábico-alfabética. Uma outra opção, você pode sugerir que os alunos com escrita alfabética ajudem os alunos com mais dificuldade, a partir da leitura de duas legendas, sem apontá-las, para que a partir da pista sonora, os alunos com escrita silábica possam encontrar o texto e depois a imagem correspondente. Nesse caso alguns alunos terão o papel de ler algumas legendas e restringir o campo para ajudar os que terão dificuldade de localizar uma legenda no conjunto todo. As perguntas: ONDE DIZ, QUAL É QUAL permitem que, ao saber o que se deve procurar, os alunos possam acionar alguns índices e ler ainda que não saibam, desenvolvendo, com isso tanto conhecimento sobre o sistema de escrita, quanto sobre as estratégias de leitura.





ATIVIDADE DO ALUNO

A ÁRVORE DA VIDA

QUANDO A USINA HIDRELÉTRICA DE ITAIPU FOI CONSTRUÍDA, EM 1982, MUITAS TERRAS E FLORESTAS FORAM ALAGADAS PARA FORMAR O SEU LAGO.

ÁRVORE DA VIDA É UM ARTESANATO QUE REPRESENTA A VISÃO DAS COMUNIDADES GUARANI SOBRE ESTE ACONTECIMENTO.

DEVIDO ÀS FORTES CHUVAS, O LAGO QUE ERA PRA SE FORMAR EM 3 MESES, ACABOU ENCHENDO EM APENAS 14 DIAS. COM A RÁPIDA INUNDAÇÃO, OS ANIMAIS QUE VIVIAM NA REGIÃO PROCURARAM REFÚGIO NAS COPAS DAS ÁRVORES PARA PODEREM SALVAR SUAS VIDAS. ESTAS FORAM PARA ELES, ENTÃO, COMO ÁRVORES DA VIDA.



ÁRVORE DA VIDA PRODUZIDA NA TERRA INDÍGENA
OCOY. SÃO MIGUEL DO IGUAÇU - PR.
FOTO (18) DE: IONARA BLOTZ





MUITOS DESTES ANIMAIS PUDERAM SER RESGATADOS DEPOIS, NUMA OPERAÇÃO QUE FOI CHAMADA DE OPERAÇÃO MYMBA-KUERA (PEGA-BICHO).

A PARTIR DESTE ACONTECIMENTO, OS GUARANI CRIARAM O ARTESANATO CHAMADO “A ÁRVORE DA VIDA”, QUE PASSOU A SER UM SÍMBOLO DA CULTURA DESSE POVO.

BERNAL, Mac Donald Fernandes. A árvore da vida reflexões sobre o artesanato de referência cultural do território trinacional do Iguaçu. 2015. Dissertação (Mestrado em Sociedade, Cultura e Fronteiras) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Foz do Iguaçu, 2015. Disponível em: <<http://tede.unioeste.br/handle/tede/2560>>. Acesso em: 20 nov. 2019.

ATIVIDADE 3C

PAREAMENTO DE TEXTO E IMAGEM

OBJETIVOS

- Ler, com ajuda do colega, legendas para juntar às fotos correspondentes.
- Explorar o cotidiano de crianças indígenas por meio do artesanato e costumes.

PLANEJAMENTO

- Organização do grupo: as crianças serão organizadas em duplas de modo que aqueles que escrevem de forma pré-silábica deverão ficar com aqueles com escritas silábicas com valor sonoro convencional. As demais também devem ser agrupadas respeitando hipóteses de escrita próximas, conforme indicação da Atividade 2C.
- Materiais necessários: Coletânea de Atividades.
- Duração aproximada: 45 minutos para ler as legendas e 15 minutos para a discussão sobre as imagens.

ENCAMINHAMENTO

- No primeiro momento explore as imagens com as crianças. Questione: Pertencem a um povo específico? Do que é feito? O que representa? Quantos animais vê? Quais? Vocês conhecem algum desses animais? Esses animais podem ser criados em casa? Depois, com foco em uma





imagem comece solicitando às crianças dicas de como buscar o texto correspondente. Por exemplo: A partir da observação da primeira imagem o que acham que pode conter na legenda? Eles poderão dizer o nome do animal, do objeto, do que é feito, por qual povo indígena é feito. Depois que as crianças se aproximarem do conteúdo da legenda peça que busquem nos textos “onde diz” aquele nome. Esse procedimento poderá ser feito para cada uma das imagens. Isso auxiliará as crianças nas estratégias de leitura e localização das legendas pelas crianças.

SUGESTÕES

É importante seguir as recomendações para organização dos agrupamentos das crianças feitas na Atividade 2C.

- Após a realização da atividade selecione uma legenda e peça aos alunos que observem a foto e texto e realize com eles uma breve análise dos elementos que compõem a legenda e sua função: informações sobre a imagem e o local onde a cena aconteceu. Você pode escolher uma legenda (Atividade 2E, da Coletânea de Atividades) e realizar alguns questionamentos: O que este texto acrescenta de informações à imagem observada? Quem participa da foto? O que estão fazendo? Onde estão? Quem tirou a foto? Quando foi tirada? Por que saber isso é importante? Se não tivéssemos o texto o que não saberíamos? É um texto curto ou longo? Para que ele serve então?
- Pergunte aos alunos o que já sabem agora, que não sabiam no início desse projeto sobre legenda. E escreva na lousa ou num cartaz: O que é uma legenda? Ou Legenda é...., lembrando que esse conhecimento os ajudará na elaboração das legendas para o mural ao final do estudo sobre os povos indígenas.





ATIVIDADE DO ALUNO

O PROFESSOR MISTUROU AS LEGENDAS E AS FOTOS QUE VÃO PARA O MURAL. COM UM COLEGA, OBSERVE AS IMAGENS, ENCONTRE AS LEGENDAS E COLE-AS PRÓXIMAS ÀS FOTOS.



FOTO DE: IONARA BLOTZ



FOTO DE: IONARA BLOTZ



FOTO (19)



FOTO (20)



FOTO DE: MICAEL ELIABE SEVERINO



FOTO DE: IONARA BLOTZ

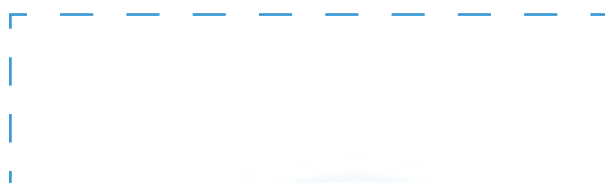


FOTO (21)



FOTO (22)





FOTO DE: IONARA BLOTZ



FOTO DE: MICAEL ELIABE SEVERINO



FOTO (23)



FOTO (24)



FOTO DE: IONARA BLOTZ



FOTO DE: DAIZE DE PAULA

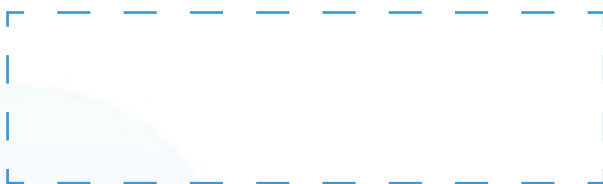


FOTO (25)

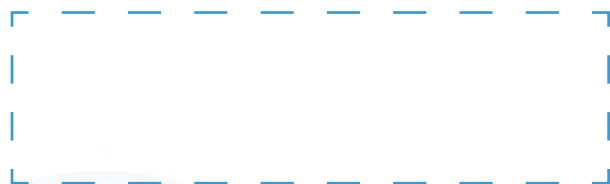


FOTO (26)





TATU.
ARTESANATO GUARANI



COBRA.
ARTESANATO GUARANI



TUCANO.
ARTESANATO GUARANI



QUATI.
ARTESANATO GUARANI



PAPAGAIO.
ARTESANATO GUARANI



JACARÉ.
ARTESANATO GUARANI



CESTOS.
ARTESANATO KAINGANG



COMIDAS INDÍGENAS





ATIVIDADE 3D

LEITURA DE TEXTOS INFORMATIVOS

OBJETIVOS

- Acompanhar a leitura dos textos sobre as “Cidades Paranaenses com nomes indígenas” e sobre o “Filtro dos Sonhos”.
- Localizar no texto algumas informações explícitas.
- Refletir sobre como a cultura indígena influenciou e ainda influencia a sociedade em geral.

PLANEJAMENTO

- Organização do grupo: as crianças devem ser organizadas coletivamente.
- Material necessário: textos presentes na Coletânea de Atividades.
- Duração aproximada: 50 minutos.

ENCAMINHAMENTO

- Leia os títulos dos textos e converse com as crianças sobre o que acham que os textos irão contar.
- Realize a leitura chamando a atenção, não apenas para o conteúdo dos textos, mas também sua finalidade: geralmente um texto que traz uma informação inusitada, curiosa. Nesse caso, sobre os nomes das cidades do Estado do Paraná que têm origem indígena e do artesanato produzido pelos indígenas que apresenta sempre um significado, uma história.
- Peça que destaquem os nomes dos povos indígenas que aparecem nos textos, identificando quais são do Paraná.
- Ao final reflita com eles sobre os detalhes presentes nas fotos que acompanham os textos: as cores, as formas, materiais utilizados, questione se já viram em algum lugar.



ATIVIDADE DO ALUNO

ACOMPANHE A LEITURA QUE SEU PROFESSOR FARÁ DOS TEXTOS INFORMATIVOS E LOCALIZE OS NOMES DOS POVOS INDÍGENAS DO PARANÁ.

CIDADES PARANAENSES COM NOMES INDÍGENAS

NA MÚSICA QUE VOCÊ APRENDEU FALA DO PARANÁ COMO UMA PALAVRA DE ORIGEM INDÍGENA. O NOME DO ESTADO É UMA PALAVRA GUARANI QUE SIGNIFICA RIO GRANDE, RIO COMO MAR, RIO SEMELHANTE AO MAR.

MUITAS CIDADES DO ESTADO TAMBÉM TÊM NOMES DE ORIGEM INDÍGENA, COMO O MUNICÍPIO DE UMUARAMA, PALAVRA DA LÍNGUA XETÁ QUE SIGNIFICA LOCAL ALTO, BEM ILUMINADO, ONDE OS AMIGOS SE ENCONTRAM. ALGUMAS CIDADES TÊM NOMES DE ORIGEM KAINGANG:

APUCARANA: FLORESTA IMENSA.

CAMBÉ: ANIMAL GRANDE COMO VEADO, CERVO.

OUTRAS TÊM NOMES DE ORIGEM GUARANI

CARAMBEÍ: RIO DAS TARTARUGAS

IBIPORÃ: TERRA BONITA.

FERREIRA, João Carlos Vicente. Municípios paranaenses: origens e significados de seus nomes; coordenador Renato Augusto Carneiro Junior; equipe de pesquisa Cíntia Maria Sant'Ana Braga Carneiro, José Luiz de Carvalho, Myriam Sbravati. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 2006.





FILTRO DOS SONHOS

É MUITO COMUM ENCONTRÁR OS FILTROS DOS SONHOS DECORANDO CARROS E CASAS DAS PESSOAS. SEGUNDO AS CRENÇAS O FILTRO DOS SONHOS É UM OBJETO SAGRADO QUE TERIA A CAPACIDADE DE SELECIONAR OS SONHOS DAS PESSOAS, ELIMINANDO OS PESADELOS E DEIXANDO SOMENTE SONHOS BONS.

ACREDITA-SE QUE OS ÍNDIOS SIOUX DA AMÉRICA DO NORTE FORAM OS CRIADORES DO FILTRO DOS SONHOS, MAS MUITOS POVOS INDÍGENAS DO BRASIL TAMBÉM FAZEM E VENDEM ESSE ARTESANATO.



FILTRO DOS SONHOS. FOTO (27)
DE: BANCO DE IMAGENS DA
SEED.

CRIPPA, Adolpho. Mito e cultura. São Paulo. Editora Convívio, 1975.





ATIVIDADE 3E

ESCRITA DE PERGUNTA

OBJETIVOS

- Acompanhar a leitura de texto sobre como as crianças indígenas brincam e aprendem.
- Escrever, em duplas, a pergunta ditada pelo professor.
- Reconhecer as características do sistema de escrita alfabético.

PLANEJAMENTO

- Organização do grupo: as crianças devem estar organizadas em duplas.
- Materiais necessários: cópias dos textos, presentes na Coletânea de Atividades.
- Duração aproximada: 50 minutos.

ENCAMINHAMENTO

- Leia o texto para as crianças e converse sobre o seu conteúdo, de modo que as crianças o compreendam.
- Retome com as crianças as informações e sugira que este texto inicie com uma pergunta. Você pode perguntar-lhes: Do que fala este texto? Se você fosse perguntar a uma pessoa se ela conhece o assunto desse texto, como perguntaria? A sugestão de pergunta é: “Vocês sabiam que...Na cultura indígena não há muita diferença entre aprender e brincar? Ou “Você sabe como é o dia a dia das crianças indígenas?”; mas as crianças poderão pensar em outras perguntas que sejam coerentes para o texto.
- Assim que definirem qual será a pergunta entregue as letras móveis, organizadas em ordem alfabética, para que as crianças escrevam a(s) pergunta(s), que nesse momento poderá(rão) ser ditada(s) pelo professor, pois o objetivo é que reflitam sobre o sistema de escrita.





ATIVIDADE DO ALUNO

OUÇA A LEITURA DO TEXTO E ESCREVA A PERGUNTA QUE O PROFESSOR IRÁ DITAR:

VOCÊ SABIA QUE...

NA COMUNIDADE INDÍGENA NÃO HÁ MUITA DIFERENÇA ENTRE APRENDER E BRINCAR. O DIA A DIA DAS CRIANÇAS VAI SE ALTERNANDO ENTRE ALGUMAS TAREFAS DOMÉSTICAS QUE OBSERVAM, REALIZAM EM PARCERIA OU MESMO SOZINHAS E AS BRINCADEIRAS QUE REALIZAM SEMPRE EM GRUPOS.

ALGUMAS ATIVIDADES DOS PAIS, QUE AJUDARÃO AS CRIANÇAS NO FUTURO, TAIS COMO PLANTAR, PESCAR, CAÇAR, COLHER FRUTOS, PREPARAR ALIMENTOS E CUIDAR DOS IRMÃOS MENORES, SÃO FEITAS DESDE CEDO POR ELAS.

AS CRIANÇAS ESTÃO SEMPRE MUITO PRÓXIMAS AOS SEUS PAIS INCLUSIVE OS ACOMPANHAM QUANDO ESSES VIAJAM PARA VENDER ARTESANATO, COMO OS KAINGANG AQUI NO PARANÁ.

AS CRIANÇAS INDÍGENAS TAMBÉM GOSTAM DE BRINCADEIRAS VIVENCIADAS NAS CULTURAS NÃO INDÍGENAS TAIS COMO ANDAR DE BICICLETA, CANTIGAS DE RODA, JOGOS DIGITAIS, ENTRE OUTROS.

JOGAR FUTEBOL É UMAS DAS BRINCADEIRAS MAIS APRECIADAS POR MENINOS E MENINAS INDÍGENAS QUE CHEGAM ATÉ MESMO PARTICIPAR DE COMPETIÇÕES DENTRO E FORA DA SUA COMUNIDADE.

Adaptado de: São Paulo (Estado) Secretaria da Educação. Ler e escrever: guia de planejamento e orientações didáticas; professor alfabetizador - 1o ano / Secretaria da Educação, Fundação para o Desenvolvimento da Educação; coordenação, elaboração e revisão dos materiais, Sonia de Gouveia Jorge... [e outros]; concepção e elaboração, Claudia Rosenberg Aratangy... [e outros]. - 4. ed. rev. e atual. - São Paulo : FDE, 2014.





ATIVIDADE 3F

PRODUÇÃO DE NOVOS DESENHOS E LEGENDAS SOBRE OS POVOS INDÍGENAS

OBJETIVOS

- Retomar ideias e impressões sobre os povos indígenas.
- Ampliar as legendas, notas e desenhos realizados sobre a cultura indígena.

PLANEJAMENTO

- Organização do grupo: a classe será organizada em duplas, no primeiro momento e coletivamente para a análise final do mural.
- Materiais necessários: Coletânea de Atividades, papéis e materiais para desenho.
- Duração aproximada: 50 minutos.

ENCAMINHAMENTO

- Antes da aula, verifique as duplas que fizeram os desenhos sobre os povos indígenas na Atividade 1A, pois você deve manter a mesma dupla nesta atividade. No caso de não ser possível, faça os ajustes necessários incluindo todas as crianças da sala.
- No primeiro momento, proponha que os alunos, em duplas, consultem o mural onde foram afixados os cartazes com os desenhos feitos por eles, no início do projeto. Logo que a dupla reconhecer o seu desenho, peça que observem, pois irão produzir um novo desenho e legenda ampliando o que aprenderam sobre os povos indígenas.
- Entregue a atividade para a dupla e solicite que façam novo desenho e legenda sobre o que sabem referente aos povos indígenas que vivem no Paraná e no Brasil.
- Assim que as crianças terminarem o desenho e legenda, coloque no mural da escola, organizando ao lado do primeiro cartaz feito no início do projeto, na Atividade 1A.
- Depois que organizar o mural, com a turma, convide todos para observar os desenhos e legendas e questionando: O que mudou no seu desenho? Observe. Por que mudou?





- Deixe que as crianças falem livremente, observe e anote. Acolha as ideias e faça a mediação de modo que os alunos troquem informações a partir dos desenhos, que consultem materiais para esclarecer alguma ideia divergente entre o que foi exposto. Este é um momento para você comparar os saberes iniciais com os conhecimentos atuais do grupo. Registre.

ATIVIDADE DO ALUNO

NO INÍCIO DO PROJETO VOCÊS DESENHARAM O QUE SABIAM SOBRE POVOS INDÍGENAS, AGORA OBSERVEM TUDO O QUE APRENDERAM, CONSULTEM SEUS MATERIAIS DO PROJETO E FAÇAM UM NOVO DESENHO SOBRE OS POVOS INDÍGENAS. ESCREVAM UMA LEGENDA PARA SEU TRABALHO. DEPOIS, AJUDE SEU PROFESSOR A EXPOR OS TRABALHOS NO MURAL.



ETAPA 4

COMO AS CRIANÇAS INDÍGENAS APRENDEM E BRINCAM? ANÁLISE DE IMAGENS E ESTUDOS DE LEGENDAS

ATIVIDADE 4A

ESCRITA DE LISTA DOS BRINQUEDOS PREFERIDOS

OBJETIVOS

- Reconhecer as características do sistema de escrita alfabético.
- Escrever lista de nomes de brinquedos preferidos da turma.

PLANEJAMENTO

- Organização do grupo: inicialmente organizados em roda, sentados. na segunda parte as crianças podem ficar em duplas, conforme orientação contida na atividade 2C.
- Materiais necessários: Coletânea de Atividades.
- Duração Aproximada: 50 Minutos.

ENCAMINHAMENTO

- Retome o cartaz com as etapas previstas para o projeto e converse sobre o que já foi realizado e o que falta realizar.
- Relembre que todo esse estudo será compartilhado com as demais crianças, familiares e comunidade escolar na exposição final. Levante algumas das produções que já fizeram até o momento e que poderão ser mostradas na exposição. Nesse momento, você poderá perguntar às crianças: O que já fizemos que poderemos colocar na exposição? Vocês se lembram de alguns dos cartazes que elaboramos? E sobre os povos Kaingang, Guarani e Xetá o que podemos apresentar?
- Informe à turma que iniciarão a 4ª etapa do projeto e que continuarão a estudar sobre os povos indígenas e conhecer sobre o cotidiano das crianças, do que brincam, como e com o que brincam.





- Pergunte se lembram de algum material já utilizado que pode fornecer informações sobre os povos Guarani, Kaingang e Xetá etc, como local onde vivem e número da população. É possível que lembrem de algum mito que você tenha lido. Ajude as crianças a recuperarem a tabela utilizada na Atividade 2B.
- Mostre o quadro “População Indígena” e peça que localizem as informações como etnia e locais onde vivem.
- Em roda, converse sobre os brinquedos/brincadeiras preferidos das crianças. Você pode perguntar por exemplo: Quais os brinquedos de que vocês mais gostam? Quem gosta de jogar bola? E de boneca? De qual boneca gostam mais? E corda, alguém pula? E jogos eletrônicos, alguém tem? As crianças indígenas que aparecem nas fotos e as mencionadas nos textos fazem as mesmas brincadeiras que vocês?
- Organize as duplas, selecione alguns nomes dos brinquedos citados por eles e dite para que escrevam. Desta forma, você pode controlar o que estão escrevendo, de modo que selecionem algumas formas encontradas pelas crianças para escrever o nome da mesma brincadeira/brinquedo, para colocar na lousa e realizar uma discussão coletiva em que eles justificam o que o aluno que escreveu ou pensou.
- Após ditar algumas palavras, deixe que as crianças escrevam dois nomes de brinquedos/brincadeiras que queiram para completar a lista e atender à preferências da dupla.

Nesse momento, ou em outros momentos da rotina de leitura a professora poderá fazer a leitura do texto disponível no Anexo 5 que apresenta brincadeiras de povos indígenas.





ATIVIDADE DO ALUNO

CONVERSE COM SEUS COLEGAS E PROFESSOR:

QUE TIPO DE BRINQUEDOS VOCÊS TÊM? COMO BRINCAM? QUAIS BRINCADEIRAS PREFEREM?

ESCREVA O NOME DOS BRINQUEDOS QUE O PROFESSOR IRÁ DITAR.





ATIVIDADE 4B

BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS PREFERIDAS

OBJETIVOS

- Comparar brinquedos/brincadeiras utilizadas pelas crianças da turma com as utilizadas pelas crianças indígenas retratadas nesse material, observar imagens e ler textos.
- Escrever lista de brinquedos/brincadeiras a partir de imagens e legendas.
- Desenvolver as capacidades de localizar e comparar informações em textos, a partir de índices.

PLANEJAMENTO

- Organização do grupo: no primeiro momento, deve ser organizada uma roda para a leitura do texto sobre aprendizagem e brincadeiras indígenas de Daniel Munduruku.
- No segundo momento, dividir a sala em dois grupos: crianças com escrita alfabética e crianças com escrita não alfabética.
- Materiais necessários: listas com nomes de brinquedos/brincadeiras, Coletânea de Atividades, papel branco e lápis para anotações e para colorir.
- Duração aproximada: 20 minutos para a leitura e 50 minutos para o trabalho em dupla ou coletivo.

ENCAMINHAMENTO

- Leia o texto Jogos e Brincadeiras de Daniel Munduruku e converse sobre a forma de aprender e brincar na cultura indígena. Destaque que o povo munduruku é de uma cultura de outra região do Brasil. Relembre-as de que já leram sobre as brincadeiras de povos indígenas neste Projeto e que agora vão aprender mais para que no dia da exposição final estejam com muitas informações sobre a vida de diferentes crianças indígenas.
- Leia o texto Brincadeira Kaingang e, se possível, proponha que brinquem.





Brincadeiras praticadas pelas crianças Kaingang relatadas pelos professores indígenas da Terra Indígena Faxinal, município de Cândido de Abreu - PR:

Existe uma brincadeira que as crianças faziam e ainda fazem. Primeiro as crianças apostam uma corrida. Quem chegar primeiro no pé de árvore é macaco. Quem chegar por último é onça. A onça tem que pegar os macacos correndo atrás, subindo nas árvores. A criança que é pega desce da árvore e fica olhando a brincadeira. A brincadeira só acaba quando a onça pegar o último macaco. Na próxima brincadeira o primeiro macaco vira onça e começa tudo de novo.

Farias, 2009, p. 1 Apud FAUSTINO, Rosangela Celia. MOTA, Lucio Tadeu, Crianças indígenas: o papel dos jogos, das brincadeiras e da imitação na aprendizagem e no desenvolvimento. 2016

- Após a leitura e conversa, proceda à divisão da turma. Para as crianças com escrita alfabética, que deverão estar organizadas em duplas, a tarefa será descobrir o nome dos brinquedos/brincadeiras preferidas pelas crianças indígenas, a partir da leitura de algumas legendas e do texto: “Jogos e Brincadeiras”. Na sequência, deverão escrever uma lista com os nomes identificados para colocar no cartaz.
- Para as crianças com escrita não alfabética, que também deverão estar organizadas em duplas, o desafio será ler uma lista dos brinquedos/brincadeiras e selecionar aqueles preferidos pela turma. Nesse momento, o professor deverá ditar um a um os brinquedos/brincadeiras preferidas, para que as crianças destaquem com lápis de cor. Esse levantamento será feito a partir da análise das listas elaboradas na Atividade 4A, que deverão ser revisadas e digitadas pelo professor.
- Depois que as listas estiverem prontas proponha a elaboração de um cartaz comparativo entre os brinquedos/brincadeiras preferidos da turma e das crianças indígenas retratadas no material solicitando as duplas que digam um dos brinquedos selecionados, para que você escreva no cartaz. Nesse momento, ouça as observações das crianças, buscando evidenciar, na conversa, o que há de comum entre esses brinquedos e brincadeiras e o que é diferente. Explore essa comparação tanto no brinquedo: do que é feito, como na forma que é utilizado. Essa comparação irá ajudar as crianças a se identificarem com alguns aspectos das outras culturas, notando semelhanças e diferenças com a sua.
- Em outro dia, peça as crianças que desenhem alguns desses brinquedos/brincadeiras ou mesmo escolham imagens bem ilustrativas para incluir no cartaz, pois ele também comporá a exposição final.





SUGESTÕES

Como as listas, elaboradas na Atividade 4A, terão dois nomes de brinquedos diferentes em cada uma das duplas, você poderá utilizar estes e outros nomes selecionados por você para compor listas desafiantes para a atividade de leitura. Por exemplo, selecionar nomes de brinquedos/brincadeiras que comecem e terminem com a mesma letra, que tenham a mesma quantidade de letras etc.

O desafio será levar a criança a ler além das letras iniciais e finais, ou seja, ler a parte medial das palavras pois, como você já sabe, trata-se de uma atividade de “ler sem saber”.

No caso das crianças que já escrevem alfabeticamente, você pode oferecer outros materiais além dos que foram sugeridos, tanto no gênero textual legenda como em outros, verifique o grau de dificuldade que é mais desafiante para seu grupo.



ATIVIDADE DO ALUNO

JOGOS E BRINCADEIRAS

“HÁ MUITAS BRINCADEIRAS QUE AS CRIANÇAS INDÍGENAS FAZEM E PODEM ENSINAR ÀS CRIANÇAS NÃO INDÍGENAS. SÃO BRINCADEIRAS MUITO INTERESSANTES, POIS ESTÃO SEMPRE VOLTADAS PARA O APRENDIZADO COMUNITÁRIO. DIFICILMENTE ALGUÉM VERÁ UMA CRIANÇA INDÍGENA BRINCANDO SOZINHA. ELA ESTARÁ SEMPRE COM OUTRAS CRIANÇAS.

TODAS AS CRIANÇAS INDÍGENAS CONHECEM AS MESMAS BRINCADEIRAS E, QUANDO ALGUÉM INVENTA ALGUMA COISA NOVA, VAI LOGO CONTAR PARA AS OUTRAS, PARA COMPARTILHAR A NOVIDADE.

[...] DESDE CEDO, OS PEQUENOS ÍNDIOS APRENDEM A CONHECER A NATUREZA E, APROVEITANDO-SE DELA, FAZEM INSTRUMENTOS SIMPLES COM OS QUAIS BRINCAM. FAZEM ARCOS E FLECHAS, BICHOS DE PALHA, BONEQUINHAS DE BARRO OU DE SABUGO DE MILHO, CANOAS PEQUENINAS DE MADEIRA OU DE PALHA DE AÇAIZEIRO, PIÕES, PETECAS E DIVERSOS BRINQUEDOS FEITOS DE COCOS E PALHA DE PALMEIRA, TUCUM OU BABAÇU. FAZEM TAMBÉM BOLAS DE PALHA, PANELINHAS, BICHINHOS DE BARRO, TRANÇADOS DE PALHA. AS MENINAS GOSTAM DE BRINCAR DE ESCONDER E TODOS, TODOS MESMO, GOSTAM DE BRINCAR DE PEGA-PEGA EM UM RIOZINHO. É A MELHOR HORA DO DIA. É MUITO GOSTOSO! ”.

MUNDURUKU, DANIEL. COISAS DE ÍNDIO. EDITORA CALLIS: SÃO PAULO, 2000, P. 71 A 73.

BRINCADEIRA KAINGANG

EXISTE UMA BRINCADEIRA QUE AS CRIANÇAS FAZIAM E AINDA FAZEM. PRIMEIRO AS CRIANÇAS APOSTAM UMA CORRIDA. QUEM CHEGAR PRIMEIRO NO PÉ DE ÁRVORE É MACACO. QUEM CHEGAR POR ÚLTIMO É ONÇA. A ONÇA TEM QUE PEGAR OS MACACOS CORRENDO ATRÁS, SUBINDO NAS ÁRVORES. A CRIANÇA QUE É PEGA DESCE DA ÁRVORE E FICA OLHANDO A BRINCADEIRA. A BRINCADEIRA SÓ ACABA QUANDO A ONÇA PEGAR O ÚLTIMO MACACO. NA PRÓXIMA BRINCADEIRA O PRIMEIRO MACACO VIRA ONÇA E COMEÇA TUDO DE NOVO.

BRINCADEIRA DAS CRIANÇAS KAINGANG RELATADAS PELOS PROFESSORES INDÍGENAS DA TERRA INDÍGENA FAXINAL, MUNICÍPIO DE CÂNDIDO DE ABREU - PR.

FAUSTINO, Rosângela Célia. MOTA, Lucio Tadeu, **Crianças indígenas: o papel dos jogos, das brincadeiras e da imitação na aprendizagem e no desenvolvimento.** 2016.





CRIANÇA XETÁ MOLDANDO CERA DE ABELHA. SÃO JERÔNIMO - PR.
FOTO (28) DE: IRISMAR DOS SANTOS



MENINO GUARANI BRINCANDO. GUARAQUEÇABA - PR.
FOTO (29) DE: VALDIRENE CARDOSO COSTA



MENINOS GUARANI BRINCANDO DE BALANÇO. GUARAQUEÇABA - PR.
FOTO (30) DE: VALDIRENE CARDOSO COSTA



MENINO GUARANI BRINCANDO NO BALANÇO. GUARAQUEÇABA - PR.
FOTO (31) DE: VALDIRENE CARDOSO COSTA





MENINOS XOKLENG BRINCANDO NA ÁRVORE.
JOSÉ BOITEUX - SC.
FOTO (32) DE: NE-GATXA PATTE



CRIANÇAS XOKLENG BRINCANDO COM PATINETE.
JOSÉ BOITEUX - SC.
FOTO (33) DE: NE-GATXA PATTE



JOGO DE FUTEBOL NA ALDEIA. TAMARANA - PR.
FOTO (34) DE: ANTÔNIO MARCOS QUEIROZ DA SILVA





ATIVIDADE 4C

APRECIÇÃO DE MITOS DOS POVOS GUARANI E XETÁ

OBJETIVOS

- Apreciar a leitura de textos literários.
- Refletir sobre o papel do mito para a sociedade indígena.

PLANEJAMENTO

- Organização do grupo: sentados no chão, organizados em roda, ou nas carteiras em semicírculo.
- Material necessário: Coletânea de Atividades.
- Duração aproximada: 2 aulas de 50 minutos.

ENCAMINHAMENTO

- Esta é uma atividade de leitura, dos mitos “A Origem do Milho” e “A Origem do Povo Xetá”. A intenção é que as crianças apreciem os textos e conheçam um pouco da cultura dos povos Guarani e Xetá. Você poderá incluir esta atividade na rotina semanal de leitura, conforme sugestões apresentadas neste material.
- Relembre alguns mitos lidos para a turma. Comente brevemente sobre o mito “A Criação dos Animais” e questione: Para que servem os mitos? Quem lembra o que conversamos quando fizemos a leitura? O que descobrimos sobre o povo Kaingang a partir da leitura daquele mito?
- Informe que fará a leitura dos mitos do povo Guarani e do povo Xetá intitulados: “A Origem do Milho” e “A Origem do Povo Xetá”. Antes de iniciar a leitura, converse com as crianças e peça que, a partir dos títulos, levantem hipóteses sobre o que falarão os textos, de forma que possam antecipar alguns elementos das narrativas míticas. O professor poderá perguntar aos alunos: Será que são iguais? Será que tratarão do mesmo assunto? O que será que irão contar sobre esses povos?
- Pesquise e compartilhe algumas informações sobre o povo Guarani e sobre o povo Xetá, de maneira a aguçar a curiosidade das crianças para os textos que serão lidos.
- Após a leitura, converse com os alunos sobre os mitos, suas impressões e se as ideias iniciais se confirmaram ao longo da leitura e solicite a elaboração de um desenho para ilustrar a narrativa mítica que a criança mais se identificou.

O ANEXO 4 traz outro mito indígena que pode ser lido na rotina de leitura/escuta.





ATIVIDADE DO ALUNO

ACOMPANHE A LEITURA QUE SEU PROFESSOR FARÁ DE UM MITO MUITO IMPORTANTE PARA O POVO GUARANI:

A ORIGEM DO MILHO

NOSSOS ANCESTRAIS CONTAM QUE, CERTA VEZ, EM UMA ALDEIA NASCEU UM MENINO BEM BRANQUINHO, FILHO DE UM CASAL BEM MORENO. POR CAUSA DISSO, PARTE DA ALDEIA FICOU REVOLTADA E QUIS QUE MATASSEM O MENINO PORQUE ELE NÃO ERA PARECIDO COM OS DEMAIS GUARANI. OS SÁBIOS, NO ENTANTO, NÃO DEIXARAM QUE FIZESSEM ISSO. ELES ACREDITAVAM QUE ERA UM SINAL DE NHANDERU E QUE O MENINO ERA UM ENVIADO DE TUPÃ PARA REALIZAR UMA MISSÃO NO MEIO DO POVO GUARANI.

O MENINO CRESCEU. QUANDO JÁ ESTAVA MOÇO, TORNOU-SE UM GRANDE GUERREIRO E UM TXAMOI GUIADO E PODEROSO. TODA A ALDEIA VIU QUE NHANDERU ESTAVA COM ELE. INDEPENDENTE, ELE CAÇAVA, PESCAVA E ENSINAVA AS COISAS SAGRADAS PARA A ALDEIA.

UM DIA, ELE DESCEU PARA CAÇAR E NÃO ENCONTROU NADA. ENTÃO, VOLTOU MUITO TRISTE E COMEÇOU A PEDIR PARA NHANDERU QUE NÃO FALTASSE COMIDA PARA SEU POVO.

NHANDERU LHE RESPONDEU:

- É DA MINHA VONTADE QUE ALGUNS ALIMENTOS ESTÃO SE ACABANDO, MAS PARA QUE NÃO MORRAM DE FOME VOCÊ MORRERÁ E SERVIRÁ DE ALIMENTO PARA O POVO, ELES ENTENDERÃO QUE EU QUIS ASSIM, POIS VOCÊ NÃO FOI BEM RECEBIDO AQUI QUANDO NASCEU. FALE AO POVO QUE NA PRÓXIMA LUA, DEPOIS QUE VOCÊ MORRER ELES DEVEM ENTERRÁ-LO NO MEIO DA ALDEIA, PERTO DA CASA DE REZA. DO SEU CORPO NASCERÁ UMA PLANTA QUE SERVIRÁ DE ALIMENTO PARA TODOS. AS CRIANÇAS QUE NASCEREM DEPOIS DISSO TERÃO ALIMENTO POR TODA A VIDA.





O ÍNDIO BRANCO REUNIU TODO O SEU POVO E DISSE A ELES O QUE NHANDERU TINHA MANDADO. A ALDEIA NÃO ACEITOU, POIS TODOS GOSTAVAM MUITO DELE.

MAS ELE INSISTIU:

- OBEDEÇAM OU MORRERÃO DE FOME!

TRISTES E CONTRARIADOS, OBEDECERAM, CORTARAM CIPÓ E O AMARRARAM. APÓS SUA MORTE ENTERRARAM ELE PERTO DA CASA DE REZA E ESPERARAM.

PASSARAM-SE OS DIAS. NO LUGAR DA COVA VIRAM QUE O CHÃO ESTAVA RACHADO E TINHA SAÍDO UMA PLANTINHA.

O TEMPO FOI PASSANDO E A ESTRANHA PLANTA FLORESCEU. NO ALTO DELA SURGIRAM ALGUMAS ESPIGAS. QUANDO AS ESPIGAS SECARAM, O POVO DA ALDEIA AS COLHEU E AO DESCASCAR, VIRAM QUE AS SEMENTES ERAM BEM BRANQUINHAS, COMO A PELE DO GUARANI BRANCO.

LEVARAM AS SEMENTES PARA A CASA DE REZA PARA BATIZÁ-LAS E CHAMARAM AQUELAS SEMENTES DE AWATÍ, QUE SIGNIFICA: AWA (HOMEM) E TI (BRANCO).

POR ISSO, O MILHO É SAGRADO PARA OS GUARANI, QUE FAZEM DE TUDO COM ELE.

ELES NÃO DUVIDAM DE NHANDERU, MESMO QUANDO ELE PEDIR ALGO QUE POSSA PARECER ESTRANHO.

NARRATIVA DO POVO GUARANI - ADAPTAÇÃO DA HISTÓRIA CONTADA PELO PROFESSOR INDÍGENA CLAUDINEI RIBEIRO ALVES DA ÁREA INDÍGENA IVY PORÃ, EM 2012.

NARRADORES INDÍGENAS DO PINHALZINHO, LARANJINHA, IWIY PORÃ E SÃO JERÔNIMO. MITOS E HISTÓRIA DO POVO GUARANI. MAUÁ: PROGRAMA DE SALVAMENTO DA USINA HIDRELÉTRICA DE MAUÁ, VOL.05, 2013.





A ORIGEM DO POVO XETÁ

UMA MANHÃ OUVIU-SE O ESTRONDO DA ÁGUA QUE VINHA DERRUBANDO O MATO. A ÁGUA GRANDE TINHA SE UNIDO ÀS ÁGUAS PEQUENAS E VINHAM COBRINDO TUDO, COM MUITA VIOLÊNCIA. SENTIU-SE O VENTO FORTE PROVOCADO PELA MASSA DE ÁGUA QUE AVANÇAVA.

NA ALDEIA AFOGARAM-SE TODOS, MENOS UM CASAL, QUE TREPOU NUMA PALMEIRA (JERIVÁ) BEM ALTA. ESTA PALMEIRA DESENVOLVEU MAIS SUAS RAÍZES PARA PODER FIRMAR-SE MELHOR E NÃO SER ARRASTADA. O CASAL FICOU LÁ EM CIMA, ALIMENTANDO-SE DOS COQUINHOS. QUANDO SE ACABAVA UM CACHO, A PALMEIRA PRODUZIA OUTRO, PARA QUE ELES NÃO MORRESSEM DE FOME.

POR FIM, NÃO NASCEU MAIS COQUINHO E ELES FICARAM SEM TER O QUE COMER. AÍ PERGUNTARAM: O QUE É QUE NÓS VAMOS COMER? COMO NÃO TIVESSEM NADA PARA COMER, O HOMEM PÔS-SE A GRITAR. GRITOU, GRITOU, ATÉ QUE A SARACURA E OUTRAS AVES AQUÁTICAS OUVIRAM. ESTAS ENTÃO COMEÇARAM A TRAZER TERRA DO MATO E A FAZER UM ATERRO.

O JABURU, O TUIUIÚ, A SARACURA AS DEMAIS AVES AQUÁTICAS FORAM PONDENDO TERRA E MAIS TERRA, ATÉ QUE TROUXERAM O ATERRO ATÉ ONDE ESTAVA A PALMEIRA. AÍ O CASAL DESCEU.

O HOMEM FEZ ENTÃO ARCO E FLECHAS PARA CAÇAR ANIMAIS PARA COMEREM, MAS NÃO PUDEAM ASSAR A CARNE, POIS NÃO TINHAM FOGO. QUEM TINHA FOGO ERA O URUBU-DA-CABEÇA-VERMELHA. O HOMEM RESOLVEU ENTÃO ROUBAR O FOGO DO URUBU.

DEPOIS DO ROUBO DO FOGO, O HOMEM E A MULHER VOLTARAM PARA CASA E FORAM DORMIR. TIVERAM FILHOS E ESTES SE CASARAM ENTRE SI E TIVERAM MAIS FILHOS E ASSIM POR DIANTE, E ASSIM É QUE SE FORMOU A NOSSA GENTE.

ADAPTADO DE: RODRIGUES, ARYON DALL'IGNA. CADERNO DE CAMPO XETÁ. MARINGÁ: EDUEM, 2013.





ATIVIDADE 4D

DITADO DE LEGENDA PARA O PROFESSOR

OBJETIVOS

- Ditar para o professor uma legenda para a imagem que mostra uma brincadeira das crianças indígenas.
- Aprender procedimentos de escrita de legenda e revisão.
- Aprimorar a escrita de um texto coletivamente.

PLANEJAMENTO

- Organização do grupo: coletivamente.
- Materiais necessários: vídeo “Extras Waapa-Brincadeiras” que mostra brincadeiras do Povo Yudja e imagem para ser legendada que está presente na Coletânea de Atividades.
- Duração aproximada: 50 minutos.

ENCAMINHAMENTO

- Antes de exibir o vídeo o professor poderá ter mais informações sobre o contexto de sua produção no texto “Waapa: o brincar das crianças que vivem às margens do Xingu”, disponível na página Território do Brincar, disponível em: <https://territoriodobrincar.com.br/nossas-reportagens/waapa-o-brincar-das-criancas-que-vivem-as-margens-do-xingu/>. Acesso em 29/10/2019.
- Assistir, junto com as crianças, ao vídeo Extras Waapa-Brincadeiras disponível em: <https://youtu.be/SzlatKm3Mb0>. Acesso em 29/10/2019.
- Após a exibição do documentário converse sobre seu conteúdo, que atividades as crianças estão desenvolvendo, o que mais chamou a atenção.
- Informe que escreverão juntos, uma legenda em uma imagem que mostra crianças indígenas do Paraná e que numa próxima aula farão isso em trios. Lembre-se que essas legendas produzidas no trio serão utilizadas na exposição final.
- Faça um planejamento com as crianças considerando: o local de circulação e os possíveis leitores; o que escrever e como escrever considerando o gênero legenda e sua organização interna. Para isso, é fundamental que você anote na lousa alguns pontos como:





Onde ficará? No mural do corredor, algumas crianças poderão responder. Quem serão os leitores? Alunos e professores das demais salas e de outros períodos e familiares.

Que tipo de letra vamos utilizar? Tamanho? Papel em que ficará o texto?

Para que vamos fazer este texto? Compôr o mural da exposição final do projeto para que as pessoas conheçam os nossos brinquedos e brincadeiras e de outras crianças indígenas.

- Feito o planejamento do local de circulação, passe ao planejamento do conteúdo e solicite aos alunos que observem a imagem e comentem o que deve conter numa legenda. Para isso, é importante que consultem outras legendas do material. Recupere com a turma que numa legenda deve ter:
 - » explicação sobre a imagem que você escolheu; e
 - » local em que a cena acontece, com sigla do Estado.
- Apresente a imagem, explore os comentários das crianças e forneça as informações que não forem possíveis de serem observadas, por exemplo: brincadeira no rio com as crianças Kaingang, foto de Margareth Aparecida de Almeida, município de Tamarana.
- Questione os alunos sobre as características da imagem e peça-lhes para que ditem para você a legenda como se estivessem escrevendo.
- Depois dessas orientações, peça as crianças que ditem o texto para você escrever. Durante o processo releia o texto, retome partes, solicite que observem se ficou claro o que precisam informar etc. O ANEXO 2 traz orientações sobre a atividade de ditado para o professor.
- Faça a intervenção do ponto de vista da coerência (ausência de informação, falta de clareza na escrita, adequação das palavras utilizadas, pontuação...).
- Nessa atividade, o foco da revisão são os conteúdos discursivos e textuais (ligados às marcas do gênero, à clareza das informações contidas, à pontuação...).

SUGESTÃO

Lembre-se de que o momento da revisão textual não é uma situação de correção de texto e, sim, uma excelente oportunidade para as crianças aprenderem um importante procedimento de escrita que faz parte da ação de qualquer escritor, isso é revisar textos. Desta forma, é importante que você escolha um texto que não apresente muitos problemas, caso contrário, o foco fica no que falta e não no que pode ser melhorado considerando o contexto de produção definido na Atividade 4D.





ATIVIDADE DO ALUNO

OBSERVE A IMAGEM ABAIXO E, JUNTO COM O SEU PROFESSOR, ESCREVA UMA LEGENDA.



FOTO (35) DE: MARGARETH APARECIDA DE ALMEIDA





ATIVIDADE 4E

ESCRITA DE LEGENDAS EM GRUPOS

OBJETIVOS

- Escrever legenda de acordo com suas hipóteses de escrita.
- Utilizar procedimentos de escritor.

PLANEJAMENTO

- Organização do grupo: as crianças devem ser organizadas em trios.
- Materiais necessários: imagens dos povos indígenas para legendar presentes na Coletânea de Atividades, lápis e letras móveis, organizadas em ordem alfabética, informações sobre as imagens selecionadas.
- Duração aproximada: 50 minutos.

ENCAMINHAMENTO

- Planeje a organização de trios com base nas orientações anteriores, considerando os conhecimentos das crianças.
- Disponibilize as imagens dos povos indígenas, sugeridas ou outras, se desejar, para que as crianças escolham aquelas que querem legendar. Cuide para que haja uma imagem diferente para cada trio, é importante que o mural fique bem informativo e desperte o interesse do público leitor.
- Explique-lhes que devem trabalhar em trios, para tanto, disponibilize apenas uma folha e uma imagem.
- Ajude-as a planejar o texto com perguntas como: O que aparece na imagem? Se for preciso, caso as crianças não reconheçam, informe a que povo a imagem se refere.
- Você poderá disponibilizar outras imagens retiradas de livros e da internet. Neste último caso, cuide para que a imagem seja de povos do Brasil e que possua a identificação do nome do povo para você informar à criança, se necessário.
- Durante a produção oriente os alunos a se apoiarem nos referenciais de escrita para que escrevam da melhor forma possível.
- É possível que as crianças produzam legendas com ausência de informação ou sem especificar o povo indígena. Você poderá informar o nome do povo, mas não é o caso de fazer legenda idêntica à original. A referência é apenas para sua consulta no intuito de verificar a coerência da produção da criança e as informações sobre o povo.





ATIVIDADE DO ALUNO

EM TRIOS, ESCOLHAM UMA DAS IMAGENS E FAÇAM UMA LEGENDA PARA ELA. CAPRICHEM! VOCÊS PODEM UTILIZAR LETRAS MÓVEIS PARA ESCREVER.

DEPOIS REVISEM E PASSEM O TEXTO A LIMPO.



FOTO (36) DE: IONARA BLOTZ





Blank writing area with three horizontal dashed lines.

FOTO (37) DE: JEFERSON GABRIEL DOMINGUES



Blank writing area with three horizontal dashed lines.

FOTO (38) DE: IONARA BLOTZ





FOTO (39) DE: IONARA BLOTZ



FOTO (40) DE: ANA PAULA BETELLI





Three horizontal dashed lines for writing.

FOTO (41) DE: NE-GATXA PATTE



Three horizontal dashed lines for writing.

FOTO (42) DE: NE-GATXA PATTE



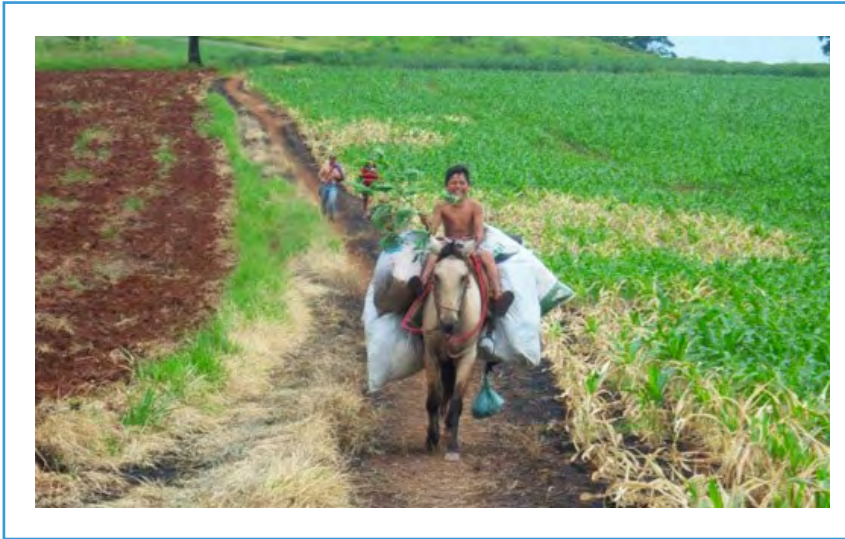


FOTO (43) DE: MARGARETH APARECIDA DE ALMEIDA

LEGENDAS ORIGINAIS

IMAGEM 1: MULHERES KAINGANG FAZENDO CESTOS
CÂNDIDO DE ABREU - PR

IMAGEM 2: CRIANÇAS GUARANI BRINCANDO DE ARCO E
FLECHA -TOMAZINA - PR

IMAGEM 3: EXPOSIÇÃO DE ARTESANATO GUARANI
ILHA DA COTINGA - PR





IMAGEM 4: APRESENTAÇÃO CULTURAL KAINGANG -
SANTA AMÉLIA - PR

IMAGEM 5: CRIANÇA KAINGANG COM ROUPA DE DANÇA
CÂNDIDO DE ABREU - PR

IMAGEM 6: MENINOS XOKLENG BRINCANDO DE
PEGA-PEGA - SC

IMAGEM 7: CRIANÇA XOKLENG BRINCANDO DE
CARRINHO - SC.

IMAGEM 8: CRIANÇA KAINGANG USANDO TRANSPORTE
A CAVALO. TAMARANA - PR.

- Ao final da atividade, o professor pode escolher duas ou três formas de grafar uma mesma palavra para discutir na lousa. Para tanto, siga as orientações sobre o trabalho com escrita coletiva (ANEXO 1) deste material.
- Após a produção dos grupos, recolha as legendas. Analise-as e transcreva, em seu caderno algumas, que forem representativas das dificuldades dos alunos, para a revisão na próxima aula.





ATIVIDADE 4F

REVISÃO DAS LEGENDAS PRODUZIDAS PARA COMPOR O MURAL

Caro professor, esta atividade não consta na Coletânea de Atividades do aluno, mas é fundamental na sequência do seu trabalho.

OBJETIVOS

- Aprimorar a escrita.
- Refletir sobre aspectos convencionais da escrita.
- Aprender procedimentos de escritor.

PLANEJAMENTO

- Organização do grupo: as crianças devem ser organizadas em trios.
- Materiais necessários: os textos produzidos na aula anterior devem ser disponibilizados.
- Duração aproximada: 50 minutos.

ENCAMINHAMENTO

- Prepare a intervenção analisando, antes da aula, os textos do ponto de vista da coerência (ausência de informação, falta de clareza na escrita, adequação das palavras utilizadas, pontuação...), escolha um aspecto para priorizar e sinalize nos textos das crianças, utilizando lápis.
- Nesta atividade o foco da revisão são os conteúdos discursivos e textuais (ligados às marcas do gênero, à clareza das informações contidas, à pontuação etc.), a escrita correta não está em discussão, neste momento, mas poderá vir à tona na hora da revisão.
- Escolha uma das legendas produzidas e proceda à revisão coletiva. Lembre-se que o critério de escolha não deverá ser o texto com maiores problemas e sim aquele que representa uma dificuldade da turma, podendo ao mesmo tempo servir como referência às demais crianças.
- Devolva as demais legendas elaboradas pelos grupos para que analisem e procedam às correções. O grupo que teve sua legenda corrigida na lousa deverá revisar a legenda de outro colega.





- Para potencializar a atenção das crianças ao aspecto selecionado por você, compare uma legenda feita por elas com outra do material. Faça algumas perguntas para que percebam o que falta na legenda. No caso do exemplo, na legenda da criança, faltam informações: o nome do povo, o lugar onde estão.

POR EXEMPLO:

LEGENDA - MODELO



MENINO KAINGANG EM ATIVIDADE FESTIVA. CÂNDIDO DE ABREU - PR.
FOTO (44) DE: RÔMULO ZIEGMANN HEIL

LEGENDA FEITA POR CRIANÇA



MENINA COM COLAR.
FOTO: ANA PAULA BETELLI

- Após a revisão, recolha as legendas e digite-as de modo que garanta a escrita convencional, visto que ela irá para o mural. As legendas escritas nas hipóteses das crianças poderão compor o portfólio da turma.





ETAPA 5

PLANEJAR, ORGANIZAR E PARTICIPAR DE UMA EXPOSIÇÃO

Até o momento os alunos já estudaram alguns aspectos da cultura indígena, aprenderam como se organizam as legendas, leram e escreveram. Agora chegou a hora de organizar a exposição para mostrar todo o trabalho realizado no projeto. Nessa etapa, a turma terá a oportunidade de visitar uma exposição, para saber como se organizar, preparar os materiais necessários para o painel sobre os povos indígenas, estudar para se preparar para o dia da exposição que terá como convidados familiares, colegas, comunidade escolar e professores e, ao final, avaliar a participação no projeto.

ATIVIDADE 5A

RODA DE CONVERSA: O QUE É UMA EXPOSIÇÃO

Caro professor, esta atividade não consta na Coletânea de Atividades do aluno, mas é fundamental na sequência do seu trabalho.

OBJETIVOS

- Familiarizar-se com a exposição a partir de uma visita.
- Falar no grupo, respeitando o outro.

PLANEJAMENTO

- Organização do grupo: coletivamente, sentados em roda no chão, ou na sala de informática (se houver).
- Duração aproximada: 50 minutos.

ENCAMINHAMENTO

- Perguntar para a turma se alguém já foi a alguma exposição. O que imaginam que tem? Como pode ser organizada?
- Deixar que o grupo faça os comentários e registrar. Explicar que farão uma exposição com todo o material pesquisado e trabalhado ao longo do projeto sobre povos indígenas, mas para isso, irão conhecer um pouco mais sobre a situação de expor trabalhos, assim como a importância das legendas nos diferentes objetos e imagens expostos.
- Fazer os combinados para a saída e, ou, visita virtual a uma exposição.





- Fazer uma lista coletiva relacionando o que deverão observar na exposição.

Para isso você poderá ajudá-los fazendo perguntas do tipo: Como os objetos estão dispostos? Onde ficam as legendas e como estão escritas? Como são os murais? Há enfeites? Quais tipos? O que está exposto?

ATIVIDADE 5B

VISITA A UMA EXPOSIÇÃO

Caro professor, esta atividade não consta na Coletânea de Atividades do aluno, mas é fundamental na sequência do seu trabalho.

OBJETIVO

- Conhecer uma exposição, observando o que e como está exposto.

PLANEJAMENTO

- Organização do grupo: as crianças serão organizadas em grupos.
- Materiais necessários: para o dia da visita disponibilize papel e lápis e uma prancheta para os grupos.
- Duração aproximada: três aulas de 50 minutos.

ENCAMINHAMENTO

- No dia da visita, proponha ao grupo que, em trios observem o espaço e registrem numa lista o que é exposto (objetos, quadros, fotografias, que tipo de informações são expostas; como é organizado (murais; em cima de mesas; nas paredes...); se há molduras nos cartazes e fotografias etc.
- Você poderá organizar subgrupos que ficarão responsáveis pelo tópico como:
 - » O que é exposto /tipos de informações?
 - » Como o espaço e o material são organizados?
 - » Quem organiza e o que essa pessoa precisa fazer e saber?
- Depois da visita faça uma roda de conversa com as crianças para socializar as observações dos grupos. Para essa conversa retome as anotações da Atividade 4A sobre os aspectos a serem observados e organize um registro que os ajude no planejamento e organização da exposição final de forma que contenha: o que e como expor.





SUGESTÕES

Antes desta atividade é fundamental que se agende um local em que o grupo possa visitar uma exposição: como centro cultural, museu, universidade. Se possível converse com o monitor responsável com antecedência, explique que o objetivo da visita não é apenas aprender sobre o conteúdo, mas também sobre a forma de se organizar uma exposição.

No caso de não haver nenhum museu ou centro de cultura na região, nem nas proximidades, a internet oferece vários sites com exposição virtual, algumas delas são:

ERA VIRTUAL. Visitas Virtuais Imersivas- Navegar é preciso! Era virtual, 2019. Disponível em: <http://eravirtual.org/>. Acesso em 21 de nov. 2019

PINACOTECA. Sobre a Pinacoteca. Pinacoteca, 2019. Disponível em: <http://pinacoteca.org.br/a-pina/7200-2/> Acesso em: 20 nov. 2019.

O SITE DO MUSEU DO ÍNDIO TRAZ VÁRIAS COLEÇÕES

MUSEU DO ÍNDIO. Acervo museológico. Museu do Índio, 2019. Disponível em: <http://tainacan.museudoindio.gov.br/>. Acesso em: 21 de nov. 2019

O Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná (MAE-UFPR) fica localizado no município de Paranaguá e seu acervo é composto por artefatos coletados em pesquisas arqueológicas e etnográficas, principalmente do Paraná. Atualmente possui quatro grandes coleções: Arqueologia, Cultura Popular, Etnologia e Documentação Sonora, Visual e Textual. <http://www.mae.ufpr.br/> . Acesso em 21 de nov. 2019.

O Museu Paranaense localizado na capital do Estado possui um acervo de 600 peças, entre objetos, artefatos indígenas, moedas, pedras, insetos, pássaros e borboletas. <http://www.museuparanaense.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=48C>. Acesso em 21 de nov. 2019.

ATIVIDADE 5C

ORGANIZAÇÃO DA EXPOSIÇÃO COM O MATERIAL PRODUZIDO

Caro professor, esta atividade não consta na Coletânea de Atividades do aluno, mas é fundamental na sequência do seu trabalho.





OBJETIVOS

- Decidir o que será exposto e quem ficará responsável por cada parte.
- Expor imagens legendadas e cartazes com informações sobre os povos indígenas.

PLANEJAMENTO

- Organização do grupo: as crianças serão organizadas em grupos.
- Materiais necessários: legendas, cartazes e desenhos dos brinquedos produzidos pelas crianças, além de textos informativos.
- Duração aproximada: duas aulas de 50 minutos.

ENCAMINHAMENTO

- Retome com a turma a ideia de produção final. Relembre o que observaram na visita à exposição e verifique com eles as condições do local em que irão expor as imagens para combinar os materiais necessários.
- Separe o material produzido (legendas produzidas, cartazes, desenhos dos brinquedos etc.), além dos textos informativos sobre o tema que considerar importante para a exposição como: a tabela com os povos indígenas, sua população, informações sobre arte indígena, sobre educação das crianças, alguns mitos que mais gostaram etc.
- Organize as imagens com as respectivas legendas. Neste dia, as crianças devem participar tanto do preparo quanto da organização da exposição.
- Durante a organização da legenda para o mural, retome com as crianças a análise sobre a adequação da letra, o tamanho, de acordo com o que combinaram sobre os leitores do mural, verifique ainda a disposição delas tanto em termos de altura quanto em relação à distribuição de imagens e textos no mural. Pense, coletivamente, num título para a exposição.
- Convide outras pessoas da escola para visitar o mural.

SUGESTÕES

Você pode combinar com o professor de Arte a organização da exposição. Uma sugestão é as crianças prepararem as molduras para os cartazes e murais com desenhos de observação sobre a Arte Indígena. Tanto nos livros, quanto nos sites indicados. No projeto há muitos exemplos de grafismos indígenas.





ATIVIDADE 5D

ENSAIO PARA A EXPOSIÇÃO

Caro professor, esta atividade não consta na Coletânea de Atividades do aluno, mas é fundamental na sequência do seu trabalho.

OBJETIVOS

- Familiarizar-se com o assunto que irá apresentar no dia da exposição.
- Preparar a apresentação que finalizará o projeto de modo que se exponha perante os colegas.
- Ouvir a opinião dos colegas sobre a melhor forma de explicar a legenda escolhida.

PLANEJAMENTO

- Organização do grupo: no coletivo, inicialmente sentados em roda, no local da exposição. No segundo momento, em duplas próximas ao material que irá expor.
- Duração aproximada: 50 minutos.

ENCAMINHAMENTO

- Converse com as crianças sobre o material exposto e as pessoas que visitarão a exposição. Deixe que observem as imagens e textos e leia para eles algumas informações de forma que escolham o que querem comentar.
- Explique-lhes que o ensaio será em dois ou três dias para que todos possam falar e ouvir as dicas dos colegas para melhorar a apresentação.
- Proceda ao ensaio, organizando a sala para acompanhar a apresentação e fazer sugestões aos expositores.





ATIVIDADE 5E

EXPOR ORALMENTE INFORMAÇÕES SOBRE OS ESTUDOS REALIZADOS

Caro professor, esta atividade não consta na Coletânea de Atividades do aluno, mas é fundamental na sequência do seu trabalho.

OBJETIVOS

- Participar de um evento organizado pelas próprias crianças assumindo os papéis de expositoras e de participantes.

PLANEJAMENTO

- Organização do grupo: as crianças deverão ser organizadas em duplas conforme o ensaio.
- Materiais necessários: toda a exposição organizada, papel e lápis, além de câmeras para registro.
- Duração aproximada: duas aulas de 50 minutos.

ENCAMINHAMENTO

- As crianças irão apresentar as informações a partir do que foi organizado no ensaio e garantir que exista uma interação com os visitantes. No caso de surgirem dúvidas é importante que possam responder de forma clara ao que lhes foi solicitado.





ATIVIDADE 5F

RODA DE CONVERSA SOBRE AS DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS OBSERVADAS ENTRE CULTURAS

Caro professor, esta atividade não consta na Coletânea de Atividades do aluno, mas é fundamental na sequência do seu trabalho.

OBJETIVOS

- Refletir sobre as semelhanças e diferenças entre os povos e o cotidiano das crianças não indígenas e indígenas e sobre as aprendizagens obtidas no desenvolvimento das atividades.

PLANEJAMENTO

- Organização do grupo: coletivamente em círculos sentados.
- Duração aproximada: 50 minutos.

ENCAMINHAMENTO

- Retomar informações sobre as diferenças e semelhanças entre os povos estudados e sobre as crianças indígenas e não indígenas com o grupo. Você pode dizer às crianças que como finalizaram o projeto, essa roda é para que conversem sobre as diferenças e semelhanças observadas entre as culturas indígenas e não indígenas e para que avaliem o projeto.
- Realize um registro desse momento.





AGRADECIMENTO

O Projeto Didático: Cultura dos Povos Indígenas: o Cotidiano das Crianças foi produzido pela equipe de Educação Escolar Indígena, tomando como base o material produzido pela Secretaria de Estado da Educação de São Paulo, com o objetivo de valorizar os povos indígenas que residem no Estado do Paraná.

Considerando essa produção de extrema importância para dar visibilidade aos povos Kaingang, Guarani e Xetá, primamos por representar as crianças, a arte, a cultura e os saberes indígenas desses povos, de maneira que os estudantes indígenas se sintam contemplados.

Esperamos que esse seja um recurso significativo para o processo de alfabetização dos estudantes que frequentam as 39 escolas estaduais indígenas do Paraná.

Como o material também será utilizado pelas escolas municipais, esperamos que as crianças não indígenas possam conhecer seus vizinhos e compreender a valiosa contribuição desses para a sociedade onde vivem.

Agradecimentos especiais a todos que contribuíram com textos, imagens e informações que atribuíram ao material características próprias dos povos Kaingang, Guarani e Xetá, que merecem nosso respeito.

Departamento de Diversidade e Direitos Humanos.





ANEXOS

ANEXO 1

ORIENTAÇÕES E SUGESTÕES PEDAGÓGICAS SOBRE O PROCESSO DE ESCRITA.

EXPLICAÇÃO E ORIENTAÇÃO SOBRE ESCRITA COLETIVA

Trata-se de uma situação de aprendizagem sobre o sistema de escrita com foco na interação do grupo-classe. Nela os alunos têm de fazer uso dos saberes que têm sobre o sistema de escrita, explicar o modo como pensaram e confrontar com a escrita dos colegas para tomar a melhor decisão em relação à forma de grafar a palavra solicitada.

Esta é uma proposta a ser realizada de forma permanente nas classes em que os alunos ainda não escrevem alfabeticamente. Pode ser utilizada tanto no interior de projetos, como é o caso do Projeto Brincadeiras, ou numa sequência didática; o importante é que a proposta esteja inserida em um contexto comunicativo.

OBJETIVOS

- Avançar em relação ao conhecimento sobre o sistema alfabético de escrita.

PLANEJAMENTO

- Organização do grupo: duplas e grupo-classe.
- Material necessário: conjunto de letras móveis.
- Duração aproximada: 50 minutos.

ENCAMINHAMENTO

- Planeje a organização das duplas antes de começar a atividade, considerando os conhecimentos dos alunos sobre o sistema de escrita.
- Alunos com escrita silábica com valor sonoro convencional com alunos com escrita pré-silábica.
- Alunos com escrita silábica com valor sonoro convencional com alunos com escrita silábica sem valor sonoro convencional.





- Alunos com escrita silábica com valor sonoro convencional com alunos com escrita silábico-alfabética.
- Os alunos com escrita alfabética devem ser agrupados e receber orientação para realizar outra atividade que permita discutir, por exemplo, a ortografia das palavras. Para isso selecione nomes de brincadeiras que apresentam questões ortográficas (passa anel, corre cutia, balança caixão...). Ofereça as letras necessárias para montar cada uma das palavras, em um saquinho, e oriente os alunos dizendo: vocês vão montar um nome de cada vez (informe os nomes das brincadeiras), discutindo a melhor forma de grafar a palavra, não pode, no entanto, sobrar letras no saquinho.
- Explique a atividade aos alunos: usando as letras móveis, deverão escrever o nome da brincadeira que será ensinada na aula seguinte (informe aos alunos qual é).
- Enquanto os alunos trabalham, circule pela classe observando as produções das duplas, identificando indícios que lhes permitam fazer intervenções.

Por exemplo, na escrita da brincadeira Morto Vivo:

EXEMPLO 1 - ESCRITA SILÁBICA SEM VALOR SONORO CONVENCIONAL



Solicite que a dupla leia o que escreveu e justifique suas escolhas. Você pode perguntar se a palavra Morto Vivo termina com A, ou se A é uma letra que dá para escrever o pedaço VO.





EXEMPLO 2- ESCRITA SILÁBICA SEM VALOR SONORO CONVENCIONAL



Solicite que a dupla leia o que escreveu justificando suas escolhas. Anote em papel à parte a leitura do aluno.

Observe que há valor sonoro convencional em três segmentos da pauta sonora. Apenas no pedaço “vo” há falha no uso do valor sonoro convencional. Pergunte se o B é uma letra que é possível para escrever VO.

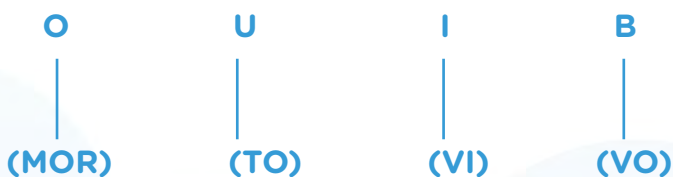
EXEMPLO 3



Solicite a leitura pelo aluno. Observe que esta escrita explicita que o aluno, em sua análise da pauta sonora, identifica mais de um elemento para os segmentos sonoros de MO e VI. Esses saberes do aluno permitem fazer a seguinte intervenção: O “o” que você colocou é uma letra possível para escrever VO. Que outra letra poderia ser usada para escrever VO?

É importante lembrar que o objetivo da intervenção é promover a reflexão sobre o sistema de escrita e não necessariamente chegar à escrita convencional.

- Coletivização da reflexão das duplas: quando todas as duplas finalizarem sua produção, selecione escritas que expressam os diferentes saberes dos alunos sobre a forma de grafar o que fora solicitado, transcreva o conjunto delas na lousa e proponha uma discussão coletiva.





O U I B
| | | |
(MOR) (TO) (VI) (VO)

OM TU I OV
| | | |
(MOR) (TO) (VI) (VO)

- Pergunte aos alunos qual a escrita que melhor representa MORTO VIVO, peça que justifiquem a resposta e façam as modificações necessárias, sem apagar a escrita anterior.

POR EXEMPLO:

No caso da escolha das duas primeiras escritas, retome as intervenções citadas acima (nas duplas) que podem ser utilizadas também nesse momento.

Caso a escolha seja a terceira escrita, solicite que a dupla que escreveu justifique sua escrita e incentive a classe a opinar a respeito. É possível que as crianças usem referências, como a lista de nomes da sala de aula para explicar. Por exemplo, o MO de MONICA, MORANGO OU MORCEGO. Incentive os alunos a fazer uso desse procedimento.

Usando todo o conjunto das escritas você também pode promover discussões chamando a atenção das crianças para alguns aspectos específicos: Observem como termina a 2ª e a 3ª escrita. Morto Vivo termina com O ou com V? Por que acham isso? Vejam agora como cada dupla acha que escreve “Mo”: Começa com M ou O? Por quê?

É IMPORTANTE RESSALTAR QUE

- o olhar atento do professor, buscando compreender as razões que levaram o aluno a fazer as diferentes escolhas ao escrever, permite ajustar as intervenções tornando-as potencialmente mais produtivas;





- o momento da coletivização das escritas e saberes dos alunos deve funcionar como um espaço de ampliação das reflexões iniciais ocorridas na dupla; e
- não é necessário se chegar à escrita convencional da palavra, pois as crianças aprendem no processo de discussão e não por meio da exposição ao produto convencional.

VARIAÇÕES DA ATIVIDADE

VARIAÇÃO 1 - COMPARAR A ESCRITA PRODUZIDA EM DUPLA, NOS QUARTETOS, ANTES DE IR PARA A LOUSA

Após a escrita do nome da brincadeira nas duplas, a professora solicita que duas duplas comparem suas escritas, cheguem a uma proposta do quarteto e depois transcreva na lousa para comparação e reflexão coletiva, conforme já foi exposto anteriormente.

VARIAÇÃO 2 - ESCRITA E ANÁLISE COLETIVA

Outra possibilidade é desenvolver a atividade, desde o início, coletivamente. O professor solicita a um aluno com hipótese de escrita menos avançada, que escreva na lousa o nome da brincadeira indicada e justifique para o grupo sua forma de escrever.

Neste caso, também é imprescindível o planejamento, antecipado, da ordem em que os alunos serão chamados à lousa: sempre do que está mais distante para o que está mais próximo da escrita convencional. Lembrando que não é necessário que a última escrita seja uma escrita alfabética.

Durante a discussão coletiva, peça à outra criança, com saber próximo ao da anterior, que analise a escrita do colega e faça alterações escrevendo embaixo (sem apagar o registro das escritas anteriormente feitas na lousa), justificando suas modificações.

E assim sucessivamente até que todos considerem a escrita satisfatória para aquele momento. Por exemplo, para a escrita da brincadeira PASSA ANEL:

A 1ª criança escreve

A	B	A	E	O
(PAS)	(SA)	(A)	(NE)	(L)





A 2ª criança escreve

P	AS	Ã	E	U
(PAS)	(SA)	(A)	(NE)	(L)

A 3ª criança escreve

A P	AS	A	NE	O
(PAS)	(SA)	(A)	(NE)	(L)

A 4ª criança escreve

PA	SA	Ã	NE	U
(PAS)	(SA)	(A)	(NE)	(L)

ANEXO 2

SITUAÇÕES DE DITADO PARA O PROFESSOR - PRODUZIR TEXTOS ANTES DE SABER ESCREVER

Para aprender a escrever, não basta compreender o sistema de escrita alfabética. Escrever envolve dominar o processo de produção de um texto, o que implica conhecer as diferentes possibilidades da linguagem, dependendo daquilo que se tem a intenção de comunicar e para quem. Envolve também dominar algumas práticas comuns aos escritores, tais como planejar o que vai escrever, escrever interrompendo sua escrita para reler o que já foi produzido até aquele momento, revisar seus escritos para aprimorá-los, consultar outros textos para ampliar suas ideias a respeito do que se quer comunicar.

Caso as atividades propostas aos alunos no início de sua escolaridade fiquem restritas àquelas que favorecem a reflexão sobre o sistema de escrita, transmite-se uma ideia empobrecida do que seja o processo de escrita, como se a única habilidade necessária fosse a correspondência entre sons e letras.

Mas, se desde o início os alunos forem colocados ante situações em que tenham de produzir textos complexos, que considerem propósitos comunicativos variados e que se dirijam a leitores reais, torna-se possível tanto que aprendam o que significa escrever, quanto desenvolvam, enquanto enfrentam os problemas próprios aos escritores, as habilidades necessárias para lidar com textos.





Quando ainda não dominam o funcionamento do sistema de escrita alfabética, os alunos podem produzir textos se contarem com o professor como escriba daquilo que ditam. Tal produção costuma ser coletiva, ou seja, o grupo de alunos todo é autor do texto, o que significa que todos contribuem para decidir o que será escrito e como, num processo de discussão e troca de experiências em que cada um tem a oportunidade de aprender com as sugestões dos colegas.

O professor, nesse caso, limita-se a escrever o texto que foi considerado mais adequado pelas crianças, sem organizá-lo ou traduzi-lo para suas próprias palavras. Além disso, ele coordena a produção, propondo momentos em que o que já foi escrito seja relido, sugerindo que o texto seja revisado para acrescentar dados que foram esquecidos numa primeira escrita, para esclarecer pontos que ficaram confusos, acrescentar elementos de coesão a fim de evitar repetições no texto, para rever trechos que apresentem problemas, convidando o grupo a refletir sobre formas que permitam superá-los.

ANEXO 3

Existem muitas palavras, como nomes de coisas, lugares, animais, alimentos que têm origem nas línguas da família Tupi-Guarani. Algumas cidades do estado do Paraná receberam nomes que têm origem na língua Kaingang da família linguística Jê. Veja abaixo palavras de línguas indígenas que deram origem aos nomes das cidades paranenses.

PALAVRAS ORIGINÁRIAS DO TRONCO LINGUÍSTICO TUPI	
FAMÍLIA LINGUÍSTICA TUPI-GUARANI	
LÍNGUA GUARANI	
PARANÁ	Do Guarani: Rio grande igual ao mar.
ABATIÁ	De origem Guarani: Espiga de arroz.
AMAPORÃ	De origem Guarani: Chuva bonita.
CARAMBEÍ	Origina-se do Guarani: Rio das tartarugas.
IVAÍ	De origem Guarani: Rio da flor ou da fruta bonita.
IBAITI	De origem Guarani: Rio com bastante fruta.
IVATUBA	De origem Guarani: Grande pomar de frutas, terra de muita fruta.





GUAÍRA	De origem Guarani: Do qual não se pode ir além, salto, intransitável.
GUAIRACÁ	De origem Guarani: A lontra.
GUARANIAÇU	De origem Guarani: Grande lutador, grande guerreiro.
CURITIBA	De origem Guarani : Muitos pinheiros.
JAGUARIAÍVA	De origem Guarani: Rio do cachorro ruim ou louco.
JUNDIAÍ DO SUL	De origem Guarani: Rio dos bagres.
PARANAGUÁ	Do Guarani: Grande mar redondo.
PORECATU	De origem Guarani: Salto bonito.

PALAVRA ORIGINÁRIA DO TRONCO LINGUÍSTICO TUPI

FAMÍLIA LINGUÍSTICA TUPI-GUARANI

LÍNGUA XETÁ

UMUARAMA	De origem Xetá: lugar ensolarado.
----------	-----------------------------------

PALAVRAS ORIGINÁRIAS DO TRONCO LINGUÍSTICO MACRO-JÊ

FAMÍLIA JÊ

LÍNGUA KAINGANG

GOIOERÊ	De origem Kaingang: Rio do campo.
GOIOXIM	Origina-se do Kaingang: Rio pequeno, arroio.
MAMBORÊ	De origem Kaingang: Muito longe.
VERÊ	De origem Kaingang: Sempre eterno, constante.
APUCARANA	De origem Kaingang: Floresta imensa.
CANDÓI	De origem Kaingang: Eu tenho a arma.

FERREIRA, João Carlos Vicente - Municípios paranaenses: origens e significados de seus nomes; coordenador Renato Augusto Carneiro Junior; equipe de pesquisa Cíntia Maria Sant'Ana Braga Carneiro, José Luiz de Carvalho, Myriam Sbravati. - Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 2006.





A seguir observe palavras de origem Tupinambá que foram incorporadas na Língua Portuguesa falada no Brasil.

Palavras em Tupinambá usadas para nomear animais e plantas	
Aves	jacu, urubu, seriema
Insetos	saúva, pium
Peixes	baiacu, traíra, piaba, parati, lambari, piranha
Répteis	jararaca, sucuri, jabuti, jacaré, jiboia

Quando chegaram na costa litorânea do território onde hoje é o Brasil, os portugueses travaram contato com indígenas, em sua maioria, falantes do Tupi-Guarani. Um dos grupos dentro da família Tupi-Guarani que tiveram mais contato com os europeus foram os Tupinambás. Muitas palavras de origem Tupi que foram incorporadas ao vocabulário dos portugueses do Brasil são de origem Tupinambá. O Tupinambá fazia parte da família linguística Tupi-Guarani, assim como as línguas faladas pelos índios Guarani e Xetá do Estado do Paraná.





QUADRO DE SIGNIFICADOS

PALAVRA EM PORTUGUÊS	SIGNIFICADO EM PORTUGUÊS	PALAVRA EM TUPINAMBÁ	SIGNIFICADO EM TUPINAMBÁ
PIXAIM	CABELO CRESPO	AIXA'IM	CRESPO, ENRUGADO
SOCAR	BATER, PILAR	SÓK	PILAR, BATER COM A PONTA
CUTUCAR	TOCAR EM OUTRA PESSOA PARA CHAMAR-LHE A ATENÇÃO	PIPÓKA	PELE ESTOURADA
CAATINGA	REGIÃO ÁRIDA NO NORDESTE BRASILEIRO	KA'ÁTINGA	MATO BRANCO
CAPIM	MATO	CAPÍÍ	ERVA
TOCAIA	VIGIA, ESPREITA	TOKÁIA	CABANA EM QUE O CAÇADOR ESPREITA A CAÇA

ORIGINAL: MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA





ANEXO 4

MANDIOCA - O PÃO INDÍGENA

Mara era uma jovem índia, filha de um cacique, que sonhava com o amor e um casamento feliz. Em noites quentes, enquanto todos dormiam, deitava-se na rede ao relento e ficava a contemplar a Lua, alimentando seu desejo de tornar-se esposa e mãe. Porém, não havia na tribo jovem algum a quem daria seu coração.

Certa noite, Mara adormeceu na rede e teve um sonho estranho: um jovem loiro e belo descia da Lua e dizia que a amava. O sonho repetiu-se muitas vezes e ela acabou por se apaixonar. Entretanto, não contou a ninguém. O jovem, depois de haver conquistado seu coração, desapareceu de seus sonhos como por encanto, deixando-a mergulhada em profunda tristeza.

Passado algum tempo, a filha do cacique, embora virgem, percebeu que esperava um filho. Contou então a seus pais o que sucedera; a mãe deu-lhe seu apoio, mas o severo pai, não acreditando no que ouvira, passou a desprezá-la.

Para a surpresa de todos, Mara deu à luz uma linda menina, de pele muito alva e cabelos tão loiros quanto a luz do luar. Deram-lhe o nome de Mandi e na tribo era adorada como uma divindade.

Pouco tempo depois, a menina adoeceu e acabou falecendo, deixando a todos amargurados. Somente seu avô, que nunca aceitara a netinha, manteve-se indiferente. Mara sepultou a filha em sua oca, por não querer separar-se dela.

Desconsolada, chorava todos os dias de joelhos diante do local, deixando cair leite de seus seios na sepultura. Talvez assim a filhinha voltasse à vida, pensava. Até que um dia surgiu uma fenda na terra de onde brotou um arbusto. A mãe surpreendeu-se; talvez o corpo da filha desejasse dali sair. Resolveu então remover a terra, encontrando apenas raízes muito brancas, como Mandi, que ao serem raspadas exalavam um aroma agradável.

Naquela mesma noite, o jovem loiro apareceu em sonho ao cacique, revelando a razão do nascimento de Mandi. Sua filha não mentira. A criança havia vindo à Terra para ter seu corpo transformado no principal alimento indígena. O jovem ensinou-lhe como preparar e cultivar o vegetal.

No dia seguinte, o cacique reuniu toda a tribo e, abraçando a filha, contou a todos o que acontecera. O novo alimento recebeu o nome de Mandioca, pois Mandi fora sepultada na oca.

Lendas e Mitos dos Índios Brasileiros, Walde-Mar de Andrade e Silva, FTD.



ANEXO 5

JOGO DE PETECA ENTRE OS XAVANTE

Xavante é um povo indígena que habita a região Centro-Oeste, mais precisamente o Estado do Mato Grosso. Entre os Xavante existe o jogo de peteca - tobda´é - na Língua Xavante. O nome Xavante foi atribuído pelos não-indígenas, sendo que o nome étnico aceito por eles é A'uwe. A brincadeira da peteca é realizada com a intenção de se comemorar uma boa colheita de milho e, segundo a mitologia local, é um jogo ensinado pelos ancestrais.

A peteca ou tobda´é é feita com palha de milho e, para confeccioná-la, usa-se uma folha seca comprida, geralmente lisa. Quem prepara a peteca para o jogo, geralmente, é o patriarca da família, manobrando a folha do milho. São saberes passados de geração em geração. As crianças costumam chamar seus vizinhos para a brincadeira, pois ela é considerada uma forma de interação interfamiliar. Segundo a tradição Xavante, as crianças que estão doentes não podem jogar peteca. O jogo é realizado no pátio central da aldeia. A peteca era o jogo mais popular entre os Xavante, entretanto, a influência dos costumes não-indígenas, o futebol e o voleibol passaram a ser os esportes mais populares. O jogo de peteca é praticado com as mãos. Meninos e meninas brincam em grupos separados, conforme prescreve as tradições xavantes. Inclusive o jogo é mais popular entre os meninos.

Adaptado de: DZAYWA, Daniel. Maratedewa. Tobda´é: jogo de peteca. Articulando e Construindo Saberes, v. 2, n. 1, 2017.





ARRANCA MANDIOCA

Esta brincadeira ainda vive firme e forte em algumas comunidades indígenas, mas é desconhecida entre crianças e adultos não indígenas. Vive forte mesmo, afinal, para brincar é preciso um bocado de força.

Nos estados do Espírito Santo e de São Paulo, crianças guarani a conhecem pelo nome de “arranca mandioca”, porque lembra a maneira como a mandioca é colhida, atividade bastante conhecida pelas crianças indígenas.

Quando resolvem brincar, reúnem-se perto de uma árvore e fazem fila, todos agachados, com as mãos nos ombros da criança da frente. Caminham dessa forma até a árvore e sentam-se no chão. A primeira da fila se agarra na árvore e as de trás seguram umas nas outras pelos braços e pernas. Uma criança (precisa ser alguém forte) é encarregada de “arrancar” as mandiocas – que são as próprias crianças.

O primeiro da fila, aquele que está agarrado à árvore, é o “dono da roça de mandiocas”, é ele quem dá permissão para que sejam retiradas uma a uma as “crianças-mandiocas” da fila. Assim, começa o trabalho de soltar cada criança com toda a força.

Entre os guarani, vale usar de várias estratégias para conseguir soltar as crianças, como, por exemplo, fazer cócegas, puxar pelas pernas, pedir ajuda para quem já saiu da fila.

Entre os xavante, fazer cócegas é impensável. No cerrado, região onde vivem, meninos e meninas conhecem essa brincadeira com o nome de “tatu”. Isso porque é muito difícil pegar o tatu quando ele se esconde na sua toca, não há quem o tire com as mãos. Pode puxá-lo pelo rabo, mas ele prende suas unhas na terra e não sai de lá por nada.

A força é uma característica muito valorizada entre os xavante, ao lado da valentia e da coragem. Mesmo que seja em brincadeiras, ela é importante entre as crianças. Na brincadeira do tatu, por exemplo, as crianças só se soltam umas das outras quando a pessoa que está “caçando” usa sua própria força.

Essa brincadeira é sucesso garantido nas mais diversas situações e proporciona risadas o tempo todo.

MEIRELLES, Renata – GIRAMUNDO e outros brinquedos e brincadeiras dos meninos do Brasil – Ed.Terceiro Nome – 2007 – São Paulo.



REFERÊNCIAS

ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO/FUNAI. **Artesanato promove manutenção da cultura Kaingang no Sul do país.** Fundação Nacional do Índio, 2018 Disponível em: <http://www.funai.gov.br/index.php/comunicacao/noticias/5043-artesanato-promove-manutencao-da-cultura-kaingang-no-sul-do-pais>. Acesso em: 20 nov.2019.

BERNAL, Mac Donald Fernandes. **A árvore da vida reflexões sobre o artesanato de referência cultural do território trinacional do Iguçu.** 2015. Dissertação (Mestrado em Sociedade, Cultura e Fronteiras) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Foz do Iguçu, 2015. Disponível em: <http://tede.unioeste.br/handle/tede/2560>. Acesso em: 20 nov. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil.** Brasília: MEC/SEF, 1998. 3v.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: Rotinas de alfabetização na perspectiva do letramento: a organização do processo de ensino e de aprendizagem.** Ano 2: Unidade 2/ Ministério da Educação- Brasília: MEC, SEB, 2012.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: A aprendizagem do sistema de escrita alfabética: Ano 3: Unidade 3/ Ministério da Educação- Brasília: MEC, SEB, 2012.**

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC).** Brasília: MEC. 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_20dez_site.pdf. Acesso 20 maio 2018.

BRÄKLING, K. L. **Leitura do mundo, leitura da palavra, leitura proficiente: Qual é a coisa que esse nome chama.** Revista Aprender Juntos, São Paulo: Edições SM, 2008.

BRÄKLING, K. L. Modalidades organizativas e modalidades didáticas no ensino de Linguagem verbal. *In: A leitura da palavra: aprofundamento, compreensões para aprimorar as ações. Concepções e práticas educativas.* São Paulo: SEEDSP/CEFAI, 2012.

CASTEDO, M. L. **Situações de leitura na alfabetização inicial: a continuidade na diversidade.** *In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DA FACULDADE DE FILOSOFIA E LETRAS DE UBA, MG, 1996.*

CASTEDO, M. L. ¿Dóndedice, quédice, cómodice...? *In: CASTEDO, M. M.;MOLINARI, C.; SIRO, A. Enseñar y aprender a leer.* Buenos Aires: Novedades Educativas. 1999.

CASTEDO, M.; L. MOLINARI, C. **Ler e escrever por projetos.** Revista Projeto, v. 3, n. 4, jan./2jul. 2000.





CHAVES, M. Educação Integral e Intervenções Pedagógicas: contribuições e proposições da Teoria Histórico-Cultural. **TEORIA E PRÁTICA DA EDUCAÇÃO**. v. 15, n. 1, jan./abr. p. 121-134.

CHAVES, M. Intervenções pedagógicas e promoção da aprendizagem da criança: contribuições da Psicologia Histórico-Cultural. In: FAUSTINO, R. C; CHAVES, M.; BARROCO, S. M. S.. (Org.). **Intervenções Pedagógicas na Educação Escolar Indígena**: contribuições da Teoria Histórico-Cultural. 2ed. Maringá: Eduem, 2010, p. 71-85.

CRIPPA, Adolpho. **Mito e cultura**. São Paulo. Editora Convívio, 1975.

D'ANGELIS, Wilmar R. VEIGA, Juracilda. **Habitação e Acampamentos Kaingang hoje e no passado**. Portal Kaingang, 2019. Disponível em: http://www.portalkaingang.org/habitacao_e_acampamentos.pdf. Acesso em: 20 nov. 2019.

ERA VIRTUAL. **Visitas Virtuais Imersivas- Navegar é preciso!** Era virtual, 2019. Disponível em: <http://eravirtual.org/>. Acesso em: 21 de nov. 2019

FAUSTINO, Rosangela Celia. MOTA, Lucio Tadeu, **Crianças indígenas: o papel dos jogos, das brincadeiras e da imitação na aprendizagem e no desenvolvimento**. Maringá: Programa de Pós-graduação em Educação do Departamento de Pedagogia e Departamento de História, Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, Universidade Estadual de Maringá-Paraná, 2016. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/educacao_indigena/criancas_indigenas_jogos_brincadeiras_aprendizagem.pdf. Acesso em: 20 nov. 2019.

FERREIRO, E. e TEBEROSKY. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

FERREIRA, João Carlos Vicente. **Municípios paranaenses**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 2006.

FRIEDMANN, A. **Jogos tradicionais**. Disponível em: http://www.crmarioco-vas.sp.gov.br/pdf/ideias_07_p054-061_c.pdf. Acesso em: 03 out. 2013

GALVÃO, A.; LEAL, T. L. Há lugar ainda para métodos de alfabetização? Conversa com professores (as). In: LEAL, T. F.; BRANDÃO, A. C. P. (org.). **Produção de textos na escola**: reflexões e práticas no ensino fundamental. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

GERALDI, J.W. **Linguagem e ensino**: exercício de militância e divulgação. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1996.

GRUPIONI, L. D. B. **Formação de professores indígenas**: repensando trajetórias. Brasília: Fevereiro de 2006.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. **Kaingang**. Povos Indígenas no Brasil, 2019. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Kaingang>. Acesso em: 20 nov. 2019.





INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. **Línguas.** Povos Indígenas no Brasil, 2019. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/L%C3%ADnguas>. Acesso em: 20 nov. 2019.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. **O que é ser índio?** Povos indígenas mirim. Disponível em: <https://mirim.org/o-que-e-ser-indio>. Acesso em: 27 out. 2019.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. **O que é ser índio?** Povos Indígenas no Brasil, 2019. Disponível em: <https://mirim.org/o-que-e-ser-indio>. Acesso em: 20 nov. 2019.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. **Quem são.** Povos Indígenas no Brasil, 2019. Disponível em: <https://mirim.org/o-que-e-ser-indio>. Acesso em: 27 out. 2019.

JAHN, Lívia Petry. **O canto e a voz Guarani:** a divindade da palavra oral. Boitatá, Londrina, n. 12, p. 138-150, jul-dez 2011.

JEKUPÉ, O. & MUNDURUKU, D. (coord.) **Verá - o contador de histórias.** Ilustrações de crianças guarani. Editora Petrópolis, 2003.

LEAL, T. F.; MELO, K. L. R. Produção de textos: introdução ao tema. In: LEAL, T. F.; BRANDÃO, A. C. P. (org.). **Produção de textos na escola:** reflexões e práticas no ensino fundamental. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola. O real, o possível e o necessário.** Porto Alegre. Artmed. 2002.

LONDRINA. Secretaria Municipal de Educação de Londrina, **Proposta Pedagógica.** Londrina, fevereiro, 2017.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria de Educação Fundamental. Programa de Formação de Professores Alfabetizadores. Guia do Formador. Módulo II. **Aprender a linguagem que se escreve.** Janeiro 2001. p. 59.

MIRANDA, Fernanda. Waapa: **O Brincar das Crianças que Vivem às Margens do Xingu.** TERRITÓRIO DO BRINCAR, 2017. DISPONÍVEL EM: <https://territoriodobrincar.com.br/nossas-reportagens/waapa-o-brincar-das-criancas-que-vivem-as-margens-do-xingu/>. Acesso em: 20 nov. 2019.

MIRIM, A. Werá. **A história da vida guarani.** Unimarco. São Paulo, 2006.

MORAIS, J. **A arte de ler.** São Paulo: UNESP, 1996.

MORAIS, Arthur Gomes. **Consciência Fonológica na Educação Infantil e no Ciclo de Alfabetização.** 1ª ed. Belo Horizonte. Autêntica Editora, 2019.

MUNDURUKU, D. **Coisas de Índio.** São Paulo: Editora Callis, 2000.

MUNDURUKU, D. **As serpentes que roubaram a noite e outros mitos.** São Paulo, 2001.

MUNDURUKU, D. **Histórias de índio.** Ilustrações Laurabeatriz. Editora Cia. das Letrinhas. São Paulo, 2002.





MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA/UFPR. **Museu.** Museu de Arqueologia e Etnologia/UFPR, s/d. Disponível em: <http://www.mae.ufpr.br>. Acesso em: 20 nov. 2019.

MUSEU DO ÍNDIO. **Acervo museológico.** Museu do Índio, 2019. Disponível em: <http://tainacan.museudoindio.gov.br/>. Acesso em: 21 de nov. 2019.

MUSEU PARANAENSE. **Apresentação.** Museu paranaense, s/d. Disponível em: <http://www.museuparanaense.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=48C>. Acesso em: 20 nov.2019.

NARRADORES INDÍGENAS DO PINHALZINHO, LARANJINHA, IWY PORÃ E SÃO JERÔNIMO. **Mitos e História do Povo Guarani.** Mauá: Programa de Salvamento da Usina Hidrelétrica de Mauá, v. 05, 2013.

NASCIMENTO, A. M. A infância na escola e na vida: uma relação fundamental. *In:* BEAUCHAMP, Jeanete *et al* (org.). **Ensino fundamental de nove anos:** orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. Brasília: MEC/SEB, 2007.

NIMUENDAJU, Curt. **Mitos indígenas inéditos na obra de Curt Nimuendaju.** Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. n. 21, p. 01-49, 1986. Disponível em: http://portal.ipham.gov.br/uploads/publicação/revpat21_m.pdf. Acesso em: 06 mar. 2018.

OPY (casa de reza): formação do mbyareko. História e cultura Guarani. s/d. Disponível em: <http://historiaeculturaguarani.org/territorialidade/o-que-e-necessario-para-existir-uma-tekoa/opy-casa-de-reza-formacao-do-mbyareko/> Acesso em: 21 nov. 2019.

PHILLIPS, David J. Xetá. **Indígenas do Brasil,** s/d. Disponível em: <https://brasil.antropos.org.uk/ethnic-profiles/profiles-x/278-318-xeta.html>. Acesso em: 20 nov.2019.

PINACOTECA. Sobre a Pinacoteca. **Pinacoteca,** 2019. Disponível em: <http://pinacoteca.org.br/a-pina/7200-2/>. Acesso em: 20 nov. 2019.

PREZIA, Benedito. **Brasil indígena:** 500 anos de resistência. Editora FTD. São Paulo. 2000.

PREZIA, Benedito. **Os indígenas do Planalto Paulista.** Humanitas/FFLCH USP. São Paulo. 2000.

PREZIA, Benedito. **Terra à Vista:** descobrimento ou invasão? São Paulo, 2ª edição. Editora Moderna, 2002.





PARANÁ. **Referencial Curricular do Paraná (RCP)**. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/bncc/2018/referencial_curricular_parana_cee.pdf. Acesso em: 06/11/2019.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. **Caderno de campo Xetá**. Maringá: EDUEM, 2013.

SÃO PAULO, (Estado) Secretaria da Educação. **Ler e escrever**: guia de planejamento e orientações didáticas; professor alfabetizador- 1º ano / Secretaria da Educação, Fundação para o desenvolvimento da Educação; coordenação, elaboração e revisão soa materiaia, Sonia de Gouveia Jorge... [e outros]; concepção e elaboração, Claudia Rosenberg Aratangy... [e outros]. - 4. Ed.rev.e atual. São Paulo: FDE, 2014.

SILVA , Aracy & outros (orgs.) **Crianças indígenas**: ensaios antropológicos. Editora Global. São Paulo, 2002.

SOARES, M. **Letrar é mais que alfabetizar**. Entrevista de Eliane Bardanachvili. Jornal do Brasil, 26 nov. 2000.

SOARES, M. **Alfabetização**: a ressignificação do conceito. Alfabetização e Cidadania, n. 6, p. 9-17, jul. 2003.

SOARES, M. **Letramento e alfabetização**: as muitas facetas. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 26., 2004. Anais. [S.l.]: ANPED, 2004.

TERRITÓRIO DO BRINCAR. **Extras Waapa - Brincadeiras**. Youtube, 2017. Disponível em: <https://youtu.be/SzlatKm3Mb0>. Acesso em: 20 nov. 2019.

TV ESCOLA. **Pluralidade Cultural - Índios no Brasil - Quem são eles**. Youtube, 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VOLy04zEeK8>. Acesso em: 20 nov. 2019.

WEISZ, Telma. **Alfabetização, Educação infantil e acesso à cultura escrita**: as possibilidades da escola de nove anos. Disponível em: <http://www.reescrevendoaeducacao.com.br/2006/>. Acesso em: 4 de fev. 2009.

WEISZ, Telma. **Didática da leitura e da escrita**: questões teóricas. Disponível em http://www.fe.unicamp.br/alle/textos-eventos/TW-Didatica_da_leitura_e_da_escrita.pdf. Acesso em: 3 de out. 2013.

ZISKINDI, Hélio. Hélio Ziskindi. **Meu Pé Meu Querido Pé**. Disponível em: <http://www.helioziskind.com.br/index.php?mpg=01.00.01&nfo=3&ndi=1&tipo=disco#tit>. Acesso em: 22 out. 2019.

Sites:

<http://www.avisala.org.br>

<http://www.campanhaguarani.org.br/historia/lancamento.htm>

<http://www.projetobira.com.br>

<http://www.mirim.socioambiental.org/pt-br>



MATERIAL “LER E ESCREVER” PRODUZIDO E CEDIDO PELA SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DE SÃO PAULO PARA A SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO PARANÁ.

Material elaborado pela equipe da Secretaria de Estado da Educação de São Paulo

COORDENAÇÃO, ELABORAÇÃO E REVISÃO DOS MATERIAIS “LER E ESCREVER”

CENTRO DE ENSINO FUNDAMENTAL DOS ANOS INICIAIS – CEFAI

Sonia de Gouveia Jorge (Direção)
Antonio Alcazar, Dilza Martins, Edgard de Souza Junior, Edimilson de Moraes Ribeiro, Luciana Aparecida Fakri, Márcia Soares de Araújo Feitosa, Maria José da Silva Gonçalves Irmã, Renata Rossi Fiorim Siqueira, Silvana Ferreira de Lima, Soraia Calderoni Statonato, Vasti Maria Evangelista

APOIO PEDAGÓGICO

Flavia Emanuela de Lucca Sobrano

GRUPO DE REFERÊNCIA

Carmem Lucia Jabor Botura, Claudia Barbosa Santana Mirandola, Daniele Eloise do Amaral Silveira Kobayashi, Denise Fujihara Piccolo, Dilma Soares Nichiama, Dilma Terezinha Rodrigues Franchi, Elaine Viana de Souza Palomares, Flória Maria Ventura, Inês Aparecida Bolandim

Marcomini, Leila da Silva, Luciana Ribeiro Stangari, Marcia Aparecida Barbosa Corrales, Maria Helena Sanches de Toledo, Maria Isabel de Carvalho Andrade, Maria Zulmira Brasil Kuss, Rosemary Trabold Nicácio, Sônia Aparecida Domingues Carvalho

Supervisora pedagógica do Programa Ler e Escrever

Telma Weisz

Consultora pedagógica do Programa Ler e Escrever

Katia Lomba Bräkling

Formadoras do Programa Ler e Escrever

Cristiane Pelissari, Marly de Souza Barbosa, Renata Barroso de Siqueira Frauendorf

Concepção e elaboração

Claudia Rosenberg Aratangy, Elenita Neli Beber, Marisa Garcia, Milou Sequerra, Neide Nogueira

Colaboração

Equipe do Programa Ler e Escrever

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

